



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DAS ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

**A HABITAÇÃO TEMPORÁRIA NO BARROCAL DO
DOURO – PICOTE, 1953-1957**
ANEXOS

Andreia Jorge Martins

Orientação | Prof. Dr. Sofia Aleixo
Prof. João Belo Rodeia

Mestrado em Arquitectura

Dissertação

Évora, 2018

A HABITAÇÃO TEMPORÁRIA
no Barrocal do Douro – Picote, 1953-1957
ANEXOS

THE TEMPORARY HOUSING
in Barrocal do Douro – Picote, 1953-1957
ANNEX



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Escola das Artes | Departamento de Arquitectura
Mestrado Integrado em Arquitectura

ORIENTAÇÃO
Professora Doutora Arquitecta Sofia Aleixo
Professor Arquitecto João Belo Rodeia

26609 . Andreia Jorge Martins

Évora, 2018

ÍNDICE

I. ENTREVISTAS

1. João Archer De Carvalho, 4 Junho 2013
2. Manuel Nunes De Almeida, 4 Junho 2013
3. João Archer De Carvalho, 24 Março 2015

II. ARQUIVO EDP

4. Desenhos
 - 4.1. Planos Gerais
 - 4.2. Habitações Definitivas
 - 4.3. Habitações Temporárias
5. Fotografias
 - 5.1. A construção da barragem

III. PROCESSO DE ANÁLISE

6. Registo
 - 6.1. As Habitações Temporárias na actualidade
 - 6.2. Maquete territorial
7. Análise dos Relatórios de Obra
 - 7.1. Categorias Profissionais [tabela]
 - 7.2. Evolução das construções temporárias [tabela]

IV. OUTROS DOCUMENTOS

8. Comunicação: "Habitação Temporária em Picote: arquitectura moderna e social?"

I. ENTREVISTAS

1. JOÃO ARCHER DE CARVALHO, 4 JUNHO 2013

ENTREVISTADO: Arq. João Archer de Carvalho (1928-) - Autor dos projectos da H.E.D.)

ENTREVISTADORES: Andreia Jorge Martins
António Raimundo Figueiredo Semedo
Bruno Gil Vieira da Silva
Mafalda Sofia Claudino Rodrigues

(alunos da Universidade de Évora no Mestrado Integrado em Arquitectura, ano lectivo 2012-2013, no âmbito da disciplina de Cultura Arquitectónica em Portugal, leccionada pelo Prof. Arq. João Belo Rodeia)

DATA: 04 Junho 2013

LOCAL: Domicílio do entrevistado - Porto

GRAVAÇÃO: Áudio

VALIDAÇÃO: Junho 2013

Andreia Martins

Temos este livro, que tem o projecto de recuperação.

João Archer de Carvalho

Vocês conhecem o Michel Cannattà e a Fátima?

A.M.

Não, conhecemos alguns trabalhos.

J.A.C.

Não? Vamos ver coisas à margem. [Isto] é a pousada agora reconstruída. Já esteve completamente estragada. E ganhou agora, isto que talvez vocês saibam, mas diz assim: Medalha para Picote, isto é agora, esta revista saiu agora, Março/Abril 2013. A obra de reabilitação da pousada de Picote, da autoria de Cannattà e Fernandes Arquitectos, não os conhecem vocês..

A.M.

Não, temos apenas uma assinatura aqui neste livro.

J.A.C.

Vocês, como é que é o vosso programa? Saíram hoje de Évora de manhã, foi? Apanharam muito calor? Atravessaram o Alentejo?

A.M.

Víamos pela Autoestrada, até foi rápido.

J.A.C.

Sabe que o meu hobbie principal é ser caçador, de maneira que eu vou muitas vezes caçar ao Alentejo. Tenho lá em Évora a viver, numa herdade lá, uma sobrinha minha – não me lembra agora, eles mudaram de herdade. São parentes deste, do Cabral Mexia, são do Couço, ou de Mora, têm a casa de família deles. De maneira que eu vou bastantes vezes ao Alentejo, já sei como é. A obra de realização da Pousada de Picote, da autoria de Cannattà e Fernandes Arquitectos, recebeu a medalha de prata, prémio restauro do Domus, atribuído pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Ferrara, em Itália, um reconhecimento internacional de restauração arquitectónica e conservação que contou com a participação de mais de 200 candidatos. Projectos de vários países, dentro e fora da Europa. A requalificação da estalagem do Douro Internacional construída em 1959, ficou concluída em 2010. A conjugação entre a tradição e o moderno, manteve-se, tal como a combinação harmoniosa, do cimento, ferro e vidro, com o granito, ardósia e a madeira. Quer dizer, eles ganharam um prémio notável em Itália, internacional, onde concorreram 200 projectistas para fazer a reabilitação. E eu gostei muito que isto acontecesse. Primeiro, foi maneira de valorizar a coisa que estava toda estragada. Depois, que fui eu também que consegui que o trabalho lhes fosse entregue, sem ser em concurso pela EDP, consegui na Administração da EDP, porque lá ia tudo a concurso sempre, que achei que era de uma lamentar justiça que umas pessoas que conheciam aquilo em pormenor, tudo quanto há, tinham os desenhos todos, que descobriram aquilo, por isso é que se chama Moderno Escondido, fossem agora se juntar a concurso, quando eles faziam aquilo com certeza melhor do que ninguém. E a Administração abriu uma excepção e foi entregue directamente a eles, mediante uma proposta de orçamento, não é. Eles até têm uma história engraçada! A história de vida desses dois, é porque ela é de Bemposta que é uma povoação um pouco antes de Picote. Depois estudou arquitectura, era uma aluna brilhante, e foi fazer o mestrado para Itália. Salvo erro, lá para baixo, para perto de ... perto de Sicília já. Na Calábria! E depois ele estava lá, era aluno de arquitectura,

eles casaram-se lá, ela ainda teve lá aí uns 2 ou 3 a trabalhar, e depois quando ela vinha cá passar férias à terra, Bemposta, ele vinha também e aquilo não tinha nada que fazer... andavam por ali a passear e descobriram aquilo. Descobriram aquilo e ficou completamente encantado com aquilo. Então quando voltaram a Itália, isto é a história dos tipos que deram ao público o conhecimento daquilo tudo. Então, ele era presidente em Itália de uma das melhores revistas, não sei se ainda é, ainda é muito conhecida lá, que se chama Abitare, não sei se a conhecem.

A.M.

Já a vi.

J.A.C.

Já viu o número dedicado a Picote?

A.M.

Não.

J.A.C.

Ele disse «tenho lá uma coisa bestial, que eu vi, e que vocês podiam, uma coisa extraordinária, projectada em 1954, e tal...» e eles viram cá, e não sei quê, e ficaram malucos com aquilo, por causa da época sobretudo – nessa altura faziam-se cá coisas inconcebíveis, andava-se com as escolas, que eram quase como uns carimbos nessa altura, e a gente de facto rompemos com tudo isso, fomos independentes, fomos, não digo perseguidos, nunca me senti perseguido, mas tivemos os projectos chumbados, na altura..

A.M.

Estes de Picote?

J.A.C.

Sim, sim. Tudo! Tivemos a igreja, a pousada, quase tudo. E depois houve um arquitecto em Lisboa, que era bocado mentor artístico lá do Estado Novo que nos conhecia e que lhes disse «vocês deixem os rapazes fazer!» e o poder instituído, não sei se era o Salazar em pessoa,...

Raimundo Semedo

Quem era? Já agora. Não sei se pode dizer o nome desse arquitecto.

J.A.C.

Era o Leonardo Castro Freire, fez o projecto por exemplo, tinha muita obra em Lisboa, mas uns dos projectos que o distinguiu mais foi o Hotel Penina, no Algarve. É ao pé de Lagos.

A.M.

Nós somos do Algarve, eu e [ele].

J.A.C

Ai sim? É mesmo na estrada de Portimão a Lagos, aí uns 5km de Portimão. Olhe é no caminho que sai da estrada principal, a 125, que era uma estrada assassina. De lá é que sai a estrada para Alvor, e nesse cruzamento, o Hotel Penina é esse grande hotel que há ali. E tem um golf, sobretudo o golf, é espectacular. E ele é que foi o autor disso, Leonardo Castro Freire. E só para vos mostrar aqui, isto é uma revista que saiu em... Março de 95, portanto, foi quando isto começou a ser divulgado.

A.M.

Mas por exemplo, o projecto da capela quando foi chumbado, foi alterado para depois ser aprovado? Ou manteve sempre tudo?

J.A.C.

Na, não. Não alteramos nunca nada (risos).

A.M.

Foram persistentes!

J.A.C.

É preciso ver que os tempos eram outros! Primeiro, a gente estava lá, desculpe lá o termo, no “cú de judas”, e ninguém conhecia aquilo. Aquilo é uma região lindíssima! Olhe, tenho aí outra coisa que posso mostrar. Porque eu agora fiquei muito desiludido com os meus ex-patrões da EDP, de onde eu saí há para aí 15 anos, e que agora resolveram, não sei quem foi, o arquitecto de Lisboa, ou pintor, ou sei lá, caiu no goto destes tipos e na Barragem de Bemposta, ...

A.M.

Pintou tudo de amarelo!

J.A.C.

Que eu acho que é uma coisa que não tem pés nem cabeça! Como é que ele se chama?

A.M.

É o amigo do Souto de Moura, aquele que vimos no Porto, no MESA. Há tempos tivemos a ver um documento também na televisão que passou sobre a barragem.

R.S.

Cabrita Reis!

A.M.

Pedro Cabrita Reis!

J.A.C.

O Cabrita Reis! Exactamente! Eu andava há dias para me lembrar..Aquilo não lembra ao careca! É uma falta de respeito pela engenharia sobretudo! A barragem é um elemento fundamental numa obra mas não é tudo! A barragem é fundamentalmente uma obra de engenharia. Nós tivemos uma certa polémica com a Secção Regional da Ordem os Engenheiros aqui do Porto, porque às tantas apareceu ainda, no Jornal de Notícias a dizer «as barragens são obras de engenheiros, os arquitectos, não sei quê, não sei que mais!». Foi uma parvoíce completa. Uma das coisas que a gente se pode gabar ali é que conseguimos, numa empresa eminentemente de engenharia, conseguimos metermo-nos de uma maneira que eles depois recorriam a nós, não nos dispensavam, percebe? E eu disse, quando entrei lá, tinha acabado de fazer o curso, disse «eu gosto muito de vir para cá, mas há uma condição que eu ponho: participar nas coisas de princípio, não é fazer os edifícios e e as barragens e isso, e depois a gente ir lá dar umas pinceladas! Isso não me interessa, eu quero participar com todos». E a gente teve uma sorte bestial. Quando eu acabei o curso, foi quando se fundou a Hidro-Eléctrica do Douro, que era a empresa potencialmente mais forte, com uma perspectiva de obra à frente extraordinária, e com gente toda muito nova! Entramos todos a formar uma empresa muito jovem! E isso foi ótimo para nós. Isto dedica aqui: cá está a barragem, isto é uma peça. As pessoas confundem muito uma coisa que é um erro. Uma coisa é o que se chama o Aproveitamento Hidro-Eléctrico, que é um todo. Que varia muito conforme os sítios. Outra coisa é uma barragem! E é evidente que os arquitectos – eu nunca me gabei de ter feito a barragem de Picote! A barragem é uma peça, num todo, enorme, como viu, que já foi muito maior, chegou a ter 6000 pessoas, agora são para aí 60,.. ou menos.

A.M.

Ou menos! O senhor que estava lá falou em 40 pessoas.

R.S.

Quando visitamos a barragem o senhor falou nisso.

J.A.C

Depois tem a central, tem toda a obra subterrânea, as galerias, os edifícios, e depois conforme os sítios! E como aqui não havia nada, nós aqui tivemos de fazer tudo. Fizemos habitação, fizemos pousada, fizemos uma espécie de um centro comercial, a capela, fizemos oficinas, fizemos tudo! Não havia lá nada! A gente chegou ao monte, o Presidente do Conselho de Administração da empresa que se tinha formado há um mês, ou meio mês, chamou-me e disse-me «João Archer, você vai lá, passa lá uma semana, e não faz nada! Olha para aquilo!» (risos). E foi o que fiz, percebe? É que nem estrada havia para o sítio onde a gente fez aquilo, a estrada acabava em Picote Velho. Aquela povoação, onde a gente se estabeleceu. A princípio dormíamos numa casa da aldeia que nem vidros tinha nas janelas, eram portadas de madeira, eram as casa em 1950, naquela altura. E levava um jarro de água para o quarto, dormia só com o nariz de fora da roupa e tinha o jarro na manhã seguinte gelado dentro do quarto! Aquilo foi assim que a gente viveu lá. E depois começamos a fazer coisas: começamos a fazer uma pousada provisória em madeira,...

A.M.

No sítio onde é a actual?

J.A.C.

Não, não. Numa estrada que sai mais ou menos da capela para baixo, e que se estende por ali. O que é que tem [ai]?

A.M.

Aqui no livro tenho o plano geral. Este aqui tem os desenho da época.

J.A.C.

Olhe, aí nas fotografias vê-se mal. É aqui.

A.M.

Onde agora tem um campo? De ténis?

R.S.

Um ringue de futebol.

J.A.C.

É? Não conheço.

A.M.

Ao pé da escola.

J.A.C.

A escola está por [aqui]. Porque o bairro definitivo, a zona definitiva circunscreviu-se um pouco a isto. Tinha depois a parte que era das oficinas e depois o ramal lá de cima. Tinha então 5 casas de Engenheiros, o Ténis e a Piscina, e a Pousada. Que era o ponto mais alto. Vocês desceram lá abaixo à barragem?

R.S.

Fomos lá abaixo.

A.M.

Estivemos lá dentro.

R.S. Passamos pelos túneis.

J.A.C.

Aquilo é impressionante.

A.M.

Não conseguimos ir à catedral.

J.A.C

Foi pena não terem ido. Por exemplo à de Bemposta, que foi a terceira. Já com muito mais conhecimento de causa. Quer dizer, saiu muito bonita. Está [a] também? [Essa] cadeira foi desenhada pelo Luis Cunha.

A.M.

Nós temos andado a investigar. O Professor da cadeira é o Arq. João Belo Rodeia.

J.A.C.

Ele conhece-me também.

A.M.

Pois, ele é que nos deu também aqui uma força.

J.A.C.

Ele pôs-me um distintivozinho de arquitecto, honorário da ordem.

A.M.

[Aqui] tem a Bemposta.

J.A.C.

A central é muito bonita. [Isso] é o edifício. Agora fazem-se muito essas janelas e ainda ninguém tinha feito. O que eu lhe queria falar era isto. A gente por exemplo aqui, fez uma coisa que nunca se tinha feito. É que eu comecei a questionar porquê que se fazia uma lage, em todo [este] perímetro da barragem, quando este piso praticamente não era aproveitado, só tinha o que se chama as excitatrizes, que é a cabeça do router, que vem aqui, dos três grupos por geradores, e eu achei que se podia poupar uma data de lage! E então fez-se [isto], vê: todas as outras barragens têm isto fechado e têm dois pisos. E esta tem aqui um meio piso, não é meio piso! O piso de baixo é aberto para cima em metade da área de implantação. É muito bonita esta. Esta parede é toda feita em xisto, da região. Vocês não é só Picote especificamente que querem falar..

R.S.

É essencialmente Picote, só Picote.

J.A.C.

Então estou a perder tempo com uma coisa que não vos interessa! (riso)

A.M.

Toda a informação é bem vinda.

J.A.C.

Isto é: os esteios das vinhas, foram em tempos substituídos por esteiros de madeira. Aqui no norte era todos feitos em xisto, em quartzito de Foz-Côa, que é uma pedra completamente, parece vidro, preta, e que se faziam os esteios da vinha porque aquilo nunca apodrecia. E não se partia, nem nada. E então, depois apareceram, como concorrência, os esteios de madeira tratada, e houve uma grande substituição no Douro. Depois, voltaram, estão a voltar, aos esteios primitivos, é engraçado. Então houve uma data desses esteios já produzidos, que estavam arrumados ao pé de uma povoação, que

lá há, em Vila Nova de Foz-Côa.

A.M.

Nós ficamos lá a dormir.

J.A.C.

Ficaram? Ficaram bem ou não?

R.S.

Ficamos, ficamos.

J.A.C.

Sabe que a gente meteu lá mais de um milhão, muito dinheiro lá naquilo que foi ?vindimado?.

A.M.

Estivemos a ver o museu por fora.

J.A.C.

O Museu nunca fui. Fiquei tão f**** com aquilo. Aquilo é uma coisa incrível. A gente perdeu com aquilo... Nem me vou meter nisso. Um director meu, que foi quase desp., foi posto um pouco à margem na companhia por causa de coisas desse género. Mas aquilo perdemos, como se diz, um reservatório de água. Porque segundo as previsões, este nosso século, que começou agora, mais puxado ao fim, um dos problemas que vai ter é a falta de água. E aquilo era um reservatório fabuloso, enorme de água, a montante da cascata. Conseguia-se a partir de ali, como se fosse um depósito de óptima construção, estender aquela reserva de água até ao sul do país. E por causa das gravuras pá... A barragem de Assuão, havia lá umas coisas egípcias com 5000 anos, tiraram aquilo, descascaram, puseram noutra sítio, num museu. Ali, não percebo. É que aqueles riscos... não acho que tenha espectacularidade nenhuma! Historicamente tem muito significado..

R.S.

Historicamente tem muito. Do ponto de vista artístico pode não ser do mais interessante.

J.A.C.

Eu do pouco que vi, não gostei nada. E perdemos isso. E já tínhamos começado uma obra brutal... o aproveitamento que agora estava parado. Bom, vamos então voltar ao Picote. Eu tenho várias coisas que vos posso falar. Aqui tem tudo.. os italianos publicaram tudo, as medidas,...

R.S.

Uma das dúvidas que nós queremos esclarecer...

J.A.C.

Se vocês quiserem, comecem por fazer perguntas que eu vou respondendo.

R.S.

Nós não temos muitas perguntas específicas, mas por exemplo, quais eram as influencias, o que é que liam na altura..

J.A.C.

Para isso, vão falar com o Nunes de Almeida também?, para isso é que ele é bom, muito melhor que eu. Primeiro, eu fui o chefe do gabinete de arquitectura. A seguir a mim, o plano geral fui eu que o fiz sozinho, ainda, eu trabalhei 4 anos com o Anderson, no gabinete dele, que já morreu, e depois trabalhei, entrei para a empresa e tive ainda aí um ano sozinho, depois eu disse «eu não aguento isto», depois os outros também já tinham consciência e confiança em mim, e vamos meter «e quem é que você quer?», «olhe, eu tenho um companheiro de curso que sempre foi um tipo que é muita

bom! Teve a mesma nota de curso que eu. Foi o Rogério Ramos». Tivemos os dois 20, coisa que não havia já há muito tempo na escola. E ele veio. Trabalhava nessa altura com o Losa, ou com o Viana de Lima, com um desses. E veio para empresa e o Nunes de Almeida a seguir. O Rogério Ramos entrou quase um ano depois de mim, o Nunes de Almeida um ano e tal depois de mim. Ficamos os três mais responsáveis. Depois entraram vários alunos do curso, entravam como desenhadores, estavam a tirar o curso e entraram.

A.M.

Todos cá do Porto.

J.A.C.

Nessa altura olhe, eu ainda me lembro de ver, que a gente recebeu cá há muito tempo, uma Delegação da Faculdade do Rio de Janeiro, que vinha chefiada pelo Lúcio Costa. Andámos aí com eles a passear. Nessa altura cá, sobretudo aqui no Porto, a Escola do Porto tinha muito mais cartel do que a de Lisboa. Até que montes de tipos de Lisboa, que estavam a cursar em Lisboa, vieram cá fazer os últimos anos, lembro-me bem. E quer dizer: a arquitectura brasileira teve alguma influencia em nós. Foi exactamente nessa época. Mas nós, sei lá. Acho que a gente foi mais influenciado pelo Le Corbusier, Frank Lloyd Wright, Walter Gropius, toda essa escola da Bahaus que depois foi para os Estados Unidos, fugidos ao Hitler, não é. E acho que nós fomos mais influenciados por isso. E também um bocadinho, como é que eu hei de dizer, beneficiamos de um quebrar de alguns compromissos que haviam, anteriores, liderados aqui no Porto, sobretudo, pelo Fernando Távora, que foi um tipo a quem a classe da arquitectura deve muito, tínhamos um Director de Escola extraordinário que foi o Carlos Ramos, e que foi professor, não foi só director, e também por uma série de arquitectos aqui do Porto, que se distinguiram muito, como era o Viana de Lima, que era um seguidor entusiasta do Le Corbusier, por, nessa altura, o Mário Bonito, o Arménio Losa, que era sócio do Cassiano, eu trabalhei 4 anos com o Andresen, que também uma figura mais "isolacionista", digamos assim. Isso foram as nossas raízes, digamos. E depois por outros colegas, pela vida da escola. Brincando, brincando, estive ligado à escola, e nunca perdi ano nenhum, 6 anos e meio, que era o que nessa altura levava, e estávamos misturados, lembro-me de ver lá pela escola o pintor, decano que foi homenageado,...

R.S.

O Júlio Pomar?

J.A.C.

Sim, o Júlio Pomar, e mais! A gente convivia muito com as 3 artes. Tínhamos lá os escultores, tive aulas com o Barata Feyo, [isto] que aqui está é dele, quando eu no outro dia tive uma surpresa engraçada. É que estava a ver televisão, aqui já nesta casa, e estava distraído, foi quando - eu além da caça gosto também de futebol - e estava a ver futebol, e vejo, - aquilo foi o campeonato do mundo - e começaram a dar os aspectos das cidades onde são os jogos. E deram um aspecto da cidade do Cabo, onde o Estado Português ofereceu, a Africa do Sul - isto sem ter nada a ver com futebol -, ofereceram uma estátua do Bartolomeu Dias, por causa da comemoração do Cabo das Tormentas. E a estátua que o Estado português ofereceu, foi feita pelo Barata Feyo, que até foi uma coisa polémica, como professor aqui da escola!, não por causa da estátua. E ele, a mim e ao Rogério Ramos, dava-se connosco, e pediu-nos «vocês podiam desenhar o pedestal para a estátua que o governo me pediu», e nós fizemos (risos), fizemos uma data de desenhos e olhe, deitei; ainda no outro dia, o Michel Cannattà, ia me matando (risos), quando eu lhe disse, para aí há dois anos, deitei fora os desenhos

do pedestal! Porque era um desenho quase do tamanho [desta] sala! Não me cabia, não sabia onde guardar. E estava a ver televisão e nunca tinha visto aquilo, nunca fui a África por acaso, e olho «pá, este pedestal foi desenhado por mim e pelo Rogério!» e foi! Foi de facto! Eu lembro-me, tinha aí os desenhos e tudo. Isto a propósito de todo esse mundo que a gente viveu na Escola. A Escola era a coisa que tinha um ambiente universitário espantoso, eu achei a escola uma coisa fabulosa. E sabe que a convivência com essa gente toda; eu tive o Loureiro, ofereceram-me ainda este ano o livro do Loureiro, meu colega, que foi dos grandes! A gente influenciou-se todos uns aos outros percebe. [Este] é do Pádua! [Isto] é a obra do Pádua, que também já morreu, coitado. Mais novo que eu. Ofereceu-me ... [isto] é a obra do Pádua Ramos, e tem aqui coisas de Picote. Ele fez-nos por exemplo as alfaias litúrgicas, que são lindíssimas. Foi ele que as desenhou. É que a gente depois, isto é um bocado assim. A gente quando precisou de coisas, nós recorremos às pessoas, não aquelas que tradicionalmente o poder político entregava e tal, mas coisas que confiaram em nós e disseram-nos «digam quem vem». Foi assim que apareceram as coisas do Barata Feyo, apareceu o Luis Cunha, apareceu o Pádua, apareceu outro escultor, que trabalhou connosco.. Sabe que essas coisas depois são influencias que se vão tendo. Agora tive aqui um bak!. É que eu perdi um livro que eu adorava! Já telefonei a 50 pessoas e não consigo... não consigo descobrir.. e o Loureiro foi um homem que tem uma obra muito grande aqui no Porto, eu lidei muito com ele, desde o Pavilhão Rosa Mota,.. tudo isto são influencias que a gente foi tendo na nossa formação. Tínhamos conferencias, tínhamos diálogos, com esta gente toda.

(...)

Por acaso [peguei] aqui numa outra coisa.. Toda [essa] secção [aí] da livraria é ligada a Picote. Olhe, [isto] sou eu a fazer uma conferencia, na exposição que houve na cadeia. Tenho aqui milhentas coisas ligadas a Picote.

[Isto] é o Rio Douro [aqui]. Quando se faz uma obra destas, é criada uma zona de protecção. Dentro disto, tem um limite bem definido, tem autonomia. Porque num prazo muito curto, porque agora não sei como é que é, que as coisas levam um tempo infindo!

A.M.

Isto agora é só burocracias.

J.A.C.

É e não! Ouça, aqui aconteceu só isto. O Douro Internacional, tem 3 aproveitamentos, que são dos maiores que há, Picote, Miranda e Bemposta, e chegamos também a fazer Vilar-Tabuço, que é no Távora, e isto foi... como hei de dizer, uma lacuna grave na minha formação, porque aqui nunca demos satisfações de nada a ninguém, a não ser aos nossos chefes. Isto é fundamental. Porque se fossem para lá discutir os projectos com as concessões, a gente estava tramados. Fizemos o Douro Internacional em 10 anos! As três obras, um pouco sobrepostas.

A.M.

As inaugurações foram praticamente seguidas.

J.A.C.

Houve uma certa sobreposição, género de um ano.

R.S.

O Estado não vos acompanhava muito? Não metia "o nariz" nisso?

J.A.C.

Não. Não. Nós fizemos o que nos veio à cabeça.

A.M.

Estavam lá tão longe que ninguém interferiu em nada.

J.A.C.

Não, não submetemos os projectos a ninguém a não ser à nossa administração. Tivemos muitas visitas por exemplo do Ministro das Obras Públicas, acompanhei-o várias vezes, montes de gente.. Mas eles deixaram-nos a partir de ali nós fomos sempre,...

A.M.

Tinham liberdade.

J.A.C.

Nesse aspecto não havia tempo para estarmos sujeitos... Eu fechei o escritório agora, não fui eu, mas foi a pessoa que o pagava, que eram pessoas de Lisboa, os Pereira Coutinho, que são Imobiliários, que fizeram uma coisa, que a gente tem cá, que eu fiz, com a Câmara de Matosinhos, que é a Senhora da Hora, que é uma área enorme, 36ha aqui no Porto. São 1300 fogos, que a gente fez aquilo, está tudo pronto, com campo de golfe no meio. E a gente habituou-se mal nesse exemplo. Não façam isso porque se não vêm-se aflitos na vossa vida profissional. Eu de Legislação sou um zero! Porque eu explico, nisso e noutras coisas: por exemplo, informática! Eu nunca trabalhei com computador nenhum. Sempre tudo à mão!

A.M.

Nos desenhos nota-se.

J.A.C.

Tudo! Mas é que eu explico porquê que foi um bocado disso. Agora já estou velho para isso, mas nós tínhamos uma informática muito boa, na H.E.D., com vários engenheiros a trabalhar nesse sector, com desenhadores todos, que tinham feito formação especializada nisso, eu tinha os tipos todos à minha disposição, e dizia «ponha ali, tire ali, faça assim», e aquilo funcionava tudo. Nunca precisei de me meter nisso. O que é mau, porque depois vi-me aflito em algumas circunstâncias, porque quando me reformei, depois estive ali a esfolar-me.

A.M.

A aprender AutoCad.

J.A.C.

Não aprendi muito, porque ainda arranjei umas pessoas que o faziam, a gente encomendava os trabalhos. E isso é mau. Por exemplo aqui então, 10 anos de Douro Internacional em que a gente não meteu um projecto na Câmara! E estávamos tramados se tivéssemos de meter, porque nunca mais aquilo desencravava! Na Capela, o Bispo fez um bocado de guerra ao projecto da capela, porque achava que aquilo ia revolucionar os transmontanos, que não tinha nada a ver com a doutrina da igreja e mais não sei quê. Mas nós conseguimos levar aquilo avante! Nesse aspecto também foi um bocado ????. Porque eu era católico e sabia o que era, tinha pessoas na família que eram... mas foi difícil levar isso para a frente. O melhor é fazerem-me mais perguntas, porque eu faço ligações que vos distraio...

A.M.

Chegou a ver mais algumas barragens antes de começar a desenhar estas? Foi visitar algumas?

R.S.

Fez algumas viagens?

J.A.C.

Isso fiz muito. Fiz muitas viagens por essa Europa fora. Mas é curioso que antes de Picote, não.. direi que...

A.M.

Foi às cegas?

J.A.C.

Esta foi às cegas! (risos) Tivemos gente muito boa, nova e boa, que fizeram equipe conosco de maneira que nos ajudaram muito. Tivemos um chefe de gabinetes de estudos, onde eu estava incluído, que era um tipo fantástico inteligentíssimo, o Engenheiro Pedro Nunes, que depois foi para administrador do Porto de Lisboa, esteve lá pouco tempo. Tivemos depois um outro chefe, que o sucedeu, que foi também muito bom, que foi o Engenheiro Gonçalves Henriques, e uma administração que acreditou em nós. Depois, fiz algumas viagens: da ideia por exemplo dos bairros, fui uma vez, com um engenheiro lá da companhia, que trabalhava no sector onde eu estava incluído, que na altura se chamava, Edifícios e Acessos, e fui à Feira de Milão, tinha sempre imensas novidades e tudo quanto era construção, fui ver a Barragem de Soverzene, que tinha um problema de um bairro, onde havia um bairro feito por uns italianos,...

A.M.

Isso enquanto a obra estava a avançar?

J.A.C.

Já a avançar, já. Porque a gente começou por ter casas de madeira. Mas fui a Espanha, a varias obras. R.S.

Desculpe, mas essa primeira que falou, do bairro, era onde?

J.A.C.

Soverzene, era na zona norte de Itália. Porque eu depois voltei mais duas vezes a Itália. É que depois a gente fez as três barragens que eram chamadas de barragens de alta queda, Picote, Miranda e Bemposta, com uns 70m de desnível. E depois, o Rio Douro foi dividido em dois troços: mais a montante, quando o rio entra em Portugal, é nosso; e depois,.. Vamos lá a ver. O Douro vem, percorre de leste para oeste, em Espanha. Nasce no norte de Madrid, na zona de Sória, vem por ali, passa em Salamanca, em Samora, quando chega à fronteira portuguesa, vira completamente, corre norte-sul. Faz o chamado Douro Internacional. O Douro vira para [ali]. O Douro corre quase norte-sul. E depois vira outra vez, leste-oeste, e atravessa o território português todo. E abaixo de nós, o nosso troço, que começa em Miranda, quando a gente faz o ultimo aproveitamento que é Bemposta, os aproveitamentos que se seguem, passam a ser espanhóis, que é: Aldead'ávila e Saucelle. E vira para cá. Quando vira, a topografia é completamente diferente, não tem aquelas margens espantosas que tem o Douro Internacional, e passam a ser quedas médias, quedas baixas que por acaso são altas porque têm uns 30m de altura, até que chega aqui ao Porto onde é Crestuma-Lever, que tem uma queda pequena. Nessa altura, jogam com uma grande quantidade de água e são aproveitamentos muito diferentes. Têm características bastantes diferentes. Entre outras coisas, têm as eclusas de peixe, ou as escadas de peixe, e as eclusas de navegação. Quando a gente fez o Douro internacional e tínhamos à nossa frente todo o programa do internacional, a empresa mandou-me lá fora, a mim. Com um grupo, fomos daqui: um engenheiro electrotécnico, dois engenheiros civis, dois

electrotécnicos, eu e ainda mais outro especialista.. e fomos percorrer os principais rios europeus. Andamos um mês e tal nisso. Percorremos o Ebro aqui em Espanha, depois o Pó em Itália, depois fomos ver um glaciário na Suíça, aí a 4000m de altitude ou coisa assim, depois fomos ao Danúbio, viemos ao Danúbio quase desde Budapeste até atravessar a Austria toda. Subimos Ródano, fomos lá acima a Strasburgo, e depois viemos para baixo outra vez, até Leon. Para exactamente estudar e ver os programas das eclusas, tudo, todo um mundo novo. Foi um esquema completamente diferente. Eu depois também estive noutras coisas que não teve nada a ver com Picote, que foi uma coisa de estudar as Instalações da EDP em Lisboa, da Sede em Lisboa que nunca se chegou a fazer,... Queria vos mostrar uma coisa que é impressionante.

Andei metido com sedes da EDP. Porque a gente apanhou: primeiro, Hidro-Eléctrica do Douro, depois apanhamos com esta mania da centralização em Lisboa, a gente dizia na brincadeira «não descansam enquanto não conseguirem levar o Rio Douro para Lisboa» (risos). Então, fizeram uma coisa que chamaram: a fusão da rede primária, que foi Hidro-Eléctrica do Zêzere, que era Lisboa, depois Hidro-Eléctrica do Cávado, Hidro-Eléctrica do Douro, Termo-Eléctrica Portuguesa, aqui a Tapada do Outeiro, a primeira térmica, e depois a empresa encarregada pela distribuição, que era a CNE, com o Eng. Ferreira Dias, o magnata daquilo. E depois veio a revolução e fez-se a nacionalização das empresas. Começamos na H.E.D. éramos 400. Quando foi a fusão já nem sei quantos éramos. Quando foi a nacionalização, que meteram tudo quanto era no mesmo saco, chegaram a ser 25.000 pessoas. Foi uma desordem completa, não tem descrição. Nós vivemos isso tudo, de maneira que a gente depois teve obras que não teve nada a ver com hidroeléctrica, tivemos sub-estações, o Edifício do Despacho em Sacavém, tivemos bairros em Rio Maior, fizemos obras em todo o país, no Algarve também, no Alentejo foi uma coisa curiosa que foi lá feita. Em Beja,...

A.M.

O bairro dos Alemães?

J.A.C.

Não é o bairro! É a instalação da EDP em Beja. Tenho pena de não ter nenhuma fotografia lá do sitio. De Évora a Beja é num instante.

R.S.

Por volta de uma hora, ou menos.

J.A.C.

É curioso porque o edifício tem muita piada, porque eu vivia apavorado com o calor, fui lá algumas vezes; fui lá com a minha mulher, coitada. Eu sou viúvo desde há dois anos e meio, mais ou menos. Estou aqui, quando fiz 50 anos de casado. E levava a minha mulher nessas andanças e eu tinha um pavor daquele calor de Beja que é o pior mais quente do mundo, que é uma coisa pavorosa, então eu vivia apavorado com aquilo!, num edifício próximo de distribuição de Beja. E tenho um esquema lá no edifício, em que o sol, onde depois se colocaram unidades de climatização individuais com chillers e isso, e eu fiz uma coisa que praticamente o sol não bate nas janelas. De maneira que eu estive lá, algum tempo depois, e disseram-me «você sabe que a gente quase que não usa os ventiladores? De facto o edifício não aquece». A católica do Porto, pediu-me no outro dia para escrever... uma coisa que eu devia ter [aí] junto. É de facto impressionante... se estivesse informatizado aparecia num instante, não é?

R.S.

Às vezes não é assim tão simples.

J.A.C.

Por acaso não sei onde meti isso. É porque era elucidativo. Que é: uma fotografia. Eu peço desculpa, sou sincero, mas eu não preparei nada para vocês. Falar sobre Picote, para mim, é fácil, mas quando há assim uma coisa muito específica. Era uma coisa impressionante, que é uma fotografia, da barragem de Aldeadávila, espanhola, em que dá uma noção exacta da paisagem, daquela paisagem fantástica, da brutalidade daquelas encostas do Douro Internacional, e que foi uma coisa que me marcou muito aquilo. Foi uma coisa que por exemplo, que eu digo aqui numa entrevista que eu dei. [Isto] é um bocado a história do princípio disto tudo, posso tentar ler num instante.

Por exemplo, quando me disseram «você vai lá e...» eu comecei a pensar naquilo! Quer dizer, o estaleiro de uma obra daquela dimensão, vocês não sonham o que é isso! Há aí uma fotografia que dá uma noção.

A.M.

Há uma fotografia que se vê aquela rampa....

J.A.C.

Isso é em Picote, vê-se tudo. Aquilo é um cataclismo! Que acontece ali numa zona enorme. Esta mancha preta que eu mostrei, que é a zona onde a gente tinha autoridade para fazer, há uma fotografia que apanha tudo. Dá para ter uma noção do que é isto, mas há uma que é uma brutalidade. [Esta], por exemplo, dá para ver o que isto é. A gente pensou o seguinte: estas margens são por aí 70/80m de desnível porque a cota da pousada, que ainda me lembro, é a cota 700m e qualquer coisa, e a cota do coroamento da barragem é 480m. Portanto são 250m de desnível! As margens são impressionantes, percorri isto várias vezes de barco, na caça, e é uma coisa espectacular! Percorrer os troços entre barragens de barco, é uma coisa fantástica. E eu achei, que com esta trapalhada que se trabalhava dia e noite, claro, que as pessoas não podiam viver ali em baixo, as pessoas não podiam, no fim do dia de trabalho, uma obra destas durou 4 anos a fazer, depois sobrepuseram-se um pouco, deram os 10 anos, não se podia meter o bairro comodamente perto da barragem, porque era um inferno para aqueles desgraçados! Isso foi um bocadinho complicado de fazer vingar essa teoria, porque isso acarretava para a empresa um acréscimo de despesas, não é. Está a ver o que é o transporte de todo o pessoal, tudo isso. Mas a gente lutou muito por não meter as pessoas naquele inferno lá em baixo, e daí fugimos cá para cima. Toda a paisagem aqui, e toda a morfologia do terreno, condicionaram muito a solução. E é por isso que eu tenho pena de não vos mostrar essa fotografia, que eu tenho de ter aqui!

R.S.

Está com o livro do Jorge Amado..

J.A.C.

Não está porque está assim: é um A4 e é uma fotografia espectacular! Porque mostra o que era a paisagem local. Está [aqui]! Num dos meus livros! Isso é a barragem da Aldeadávila e eu disse «oh pá, estes gajos são loucos!» Porquê? Porque isto é o exemplo do que é uma obra bem integrada na paisagem. Agora, pintarem uma barragem, não lembra ao careca! Palavra de honra! Ainda por mais que deve custar uma fortuna. Já viram a quantidade de tinta que aquilo gasta? (risos) Ele também não pintou a barragem toda, pintou uns encontros, mas de qualquer maneira, acho que é uma falta de respeito, como o que eu dizia à bocado. A barragem é uma obra de arte de engenharia,

extremamente complicada de definir o perfil do trampolim.. tudo isso são estudos difíceis e complicadíssimos. E agora um tipo, chega ali, não tem respeito por aquilo, vem de lá um pintor, o Cabrita, e pinta-me os encontros da barragem!? Esta barragem é linda aqui na paisagem. Ela não precisa de nada, só precisa de não lhe tocar. Em pouco tempo ganha a cor da pedra e das encostas e a integração é perfeita. Está a ver o que é agora...

A.M.

Agora subiu o amarelo pela parede acima.

J.A.C.

Sabe o que foi, foi o reforço de potência... mas não tem explicação. Eu ia-vos a dizer, posso tentar ler aqui um bocadinho mas mais perguntas!

A.M.

Jardins? Não haviam arquitectos paisagistas...

J.A.C.

Haviam, mas não [aqui]. No Douro Internacional não houve. Estamos em 1950! Quase que nem se sabia o que era um arquitecto paisagista. Mas nós tivemos essa preocupação muito grande. Tem uma coisa muito bonita Picote, aliás, vê-se aqui no Livro. Este livro é o seu ou é o meu? Não vai levar o meu.

R.S.

[Esse] está dedicado ao Teotónio Pereira, pertence à colecção especial.

A.M.

Este está no Fundo da nossa escola, foi emprestado em regime de excepção, pertence à escola.

J.A.C.

É do Teotónio?

R.S.

Foi dedicado e ele ofereceu a sua colecção à escola.

J.A.C.

Tenho aqui uma carta do Teotónio Pereira, querem ver? Das influencias que vocês dizem, eu adorava muito o Teotónio Pereira. Vou vos comprovar que é verdade. Isto vê-se num instantinho. É preciso é descobrir, não está a informática a funcionar. (riso) Mas eu tenho aqui. Olhe, tenho o meu currículo, não precisa dele, pois não?

A.M.

Realmente não há nenhuma biografia, não encontramos nada...

J.A.C.

Interessa, ou não? Interessa na medida por causa das datas.

R.S.

Por acaso interessava.

(...)

J.A.C.

Olhe que ainda não tremo muito!

A.M.

Eu quando chegar à sua idade...

J.A.C.

Sabe qual é? Diga lá.

A.M.

A sua? Segundo a Wikipédia são 84.

J.A.C.

Cinco! Epá! São quatro, é, é! Faça cinco daqui a uns dias.

A.M.

Qualquer coisa pede ajuda à Wikipédia que ela sabe algumas a seu respeito. (risos)

J.A.C.

É a caça que me põe assim, sabe. Tem piada porque você falou agora, tem uma dedicatória?

A.M.

Sim, de Michel Cannatà.

J.A.C.

Ah, ao Teotónio? Coitado, ele está cego. Ainda não morreu, pois não? Esse é outro Fernando, da escola do sul, outro tipo que fez muito muito pela arquitectura. Tenho uma grande consideração por ele. Isto tem de estar [aqui]. Isto é só coisas sobre Picote. Isto é o DO-CO-MO-MO, nunca sei dizer.

A.M.

Esse é muito interessante, tem toda a geração.

J.A.C.

Tenho aqui uma fotografia também do grupo ODAM. [Isto] é um escrito de Domingues Tavares, que era aqui o director da faculdade de arquitectura. Cá está outro Docomomo, não sei o que é que isto quer dizer! Eu já soube.

R.S.

É uma palavra composta, documento,...

J.A.C.

É isso, documento,... Momo é moderno, um dos "mós" (risos)

A.M.

Documento,... é um "dó", um "co" e dois "mós". Hei de procurar.

J.A.C.

[Isto] é jusante de Picote. Já viu o que era meter aqui o bairro? Primeiro nem tinha espaço. Olhe uma fotografia aérea da zona, tem aqui o bairro todo...

R.S.

Uma das preocupações foi a orientação, não foi?

J.A.C.

Isto é giro, tem aqui a estrada que faz estes lacetes.

A.M.

Nós descemos isso tudo. Íamos descer a pé, mas depois decidimos ir de carro.

J.A.C.

Nós não tínhamos paisagista, mas depois tivemos, que eu pedi a colaboração, a uma pessoa que era sobrinha com quem eu trabalhei, o Andresen, que é a Teresa Andresen, que é professora, formada nos Estados Unidos, é directora agora aqui do Jardim Botânico. E eu, pedi para a meterem lá, e ela fez já muita coisa no Douro Nacional. Lá, nós recorremos a um tipo que era um engenheiro Moreira da Silva, que era engenheiro agricultor. Nós pusemos lá milhares de árvores! Tivemos lá uma coisa, que é das coisas mais bonitas que Picote tem, é que o jardim das Casas, - onde vocês andaram por

lá, as casas estão se a estragar todas – mas os jardins, é o que digo numa coisa que escrevi, os jardins das casas são um monte, não há muros, não há casa. A casa está implantada no meio da paisagem, tem uma nervura de acesso que aproxima as pessoas, depois de uns acessos de peões locais, para ir para as garagens, mas a casa não tem limites. O monte é o limite da casa. E de facto houve ali uma convivência muito grande com as pessoas para não fazerem nada disso. E eles viveram ali, durante anos, houve muita gente que nasceu ali, que tem imensa saudades do princípio de vida que tiveram ali.

R.S.

Os barragenses.

A.M.

O senhor que nos mostrou o interior da barragem, ele tinha nascido lá.

J.A.C.

Eles adoravam aquilo, o monte era deles, não havia limites. O Teotónio escreve a propósito de Picote: Meu caro João Archer, telefono-lhe esta tarde e como não o encontro, aqui vão umas linhas com o que lhe ia dizer. Fiquei emocionado com o pequeno desdobrável que recebi sobre a exposição do Moderno Escondido. Belo título! Emocionado porque eu próprio conhecia algumas das obras dos tempos heróicos das barragens do Douro, terei também constituído involuntariamente e por omissão, para o segredo em que andaram escondidos até agora. Mas talvez não tivesse sido tão mau. A revelação assim de repente, 40 anos depois, assenta o nosso deslumbramento. Tenho até algumas fotos que reví no meu arquivo. Não me dá jeito ir agora ao Porto, terei de esperar até que venha a Lisboa. Estará isso já previsto? É indispensável. Vou falar com a Olga Quintanilha. Também regozijo por ter sido uma organização conjunta com a Associação da Arquitectura dos Arquitectos Portugueses e a Faculdade de Arquitectura do Porto. Já não nos vemos nem falamos há anos. Pelo menos, quando a exposição abrir aqui, gostarei muito de lhe dar um grande abraço. Boa exposição!. Ele era de facto uma pessoa que contribuiu muito para toda a história. Mais perguntas! Há muita coisa sabe. Aqui por exemplo foi uma coisa que me pediram para escrever, uma entrevista.

A.M.

Talvez seja uma entrevista que vem numa dissertação, que fala da cidade ideal.

R.S.

Uma tese de Doutoramento, cidade ideal vs cidade actual.

A.M.

Foi muito aí que nós nos temos baseado para o trabalho. A entrevista não vem...

J.A.C.

Vejam lá, porque se não têm isto então é que.. Tem muita coisa que pode interessar. Está é rabiscado depois por mim, que mandaram-me para ler e eu pus aqui uma data de coisas. Há mais de 50 anos, o jovem arquitecto João Archer de Carvalho, foi enviado para o Douro Internacional para projectar uma barragem que marca a história da Arquitectura Moderna.

R.S.

Tem apenas excertos, a entrevista não.

J.A.C.

Conhecia Trás-os-Montes da caça, mas jamais imaginou o que lhe esperava quando os antigos responsáveis da Hidro-Eléctrica do Douro, lhe disseram «vai para lá uma semana, senta-te numa

pedra e medita.» Isto é verdade! Quando chegou a Picote e desceu até ao rio Douro, apenas encontrou grandes fragas e penedos no estado mais selvagem. Archer de Carvalho apercebeu-se também da grandiosidade do sítio, da variedade da vegetação e do colorido das escarpas que encaixam o rio, dividindo Portugal e Espanha, e que acabam por criar o que classifica como a obra da sua vida. Ora bem, se vocês não quiserem estar a perder tempo a ouvir isto tudo, não sei. Você depois manda-me uma cópia disto.

A.M.

Eu tiro fotografia!

J.A.C.

E dá? Não vou tremer outra vez, prometo. [Nesta] segunda página, diz aqui, uma engenheira que trabalhou lá connosco no local: Um engenheiro que conheço bem, os empreendimentos hidroeléctricos do país, garante que as barragens do Douro Internacional são as mais bonitas. Nenhum pormenor foi esquecido, mesmo na zona de produção com os equipamentos encaixados na paisagem e nas entranhas da montanha, num diálogo raro entre a arquitectura e a engenharia. Na zona habitacional não há muros nem vedações, os jardins são um monte, ?? . Alguns registos asseguram que chegaram a viver ali mais de 6000 pessoas, no tempo áureos da construção da barragem que ganhou o nome da velha aldeia de Picote. Quando Conceição Domingues ali chegou, a escola do Barrocal do Douro tinha duas salas cheias de crianças. Em 1991, foi a debandada com a centralização do telecomando das barragens do Douro na Régua. Os funcionários foram transferidos e as zonas habitacionais vendidas, e em grande parte, alguns equipamentos entregues à câmara local, reduzindo o Barrocal a 60 pessoas. Depois a Câmara encarregou-se de fazer umas coisas.. mas claro, as pessoas são selvagens, são pouco esclarecidas! O centro comercial tinha uma estrutura muito sui generis, que definia uma galeria central aí com 3m de largura, e depois tinha uns pilares e tinha umas consolas, para um lado e outro, que faziam o movimento e eram contra balançadas uma com a outra. Quer dizer, o contra-peso da consola por outros lados... Os tipos chegaram ali, ligaram aquilo tudo, foi uma adulteração completa do projecto. Mas a gente não podia fazer nada, aquilo tinha sido entregue à câmara, e nós... aconteceu com imensas coisas. Aconteceram coisas engraçadas, a conceição aqui diz e é de facto bestial.

A.M.

Agora é um albergue. A escola é um café.

J.A.C.

A EDP ficou apenas com a pousada, o campo de ténis, a piscina e o bairro dos engenheiros. Falta aqui a capela! Edifícios com marcas de abandono, de fazer inveja a qualquer moradia ou qualquer empreendimento moderno. Uma associação local de jovens, chamada Frauga, está a tentar convencer a EDP a abrir pelo menos a piscina à população. A escola é agora um café, onde um grupo de habitantes afirmou à Lusa, que ainda vão afastar mais gente com isto da classificação. Começaram-se a sentir espoliados com isto da classificação. Julieta Pereira, está contente com a distinção, mas considera as delimitações da classificação exageradas, razão maior do ser desagrado foi ter visto o projecto de uma moradia limitado a 120m² quando tinha 3000m² de terreno! (risos). Começaram a por leis! Conceição Domingues é quadro da EDP há 25 anos e começou a sua carreira de engenheira neste novo mundo, que contou desde cedo com a ruralidade e com o atraso que povoava o interior do país. Vivi aqui os melhores anos da minha vida! É engraçado como as pessoas ficaram agarradas

àquilo. Tirou da primeira?

A.M.

Tirei sim senhor, da primeira e da segunda. Nós temos é de ir embora...

J.A.C.

Têm? Então vamos tirar as outras senão não fica nada.

A.M.

Isto hoje em dia basta assim.

J.A.C.

Já não me lembrava que tinha tantas páginas. Estão aqui as 3, o rio. Vocês quanto tempo é que demoram daqui até lá? Eu no outro dia demorei 4h.

A.M.

Fizemos 4h. Saímos de lá às 08:15h, chegamos era meio dia.

J.A.C.

Mas fomos à noite. Quando dava por ela devíamos de ir a 200km/h! (risos) Tinha trabalhado aqui, depois tinha de me levantar no dia seguinte às 06h da manhã, e tínhamos de ir jantar a um sítio lá que se come muito bem. Um sítio bestial. Não sei em que mais vos posso ajudar.

R.S.

Já levamos muita informação, que não estava nos livros.

J.A.C.

Chegou? Ainda bem! Se tivéssemos mais tempo descobriríamos ainda mais coisas. Voltem cá outro dia.

A.M.

Agora já sabemos onde é que é a porta.

J.A.C.

Podem vir, é só avisar. Eu se tivéssemos tido tempo, tinha vos levado a esse sitio da Senhora da Hora, que é muito bonito. O projecto das casas tem uma da Fátima Fernandes e do Cannattà, que é uma casa toda feita em alumínio, é hiper moderna, mas é bem feita. Nós não fizemos os projectos das habitações, fizemos o planeamento todo, as infraestruturas e vendemos os lotes. E tem lá 1300 fogos, 5000 pessoas. Projectos há muitos muito bons, o Francisco Vieira de Campos tem lá obra, Soutinho tem lá obra, trabalhou comigo no plano também, eu tenho lá também ó casas, que fazem um conjunto que é bonito. Agora está a fazer uma do Souto de Moura - a minha mulher ficava doida porque dizia que era uma porcaria - porque de facto, fundamentalmente a casa... Eu fiz o projecto das casas e o Soutinho dos blocos de habitação. E as casas são de um piso, rés-de-chão e um piso! E o Souto de Moura fez uma que é toda em res-de-chão, chamada a casa páteo, mas é um quadrado, que tem aí 25x25m de lote, e que encosta a outro lote, e tem as 4 paredes brancas, sem nenhuma janela. É aberta para dentro. Tem uma porta! Tem uma defesa sobretudo climatérica, no Alentejo. Mas a minha mulher dizia-se e eu dava-lhe um pouco de razão «estou-me a ver nesta casa, por exemplo quando tiver uma gripe, fechada 8 dias em casa, virada para o pátio, que eu fico ??? de certeza!» (risos) e é um bocado verdade. Vocês então não viram nada cá.

R.S.

Já temos vindo outras vezes. Hoje foi só para isto.

J.A.C.

Estão agora a fazer duas casas ali na Avenida da Boavista, muito bonitas. Viram essas? Um dia que venham cá, apitem-me que eu vou com vocês.

| Terminou a entrevista perto das 15:40h |

CURRICULUM VITAE

IDENTIFICAÇÃO

Nome: João Alexandre Cabral Archer de Carvalho

Data de Nascimento: 19 de Junho de 1928

Nacionalidade: Portuguesa

HABILITAÇÕES ACADÉMICAS E FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

Curso Superior de Arquitectura - Defesa de Tese em Junho de 1953 com classificação de 20 valores (data da Carta de Curso – 9.9.1953)

Seminário de Planeamento Urbano promovido pelo Gabinete da Área de Sines em 1973

Curso de Gestão no âmbito da CPE, promovido pela Norma em 1974

Curso de "Análise de Problemas e Tomada de Decisões" da Unidade de Formação do Porto da CPE em 1979

Francês

ACTIVIDADE PROFISSIONAL

De 1949 a 1953 trabalhou no atelier do Arqº João Andresen tendo, em colaboração com este, obtido o 3º prémio do concurso "Lusalite", e o 3º prémio para um bairro das Caixas da Previdência na cidade da Guarda e uma menção especial no concurso para as instalações da Empresa de Pesca de Aveiro.

Durante este período colaborou em numerosos outros trabalhos dos quais se referem: moradia em Valongo, casa de férias em Carreço (Motedor), blocos residenciais, bairro para as Caixas de Previdência em Bragança (programa que serviu de base para a defesa da Tese), pousada de Lamego, habitação em Caxias, Agência bancária em Guimarães e plano de urbanização de Penacova.

Tomou parte activa da II reunião Geral de Arquitectos (Lisboa 1966) tendo feito parte do "Grupo 3" que redigiu os documentos reguladores da actividade profissional do arquitecto, alguns deles ainda hoje em uso.

Em colaboração com o Arqº João Andresen deu o seu apoio ao movimento ODAM tendo participado nos trabalhos da exposição realizada em 1952.

Referem-se ainda alguns dos seus trabalhos particulares, posto de abastecimento da Shell em Matosinhos, remodelação da casa de um médico em S.Mamede, estabelecimento/discoteca "Clave" no Porto (estes em colaboração com o Arqº Rogério Ramos) e arranjo dos escritórios da "Portucel" na Rua Rodrigues Sampaio (Porto) em colaboração com o Arqº António Cândido.

- Em 15.11.53 entrada oficial para a H.E.D. para quem desde algum tempo realizava algum trabalho.

- Em 01.03.55 deu a entrada par ao quadro orgânico desta empresa como Arqº de 3ª para a qual até

então trabalhava em regime de tempo inteiro mas com remuneração horária.

- Em Janeiro de 1957 promoção a arquitecto de 2ª
 - Em Janeiro de 1959 promoção a arquitecto de 1ª
 - Em Outubro de 1965 promoção a arquitecto de 1ªA
 - Em 1956 tomou parte numa viagem de estudo a Itália, Suíça, Alemanha e França na qual foram visitados vários aproveitamentos hidro-electricos, bairros de habitação social, os estaleiros de pré-fabricação "Camus", a Feira de Milão e a Brown-Boveri.
 - Em 1958 participou, em Liège, no 24º Congresso Internacional de Habitação e Urbanismo.
- Neste mesmo ano esteve na Exposição Internacional de Bruxelas e visitou cidades satélites de Londres.
- Fez parte da Secção de Edifícios e Acessos dos Serviços de Engº Civil até 1960 tendo em Janeiro de 1960 sido encarregado de chefiar a Secção de Arquitectura dos Serviços de Estudos de Engº Civil.
 - Em 1964 tomou parte numa missão de estudo e recolha de elementos que visitou, na Europa, alguns dos principais aproveitamentos hidro-electricos de baixa queda nos rios Ebro, Pó, Danúbio, Reno, Ródano e Durance.

Nesta viagem foi ainda à exposição Nacional Suíça de Lausanne.

- Em Fevereiro de 1971 foi nomeado chefe do Gabinete de Arquitectura da CPE, cargo que exerceu até 1986 (desde 1975 já no âmbito da EDP)
- Em 1973 visitou vários grandes edifícios de escritórios de empresas europeias, integrando GT criado com o objectivo de promover o projecto do edifício sede da CPE que se pretendia construir em Lisboa:
 - Hamburgo – HEW (dois edifícios da Empresa de Electricidade), BP e Unilever
 - Bruxelas – Intercom, Berlaymont (Mercado Comum), Electrobel e Philips
 - Paris – EDF (Rue Murat), EDF (Défense) e BP.
- A partir de 1986, e até ao presente, faz parte do grupo de Assessores da Direcção Operacional do Equipamento Hidráulico e tem estado incluído em numerosos Grupos de Trabalho como actualmente acontece no GTAI (Alienação de Imóveis), GTI (Imagem); GTPA (Pequenos aproveitamentos), Miranda II e Picote II.

OUTROS ELEMENTOS

Foi Membro da Direcção da Associação da sua classe profissional – então Sindicato Nacional dos Arquitectos – durante dois mandatos (4 anos).

Durante cerca de 1 ano foi Arqº Consultor da Câmara Municipal de Mirandela por nomeação do M.O.P.

Em 1972 foi-lhe conferido o grau de "Comendador" da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial (Classe de Mérito Industrial), pela sua actividade na HED e CPE.

Porto, Maio de 1991.

| curriculum vitae cedido pelo próprio |

Nota: A 8 de Outubro de 2010 foi congratulado com o estatuto de Membro Honorário da Ordem dos Arquitectos.

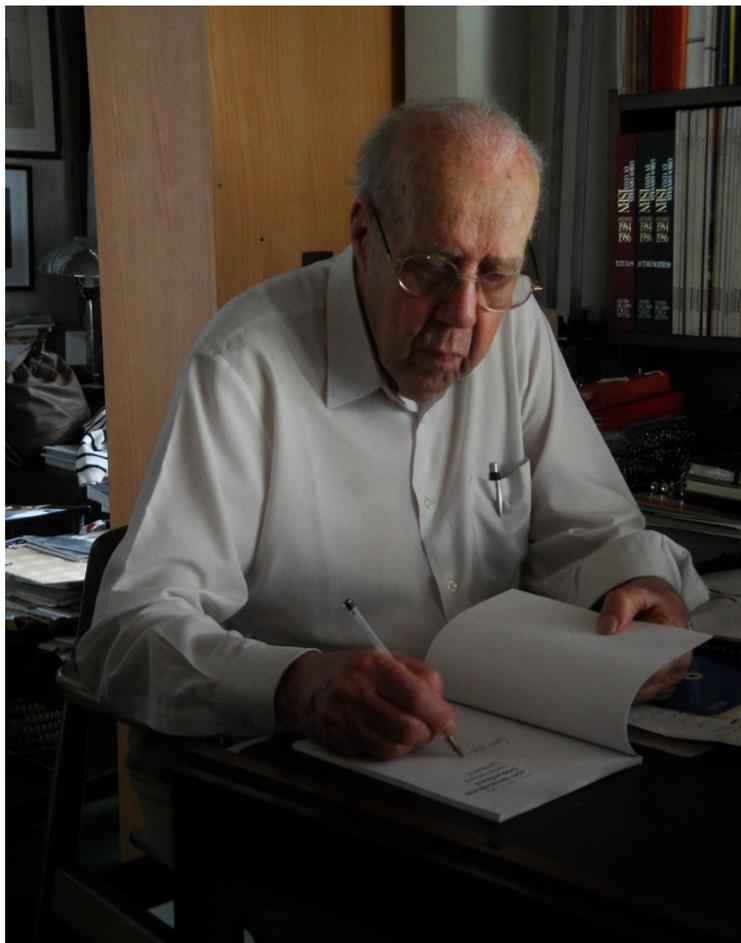
2. MANUEL NUNES DE ALMEIDA, 4 JUNHO 2013

ENTREVISTADO: Arq. Manuel Nunes de Almeida (1924-2014) - Autor dos projectos da H.E.D.

ENTREVISTADORES: Andreia Jorge Martins
António Raimundo Figueiredo Semedo
Bruno Gil Vieira da Silva
Mafalda Sofia Claudino Rodrigues
(alunos da Universidade de Évora no Mestrado Integrado em Arquitectura, ano lectivo 2012-2013, no âmbito da disciplina de Cultura Arquitectónica em Portugal, leccionada pelo Prof. Arq. João Belo Rodeia)

DATA: 04 Junho 2013
LOCAL: Domicílio do entrevistado - Porto
GRAVAÇÃO: Áudio

VALIDAÇÃO: Junho 2013



001| Fotografia:

Manuel Nunes de Almeida, autografa um livro de oferta para a Biblioteca do Colégio dos Leões, Universidade de Évora (após entrevista).

Autor: Andreia Martins (2013)

Catálogo publicado por ocasião da exposição realizada de Manuel Nunes de Almeida "com temporâneas [vislumbres]", patente na Galeria dos Leões, no Porto, entre 15 de Janeiro e 15 de Fevereiro de 2011, organizada pela FAUP.

MANUEL NUNES DE ALMEIDA

Abriu a escola e aconteceu uma coisa, que acaba por ser interessante, é que a maior parte, 50% dos alunos não eram de cá, eram do Sul, porque a escola de Lisboa estava fechada. Quer dizer, era o cânone, quem saísse do cânone, não passava. Eram as ordens da arquitectura, da Grécia e pronto.

O Carlos Ramos dizia, «vocês podem fazer o que quiserem, desde que justifiquem», e nós!

Primeiro como isto estava duro e difícil, o Ministro das Obras Públicas que eram quem tutelava a escola – não sei porquê, porque devia ser o Ministro da Educação – que era um Engenheiro Ulrich, disse ao Carlos Ramos, que o tratava por tu: «então os vossos alunos lá em cima, estão a fazer umas coisas muito esquisitas!».

O Carlos Ramos vivia como que num pau de dois bicos – ele vivia em Lisboa, mas vinha para cá à segunda-feira e depois ia embora novamente para Lisboa – e ele disse, «pois é, é que nós agora temos uma biblioteca, os alunos vão fora, temos convidado alguns, como o Lúcio Costa para cá vir,...», e ele disse «então é fácil, não convidas pessoas, fechas a biblioteca e não compras revistas!». Era nesse ambiente que a gente vivia.

O que é de facto é que eu fiz aqui a escola, e formei-me, defendi o CODA, como se chamava na altura, com aquela igreja que vocês conhecem. Levei um painel que podem ver [alí], que levei quando fui defender, e [aquela] fotografia de baixo fez uma grande aflição ao júri, não aos de aqui, mas aos que vieram de Coimbra e Lisboa. Achavam que era estranho, que não tinha sentido. Tive um 19, não tive um 20 porque houve uma frequência que tive negativa, e quem tivesse uma negativa no curso todo, não podia ter 20, claro. Eu faltei a uma frequência, estive doente, ... Mas isso é um pormenor.

Portanto, estava em Lisboa a ajudar um amigo, e ligaram-me daqui a perguntar se eu queria ir trabalhar para a Hidro-Eléctrica do Douro, e eu disse «para quê?», porque haviam aí muitos arquitectos que fazia de desenhadores!, «é para fazer projecto», e eu disse «então vou». E fiz então aquela capela, quando estava ainda com uns meses de formatura. Depois aconteceu que, nesta altura, isso é que é uma coisa importante de se dizer talvez:

Nos anos 50, no princípio dos anos 50, nós fomos muito influenciados por aqueles que tinham informação, não é, por aquilo que se chama o Segundo Modernismo. Dois anos ou três depois, apareceu o Inquérito do Sindicato que vocês conhecem com certeza, que foi procurar as raízes populares e não sei quê. Uns faziam aquilo que era seco, e que não tinha ornamento nenhum. Os outros foram por outro caminho. Nós, eu e os meus colegas, que trabalhámos [alí], escolhemos a secura e por alí fomos.

Acontece que mesmo nas grandes obras dos arquitectos da altura, o Siza Vieira, as primeiras obras, tem muito vernáculo. Quer dizer, eles foram envergando por essa via. E nós, seguimos aquilo que diz o Adolf Loos, até [pus aqui este livro], que em 1908, este senhor disse «o ornamento é crime». Isso foi sempre o meu lema. Eu até vou ler aqui uma coisa que escrevi no outro dia, rapidamente:

Quando nós chegámos lá, o terreno que havia para instalar o aglomerado, previsto para 4000 pessoas, era completamente isolado, sem qualquer intervenção humana visível, com uma topografia e morfologia muito fora do comum, com grandes fragas e rochas arredondadas, muito pouca vegetação, escala geral e especificidade dos terrenos não permitiam qualquer aproximação no sentido do enquadramento.

Quer dizer, isto era tão forte que a gente não podia,... tivemos de ir pelo inverso.

Portanto, foi com implantações muito estudadas, interpondo paredes e volumes brancos, e simples,

entre os enormes penedos e fragas, que se procurou um efeito de surpresa que eventualmente fizesse esquecer e diminuir as grandes diferenças entre natural e construído.

Portanto: Os princípios gerais que orientaram a execução dos projectos podem-se considerar tremendos nas respostas a informar o que vêm ??abaixo?? do segundo modernismo, que abrangeu todas as outras artes e assim se escreve seguidamente: Respeito pelo sítio e ambiente enquadrado, exclusão de formas, elementos decorativos e/ou vernáculos por não necessários. Cumprimento integral das funções e sua articulação.

Quer dizer, sem ter uma planta rigorosamente funcional, a gente não andava para a frente. Pensávamos nos alçados às vezes para compensar as dificuldades que a articulação das funções trazia.

De uma maneira geral, a forma deve sentir a função não excluindo totalmente a inclusão de algum conteúdo semântico.

Era este output que surgia da forma, foi uma coisa que andava nessa altura também.. e quem andava com os olhos abertos, entendeu, quem não andava, foi pelo vernáculo fora. Eu não estou a dizer mal dos outros, não estou. Por exemplo, a Casa de Chá da Boa Nova, tem muito vernáculo, muito bem feito aquilo, mas o Siza depois raspou-se. E o Távora também, as primeiras coisas que fez, não sendo pela via do vernáculo, como diz o Siza, que o Távora cresceu.

Lógica na corelação das plantas, com alçados e volumes. Articulação funcional de espaços e formas de modo a garantir o uso racional das instalações, com pormenorização geral com consistência construtiva, em clemencia com a integração do projecto.

É isto mais ou menos, podem ficar com o papel.

Então, eu sempre tive muita curiosidade sobre aquilo que se está a fazer, agora. Não é ontem, é agora mesmo. Aquilo que está para trás, não digo que seja mau, mas está codificado, se eu quiser vou lá. O que se está a fazer agora, é preciso andar com os pés muito leves para entender o que se está a fazer. O que se está a fazer agora em quê? Na arquitetura, na pintura, na escultura, na música, no mundo das artes de uma maneira geral, que foi por aí que eu andei. Andei e fiz. Ah, e também, ir ver! Eu comecei a viajar com 18 anos. Com 19 fui a Marsella ver o Bloco de Marsella do Corbusier, até trouxe um perfil que tenho [alí]. E estive em todos os sítios, desde ir a Stands na altura. Nós quando estávamos no terceiro ano, ou no quarto, trabalhávamos à noite, todos os arquitectos. Enfim, nós tínhamos um grande défice era na pormenorização. Nos projecto, pronto, a gente fazia. Agora pormenorizar, era muito difícil. Era fazer com o que havia cá, o que o comércio nos dava. Portanto, íamos trabalhar com os arquitectos mais velhos por duas razões: Primeiro, por isso. Depois, para ganhar algum dinheiro, porque a gente com o dinheiro, out! Se não, não saíamos daqui. Mas poucos. Outros não podia, porque casavam, tinham filhos, não tinham dinheiro,... Eu tive sempre liberdade para fazer.

Portanto, as viagens e a minha orientação no sentido de querer saber o que se está a fazer agora, deitaram um ninho para o que está aí a vir, mantenho ainda hoje. E então, - vou fazer aqui um desvio pequeno - os jovens artistas aqui do Porto e de Lisboa, alguns vieram já aqui a minha casa, muitas vezes, durante a minha vida, falar comigo pois eu sabia aquilo que lhes ensinava e entretanto, comecei a fazer uma procura mais documentada sobre outros assuntos e que levava ao director artístico aqui de Serralves, o professor Fernando Pernes, uma pessoa extraordinária.

E depois eles convidaram-me para ir para lá. Mandaram-me um bilhete e eu lá fui, para a Comissão

de Compras, para comprar aquilo que seria bom para o museu e tínhamos de assinar por baixo. Estive lá sete anos e isso deu grande abalo à minha memória, mas foi extraordinário.

Por exemplo, estive em Londres quando foi inaugurado o Royal Festival Hall, que era um projecto brutalista que na altura estava na moda. Depois havia a Pop também, que tinha saltado de Paris para Londres. Eu apanhei aquela Pop toda por daí adiante, que foi uma coisa que nunca mais esqueço. Estive sorte por estar nos sítios e bem, porque calhou. Porque eu fui à inauguração do Royal Festival Hall porque tinha um amigo que conhecia as pessoas, e fomos. Eu não me esqueço.

Outra coisa, na pintura, eu sentia-me bem. Quer dizer, eu hoje ainda me sinto bem com a emergência, com os artistas emergentes. Acontece que, acho que o arquitecto não é só arquitecto. O arquitecto, o Siza, a especialidade dele é não ser especialista. Eu vejo aqui alguns colegas nossos, eu não estou a dizer mal, pelo contrário, que convergem à noite, vão jantar e falam de arquitectura todo o dia, à noite, semanas e semanas e semanas, e o resto para eles não há. Eu sou o contrário. Tenho visto situações que acho que me ajudaram muito e o arquitecto no fundo não é um especialista, é um jornalista generalista.

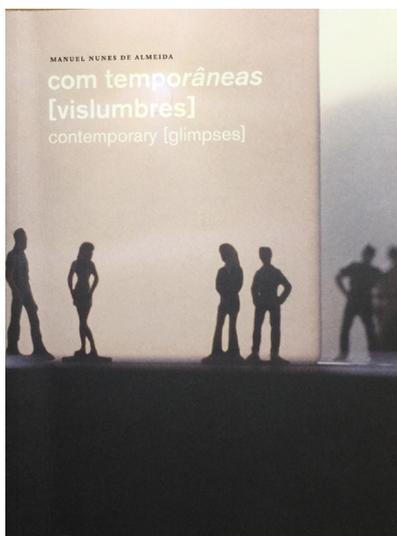
Eu queria vos mostrar uma coisa. Esta igreja, não sei que data é que tem, mas é dos anos 50 e tal, do Teotónio Pereira. Mas como é do Teotónio, uma pessoa extraordinária, não há dúvida nenhuma, mas quando ele fez isto, já eu tinha feito aquilo, não é, que é muito diferente. Isto parece um radiador de um automóvel! Não estou a dizer mal do senhor porque eu tenho muita consideração por ele, mas a nossa arquitectura esteve no limbo 40 anos! E só apareceu porque o Michel Cannattà casou com a Fátima Fernandes, e ela era dali, passaram por lá, e foram para Milão, ele era redator da Revista *Habitare*, e levou aquilo, acharam espantoso, e a próxima revista já saiu com aquilo. Queriam cá vir mas não chegaram a vir.

Foram 40 anos. As pessoas não sabiam. Há uma fotografia muito engraçada que é de uma coisa em Miranda do Douro, projectada pelo meu colega Archer, e que tem um carro parado, um Peugeot 404. Então parece que, quando as pessoas vêm aquilo, perguntam «então vocês ainda usam estes carros?», «não! Esses carros têm 40 anos, a arquitectura é que parece que está mais à frente».

Eu fiz várias incursões, pessoais. Além da minha actividade, dos conhecimentos que adquiri, também fiz algumas coisas. Como por exemplo, 3 exposições de fotografia, eu não sou fotógrafo, uso a máquina fotográfica como quem usa uma caneta, um pincel ou outra coisa qualquer - não lhe dou categoria nenhuma, nem sei fazer fotografia, nem sei de fotografia o suficiente

O certo é que foi algo que eu fiz nos anos 60, aqui em casa, e que um professor aqui da faculdade, que é meu amigo, estava aqui e viu um slide e «mas o que é isto?», «é uma coisa que eu fiz», «e tens mais?» «tenho! Caixas cheias». Então, levou-os e foi a primeira exposição que fiz, fiz três. Uma fiz no ano passado, na reitoria aqui da faculdade; a reitoria de Belas Artes quando viram, «ah, a gente também quer fazer isto». Eu não fiz nada, só dei os slides e eles fizeram tudo. Expus na reitoria da faculdade e tenho aqui um catálogo.

Isto na altura dos anos 60 era uma maluquice terrível. Eu vou mandar um para a vossa biblioteca. Isto tem dois textos, um deles, o segundo, que é produzido pelo Fernando José Pereira, agarra-me bem. É um tipo que deve ser um dos mais adaptados, dotados,... eu estou um pouco cansado que ando a tomar uns medicamentos e um deles afecta-me a fala, o outro falta-me as forças, mas tenho de tomar. Então, aqui têm os livros. Isso foi um sucesso extraordinário. Simplesmente não se fizeram mais exposições porque eu nunca quis vender nada. Se eu quisesse vender, os galerias pegavam logo



002| Capa do Livro:

"com temporâneas [vislumbres]"

Catálogo publicado por ocasião da exposição realizada de Manuel Nunes de Almeida "com temporâneas [vislumbres]", patente na Galeria dos Leões, no Porto, entre 15 de Janeiro e 15 de Fevereiro de 2011, organizada pela FAUP.

nisto. Eu nunca quis. Esse catálogo dizem que foi bem feito, foi feito por Serralves, não em Serralves, mas por pessoas que eu conhecia lá e que o fizeram.

Eu fiz incursões dessas. Na pintura, na fotografia, que não é fotografia, é outra coisa, e essencialmente poesia, que tenho [esta] estante que está aqui, mais duas que tenho lá dentro. A poesia é que se arrasta tudo no fim, porquê? Porque tem a palavra e a palavra é a expressão máxima. Uma pessoa com um pincel, para passar uma ideia qualquer, passa logo directamente. Compro todos os dias, ou quase todos os dias, um livro de poesia.

Estive em vários sítios. Estive nos júris da Arvore, uma companhia aqui do Porto, que começou muito bem e que agora não está nada bem, mas na altura havia um júri para as exposições. Eu estive nesses júris, estive em vários júris por aí.

Depois, os primeiros 10 anos, ainda em relação à empresa, nós fizemos 3 barragens. Não chegou a 3 anos e tal cada uma! A última que fizemos foi Alto Lindoso, foi agora, há uns poucos anos atrás e demorou 7! Na altura não havia tecnologia. Havia sim, um espírito de serviço, como se fôssemos funcionários públicos muito exemplares, trabalhávamos muito, e muitos. Trabalhávamos muito à noite, os arquitectos e os desenhadores, nem todos, só alguns, mas toda a noite. Depois às 06h da manhã íamos levar depois os desenhos ali à estação do comboio, dávamos aquilo ao Chefe da Estação, ele dava ao maquinista, ele levava aquilo para estar lá em cima ao meio dia, para dar lá a um colega nosso, para ver os desenhos e explicar tudo. Aquilo andou depressa também por isso. Mas isto foi um aparte.

Depois disso, 10 anos, estive 20 anos nas Técnicas, em Lisboa. Eu ia à segunda feira, vinha à sexta. Eles queriam que eu fosse para lá, mas eu não queria porque esta casa, é como um instrumento que toca.. porque se eu quiser ler tenho aqui, se eu quiser fazer não sei quantos, tenho ali, portanto tenho aqui tudo. É pequeno, eu vivo aqui sozinho não é, mas posso vos mostrar depois os pontos onde eu me apoio.

Estive nas grandes centrais Térmicas que foram Setúbal, Sines e Pego. Quando eu apareci, a deslocar-me daqui, para Lisboa, para as Centrais Térmicas, pertencia à empresa na mesma. Estava aqui mas eu ia para lá e depois eles pagavam.

Quando lá cheguei, estava em causa uma Central em Viana do Castelo, não sei se conhecem Viana do Castelo. [Aqui] é o mar, [aqui] é o rio, e Viana do Castelo é uma coisa assim [aqui]. A Central, que eles projectaram antes de eu chegar, não haviam arquitectos. Eram assim, a mesma área urbana, junto ao mar, num sítio lindíssimo, a chaminé passava dois ou três terços acima do monte de santa luzia, que era uma coisa, ... E outras coisas. Era preciso desmontar o monte, 300m de largura, .. era uma coisa horrível. Então eles pediram-me a mim, que fizesse, alindasse a moça, que fizesse uma coisa tal e tal, para conseguir. Eu entendi que era ao contrário. Fui para lá com a máquina fotográfica e comecei a fazer simulações, não haviam computadores não é.

De maneiras que fui com um engenheiro, que era professor na faculdade, fizemos uma simulação, pintamos com guache, as situações todas, descrevemos a dizer que era possível fazer e pronto, esse dossier, que chamavam o dossier negro, andou aqui no comboio, no alfa não sei quantos, então diziam «isso já anda no alfa e tal!». Depois o director perguntou-me «então mas você, trabalha conosco ou para quem?», e eu disse «perguntaram-me o que é que eu achava e eu achei, eu escrevi». Depois senti-me lá muito bem, trataram-me muito bem, as pessoas são muito boas e tive muito gosto de lá ir trabalhar. Estive nas 3 centrais.

Para terem uma ideia do que é uma central destas, Picote tem 180Mw, cada central, tem em média, 3 máquinas, cada uma com 350Mw! 350 vezes 3, comparado com 180, a gente faz [assim] e aquilo começa logo a trabalhar. Simplesmente tem poluição, e é caro! A água que passa nas turbinas da hidroelectricidade não custa dinheiro, é água na natureza. Mas para trabalhar para a base de diagrama, como eles dizem, aquilo trabalha um pouco e depois pára. Foi undegree. Mas isso também me abriu outros caminhos, em Lisboa vi muitas coisas. Trabalhava até às 18h e depois ia para aqui, ia para ali.

Então, outra coisa que eu faço com muita frequência é ler textos. Manda-me textos pelo correio, quer dizer, eu não vou mudar as ideias das pessoas, mas vou mudar a maneira como se pode dizer de maneira melhor. Eu faço isso, até teses me têm mandado para aqui. Pego no telefone, depois na página tal isto, na página aquilo,... e ajudo. Gosto muito de fazer isso. Nesse campo, também fiz uma coisa engraçada que está ali um dicionário, o vermelho [ali], para o qual eu fiz 600 entradas! Quer dizer, a linguagem do dicionário não é a nossa linguagem, é uma linguagem própria que ele tem. É muito difícil arranjar uma coisa que seja elucidativa e que não tenha nuances.

De maneira que eu tinha duas pessoas que me fazia a procura nos dicionários em geral, português, italiano, e depois aquilo vinha para mim, e eu fazia a síntese, sobre arte contemporânea, que é onde se impõe.

Está [ali] um livro que diz Olímpico. O Olímpico é um café daqueles dos anos 50, muito ordinários, que tem na cave bilhar, e os artistas emergentes, que não querem de maneira nenhuma entrar no enquadramento comercial, então foram para ali. O café chamava-se Olímpico e eles chamavam-se os Olímpicos. Era ali que eles faziam as exposições. Eu fui a primeira pessoa a comprar lá, comprei de propósito, para dar a minha cara. Aquilo depois estava muito dedicado a mim, eles vinham aqui a casa, a gente falava.. Ainda hoje conheço muitos artistas da [vossa idade], andam ainda na faculdade.. [isto] é uma fotografia que me mandaram ali [daquela] capela. Eu faço muitos desenhos, todos os dias faço um desenho. Encontrei este ali à pouco..

fiz muitas coisas para interiores, para pessoas. Fiz para um amigo, a sala de espera – isto é um exemplo.

Isto é uma central térmica em construção, falta ainda mais um bocado para [ali]. Mas [isto] que está aqui, onde eu [tenho] a mão, é uma pessoa. Cada máquina tinha cem metros, é um campo de futebol. Eu não arranjei aqui fotografias, tenho-as ali mas não encontrei. Por exemplo, para escolher esta cor, isto é uma chapa que se compra,.. Em Sines, tem mar, tem a poluição industrial que lá há. Misturada rebenta com as chapas todas. As chapas da siderurgia não duram 3 meses! É recuperar uma chapa boa, que tem sandwich, tem duas partes pintadas dos dois lados e a chapa no meio. Isto vai ficar tudo verde, aqui para trás é tudo verde.. e é para se diluir na paisagem. Tem uma intrusão terrível!

Também faço umas pinturas, maiores, mais pequenas,..

Queria dizer uma coisa que é muito importante para vocês.

Isto que aqui está hoje, chama-se – como é que se chama aquela coisa que há nas cozinhas, abre-se a porta e aquece as coisas? - casa Micro-ondas. Esta casa Micro-Ondas, eu fui lá em 1953, 54, trinta anos depois, Souto de Moura, não copiou nada, ninguém sabia disto que estava ali, começou a fazer casas micro-ondas também. Istá tudo cheio de ervas agora, não se repara.

Considero a grande coisa que fiz na minha vida, foi esta casa, que está podre. A Casa dos Engenheiros,

Picote. Fiz 5, T3 t T4.

ANDREIA MARTINS. «Esta foto é de quanto? As casas agora estão beges!»

M.N.A. Eu fiz tudo em branco, não sei quem é que as pintou depois.

A.M. «Sempre pensámos que seriam beges»

M.N.A. Olhe, [isto] é a maquete que eu fiz com um carpinteiro lá da empresa. Fotografias, também faço assim.

Entretanto, a minha casa é uma coisa complicada. No fim da minha vida, aí há 8/10 anos, fiz uma grande asneira, que só vos vou contar a vocês. Fiz uma casa com telhado, mas se eu fizesse aquilo dava um orgulho tão grande e a tantas pessoas que vocês nem calculam. E eu como sou muito amigo daquelas pessoas, condescendi, e fiz esta coisa horrorosa.

A.M. Pois, a Casa dos Engenheiros é melhor.

M.N.A. Olhe, com telhas e tudo!! Olhe para esta coisa horrível. Mas não digam a ninguém!

BRUNO SILVA. Fica escondido.

A.M. É vernacular!

M.N.A. Todo, inteiro! Eu fiz isto há 6 anos talvez!

RAIMUNDO SEMEDO. É de 2003 a fotografia...

M.N.A. Acaba infelizmente a minha história.

R.S. Tem aqui a data, 14/06/2003.

M.N.A. E passa depressa. Julguei que tivesse sido à menos tempo. Tava [ali] sentado e tirei uma fotografia para ali.

B.S. Fantástico.

M.N.A. Isto foi uma coisa que o Centro Nacional de Cultura, em Lisboa, onde está o Guilherme Oliveira Martins, que é o Director do Tribunal de Contas, um senhor muito bom, presidente do Centro Nacional de Cultura que faz cultura. Uma das coisas que eles fazem, é montar duas entidades para se provocarem uma à outra, no fundo. Foi este ano, não sei em que mês, Fev. 2013

Convidaram os auditores da empresa, da EDP, que são portugueses, franceses, brasileiros,... No dizer deles, um auditor é uma pessoa que entra nas contas das empresas para ver. Então, no entender deles e no meu também, só vêm papéis e computadores, e não vêm a realidade física do que estão a tratar. Portanto, acharam que a EDP deveria mostrar aos seus auditores aquilo que se considerasse bom. Então, fez-se uma sessão, que é a que está aqui. Encheu-se o auditório, com os auditores, então a Fátima Fernandes, a mulher de Cannattà, apresentou os slides, todo o restauro da pousada de Picote e a arquitectura de Picote.

A certa altura, eu e o meu colega João Archer, estávamos na primeira fila, para o caso de ser preciso dar qualquer ajuda. À minha direita não estava ninguém. No escuro sentou-se ali uma pessoa. Fez uma pergunta e eu respondi. A dada altura acendeu-se a luz e eu vi, era o Catroga. O Catroga é quem manda na EDP, ganha 4milhões por ano. Deve mandar! Então ele fez-me outra pergunta e eu nessa altura respondi e disse-lhe tudo o que me veio à cabeça, foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida. No fim disse-lhe assim «Olhe mas o Doutor agora vai para Lisboa, não é? Vai de carro.. Então quando chegar a Coimbra já não se lembra de nada do que eu lhe disse!» (risos) e diz ele, «lembro! Diga-me mais, diga-me!» e agarra-me assim não mão. Bom e eu disse «O que é que lhe mostraram lá em cima em Picote?», «olhe, vi a Capela, (eu não disse nada do que tinha feito) vi a Pousada que estava uma coisa..», «E que mais? Não lhe mostraram as casas dos engenheiros? As casas dos engenheiros

estão podres, as coisas podres não se mostram aos administradores...», «ah mas eu vou lá outra vez!» O que é um facto é que ele disse que aquilo é uma pena porque não tem gente, não tem gente e não mexe. E eu disse que aquilo «não mexe porque vocês não querem, já lá chegaram algumas ideias.» E eu disse, «olhe podia-se lá fazer uma base de dados, por lá os nossos arquivos, as nossas fichas, o now how da hidroeléctricidade, e fazia-se um pequeno museu, um auditório, depois faziam-se protocolos com as universidades, que estão aqui ao lado, Salamanca, Zamora, ... que eles estão danados para vir para cá», os espanhóis estão danados para vir para cá... «ah, mas isso era muito interessante!», «pois era, eu também acho..»

Lá foi embora, abraçou-me muito e tal e lá foi.

Depois, esta revista que é EDP-on, sai todos os meses, é grossa, custa uma fortuna, ninguém lê! (risos) Mas eu fui ler... e estou aqui sentado ao lado do homem, e ele, tudo o que eu lhe disse, está aqui em baixo! Tudo!

A.M. Afinal passou Coimbra e lembrou-se!

M.N.A. Tudo, foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida! (risos). Isto é uma coisa que o Centro Nacional de Cultura já foi lá duas vezes acima ver isto, sabem. De camionete de Lisboa, dormem aqui, depois vão todos, são para aí 50 pessoas, engenheiros, advogados, media, e fizeram este papel que encontrei à pouco, com todas estas cores todas pronto.

Assim de repente, não me lembro assim de mais nada que fosse interessante.

Eu gosto muito de Évora, vocês são todos de Évora, são de lá?

R.S. Estudamos todos lá mas não somos de lá. [Eles] são algarvios, [ela] de Leiria e eu sou de Campo Maior.

M.N.A. Eu gosto muito de Évora. A não morar aqui, era lá que eu gostava de morar. Estive para fazer lá uma exposição. Havia lá um senhor, vereador da Câmara, que percebia de fotografia.. mas depois não sei porquê que não aconteceu.

Ainda faço coisas, pintura, objectos, e essencialmente leio muito e ouço música. E tenho 88 anos! Estou com um prazo muito pequeno.

R.S. Não diga isso.

M.N.A. Estou estou. Eu sinto-me bem, mas tem de ser com a ajuda de uma máquina. Este país está de uma forma que não tem dinheiro para tratar dos seus doentes. Já estou à espera há 4 meses e nada.. Mas como é que é o vosso curso? Estão no quarto ano, são cinco ou quatro anos?

A.M. São 5. 3 de Licenciatura e os outros 2 são de Mestrado Integrado.

M.N.A. Olhem, não viram o Museu de Serralves, que é obra do Siza, ou já viram?

A.M. Já sim, já lá estivemos.

M.N.A. E a Casa da Música, também?

A.M. Também.

M.N.A. É o que há assim de mais importante aqui.

A.M. Também já fomos à Quinta da Conceição, não hoje, mas outra visita.

M.N.A. A Quinta da Conceição está cheia de vernáculo! Por todos os lados! Quer dizer, eu só pisei o vernáculo no fim da minha vida. Os outros foi no começo (risos).

A.M. Também estivemos na FAUP. Também já não tem vernáculo (risos)

M.N.A. O que vale é que isto é no Alentejo e ninguém vê! Eu não digo nada, agora até saiu. Agora eu gostava de vos mostrar umas coisas, a não ser que tenham alguma pergunta.

R.S. Por acaso eu gostava de lhe fazer: na altura de Picote, é a questão das influencias, o que é que liam na altura, o que é que viam na altura.

M.N.A. Era o profundo modernismo. O respeito pelo sítio, sem uma planta boa não se podia andar para a frente. O Siza diz uma coisa boa a respeito deste Adolf Loos que é muito boa: «a gente olha pela escada e vê uma fenestração e não entende bem. Mas a fenestração foi estudada de dentro para fora e acaba por, a realidade total, acaba por ser muito boa. Porque embora a fenestração seja muito diferente do que é normal, corresponde exatamente às exigências da função interna.

Se há coisa que eu gostava de ter feito, é esta casa que ele fez, para o Tristan Tzara um tipo do dadaísmo, um pouco maluco, mas são os malucos que fazem isto andar esta coisa para a frente. Gostava de ter feito esta casa.

Foi feita em 1930, tem 100 anos quase!

A.M. A fotografia é de 1930.

M.N.A. Eu se tivesse a vossa idade, agarrava nesse tipo e não o largava mais (risos). Mas depois há coisas engraçadas, vou lhe mostrar. Isto é um pouco, “diz-me com quem andas”. Eu tive uma sorte incrível, sem sair do sítio, porque eu não vou a lado nenhum, mas as coisas cá me chegam.

A.M. Ler um livro também é viajar, se for bom.

M.N.A. Sim, sim. Quando este senhor fez 60 anos; primeiro, vejamos como estavam vestidos, todos de casaco, de laço branco. Aqui diz assim: Homenagem feita pela editora tal, em Viena, contribuição de Peter Altenberg «o Alban Berg – que é um músico fantástico da escola de viena -, o Oskar Kokoschka, - que fez este desenho que eu acho que é uma coisa, - Karl Kraus, Adolf Platz, Ezra Pound, ingles poeta mundial, Arnold Schönberg, também da escola de viena, Bruno Taut, Takis, Tzara, Weber, Stefan Zweig, tudo isto era o sumo da época. É como digo, uma pessoa tem de procurar as coisas, por companhias, saber quem são. É isto.

Mas queria-me perguntar, o modernismo, o que os brasileiros fizeram antes de nós. A gente fala dos brasileiros a rir, mas não é para rir, de maneira nenhuma. Fizeram o seu modernismo antes de nós! Nós estávamos na europa, eles estavam lá num sitio naquela altura ninguém sabia o que era. Era o Mário de Andrade e o... eram dois irmãos. Um deles tinha um filho, que lhe pôs um raio de um nome: Rolando Pela Escada Abaixo de Andrade (risos). Eram meio malucos e fizeram aquilo antes de nós, não há dúvida nenhuma.

Por exemplo, esta revista que chegou hoje, fala de tudo o que se passa aqui no Porto. Traz-me informação contínua, estou sempre a saber o que se passa no mundo. Esta e outras revistas que eu tenho.

(...)

M.N.A. “O Corbusier foi o meu pai durante muitos anos”

R.S. O exemplo do Aalto não lhe chegava nada?

M.N.A. Sim, claro. Chegava tudo, na altura começou a chegar tudo.

R.S. Aquela altura de arquitectura do pós-guerra.

M.N.A. Sim, sim. Ele influenciou muito o Álvaro Siza, porque já não sei como foi, mas ele encontrou-se num atelier..

M.N.A. Pois gostei muito de os ver por cá. Se cá vierem outra vez, não deixem de me telefonar.

| Terminou a entrevista cerca das 18:00h |



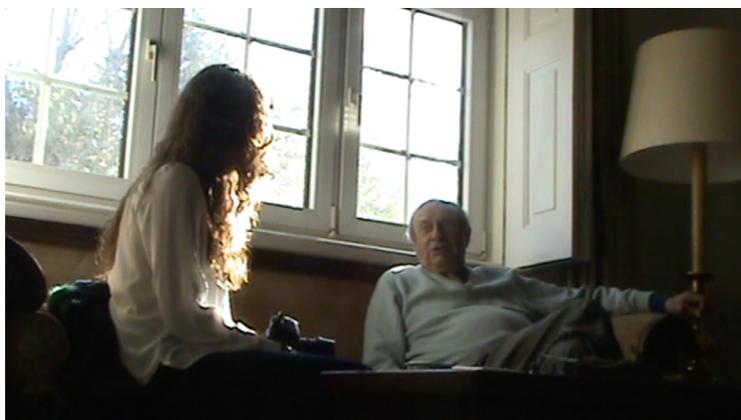
003| Fotografia:

Manuel Nunes de Almeida, após a entrevista, na cozinha do seu apartamento onde guardava o material de pintura.

Autor: Andreia Martins (2013)

3. JOÃO ARCHER DE CARVALHO, 24 MARÇO 2015

Entrevistado:	Arquitecto João Archer de Carvalho (1928-) - Autor dos projectos da H.E.D.
Entrevistadores:	Andreia Jorge Martins (aluna da Universidade de Évora no Mestrado Integrado em Arquitectura Ano lectivo 2014-2015 no âmbito da investigação para a Dissertação de Mestrado sobre o Barrocal do Douro)
Data:	24 Março de 2015
Local:	Domicílio do entrevistado - Porto
Tipo de gravação:	Vídeo
Validação:	Abril 2018
Nota:	Esta entrevista pretendeu entender o processo de realização e concepção do projecto de Picote, numa fase muito primária da investigação da dissertação.



004| Fotografia:
Arq. João Archer de Carvalho durante a entrevista.
[imagem retirada da gravação vídeo (2015)]

Andreia Martins

O Senhor Jorge Ribeiro mandou-lhe um grande abraço.

João Archer de Carvalho

Quem?

A.M.

O Sr Jorge Ribeiro da EDP. Eu passei lá ontem o dia e hoje também. Disse que nunca mais apareceu à bola..

J.A.C.

O que é que foi lá fazer? Eu por acaso encontrei-o no futebol por aí há quinze dias ou coisa assim.

A.M.

Pois ele disse que a última vez que o viu foi aí. Disse que nunca mais o viu.

J.A.C.

Não sei que jogo foi em que o encontrei! Ele costuma lá ir ter ao meu lugar para me falar. E de onde é que conhece o Jorge Ribeiro?

A.M.

Eu estive no arquivo, a ver o projecto todo.

J.A.C.

E viu lá muita coisa?

A.M.

Imensa coisa! (risos) Ontem passei lá o dia todo!

J.A.C.

Aquilo são milhares de desenhos!

A.M.

São muitos desenhos...

J.A.C.

A gente até os cabides desenhou!

A.M.

Tirei duas mil fotografias. Eu vi os desenhos das cadeiras, de tudo. Aquilo tem tudo! É incrível! As fotografias...

J.A.C.

Eu ontem, ou antes de ontem, estive aí a arrumar umas coisas em casa e encontrei um anúncio da exposição que esteve ali na.. se calhar achava piada a ver isso. É uma folha só, um placar, mas tem umas fotografias bonitas de Picote. Conhece? Sabia que tinha havido uma exposição muito grande cá?

A.M.

Não. Vi um anúncio de uma exposição aqui na FAUP, ou noutro sitio.

J.A.C.

Foi na Cadeia da Relação do Porto, que já está abandonada como cadeia há muito tempo.

A.M.

Fazem exposições lá, é?

J.A.C.

Fazem lá montes de coisas. Aquilo é o Centro Nacional, ou Regional, de fotografia ou coisa assim,

está ligado a isso. E esta exposição foi organizada lá. Não sei se acha piada a ver isso.. é só uma folha. Aquilo não traz mais nada que os livros..

Este livro conhece não é?

A.M.

Conheço! Já não fazem!

J.A.C

Já não fazem?

A.M.

Já não.. já liguei para a FAUP a pedir o livro, já ninguém faz o livro. Por acaso o Senhor Jorge ofereceu-me o livro de Picote que fizeram na EDP, só fotografias.

J.A.C.

Penso que tenho isso, ora deixe-me cá ver se lhe interessa isso.

(...)

J.A.C.

Então mas diga-me lá o que pretende.

A.M.

Eu, o que eu estou a fazer para a minha tese é; já há imensa informação: há os levantamentos, há os desenhos.. E o que eu pretendo estudar é o que aconteceu até à inauguração. Ou seja, o processo de projecto, as propostas que fizeram,... porque ontem a ver os documentos todos, vi o edifício da zona de recreios, que nem existe, com auditório e outros espaços.. O que eu pretendo estudar é o processo de projecto.

J.A.C.

Mas espere aí, vamos lá ver uma coisa. Aquilo teve agora uma reabilitação, não sei se já conhece. Já lá foi? Já viu?

A.M.

Sim, já conheço, já lá estive.

J.A.C.

Aquilo ficou muito bem! E não descaracterizaram aquilo nem nada. Mas o projecto inicial da reabilitação tinha o auditório, no sítio onde nós inicialmente tínhamos feito quatro quartos para motoristas porque tínhamos a pousada inicial. Nós como íamos daqui, aquela viagem era uma coisa terrível, percebe? Demorávamos 6 horas, estradas horríveis, era uma tarde inteira. E então vamos muitas vezes com chofer e isso...

A.M.

Vocês trabalhavam sempre cá no Porto?

J.A.C.

Eu trabalhei sempre aqui, o gabinete de estudos era aqui.

A.M.

Para os três arquitectos? Trabalhavam juntos?

J.A.C.

Essa parte toda era enquanto foi H.E.D., porque depois mudou. Estava-me a perguntar era?

A.M.

Se trabalhavam juntos?

J.A.C.

A gente, foi uma coisa que a gente fez..

A.M.

Começou por fazer o plano sozinho, certo? Depois é que os chamou.

J.A.C.

Não, nessa altura entrou um engenheiro que era um catedrático aqui da universidade, agora está muito doente, está com Alzheimer, está incapaz, o Alves Ribeiro, que é um dos principais aqui da Faculdade de Engenharia. Esse estava com o departamento de Barragens. Como eu tinha dito logo quando entrei que queria tomar parte em todas as reuniões, e em tudo, a gente habituou-se lá, eu tive um pouco da iniciativa, mas o chefe do gabinete de estudos alinhou completamente nisso e a gente trabalhava todos em conjunto. Era raro o dia em que o chefe do gabinete de estudos não ia trabalhar connosco.

A.M.

Como é que se chamava o chefe do gabinete de estudos?

J.A.C.

Já morreu também; chamava-se Pedro Moura Brás Arsénio Nunes, Pedro Nunes. Foi administrador do porto de Lisboa e depois foi não sei quê, não sei que mais, e acabou numa coisa que eu nem percebo muito bem, o que foi aquilo, eu era amigo dele, ele vinha aqui várias vezes almoçar e jantar comigo e com a minha mulher, era um tipo inteligentíssimo, foi um gabinete de estudos fabuloso. Ele depois acabou já muito perto do fim da vida, por ser o número um - eu nem sei qual era o partido mais à esquerda que havia nessa altura, como é que era? Como é que podia ser.. Agora não me lembro o nome do partido dele. Mas tinha muita piada porque ele sabia que eu não era nada desse género, eu era um tipo completamente liberto de qualquer espécie de política, e a minha mulher também não. Então um dia, ele estava aqui a jantar connosco e disse-me assim - a minha mulher era muito atrevida e gostava muito dele e disse-lhe "oh senhor engenheiro, diga-me lá uma coisa - foi naquela altura, pós revolução - qual é o seu partido?" e ele que era muito nosso amigo e muito inteligente, riu-se e disse assim "oh maria, eu não lhe digo que se não tem um grande desgosto", ele não se importou nada de ela lhe perguntar isso! (riu-se) Ele foi de um partido, qual era o partido que elegia nessa altura? No pós-revolução.. Já não me lembro. Não era o partido comunista, o partido comunista era o Cunhal nessa altura e este era um partido doutro género, mais.. não me lembro o que é que era. Já acabou! Pelo menos não anda na lide.. está fundido com outro. Mas era um tipo muito inteligente.. Mas ele aceitou isso, portanto ele quase todos os dias aparecia na minha mesa de trabalho para discutir os assuntos e depois promovia reuniões quase diárias, pelo menos quase todas as semanas, onde juntava todos, os civis, os electrotécnicos, e tal, e a gente discutia os assuntos em conjunto percebe. Isso foi uma coisa que, digamos assim, um primeiro passo revolucionário, porque por exemplo nas empresas anteriores Hidro-Eléctricas que eram o Cávado e o Zêzere, que exploraram o sistema Cávado e o Sistema Zêzere, Zêzere com o Castelo de Bode e Bouçã, e isso tudo, nós com todo o Sistema do Cávado, Salomonde e tudo isso...

A.M.

O Archer participou no Sistema do Cávado?

J.A.C.

A empresa mais antiga era o Zêzere, a seguir foi o Cávado e depois fomos nós. Depois de nós ainda

apareceu a termo-eléctrica que estava um bocado ligada conosco também. E no Sistema Cávado, a parte exactamente dos chefes do gabinete técnico, lá não se chamava gabinete de estudos, que era o Engenheiro Edgar de Oliveira, era um tipo que era inteligente, mas era muito convencional, era muito dos engenheiros, e dos ateliers, e ele dizia uma coisa e ninguém discutia, e fazia-se o que ele dizia, era autocrático completamente no sistema, e nós completamente democráticos, toda a gente tinha voz ali, e note, o Pedro Nunes sendo um tipo completamente de esquerda, mas é curioso que ele nos principais elementos que escolheu para o gabinete de estudos, não havia nenhum tipo do partido comunista nem do partido de esquerda. Ele escolhia pelas pessoas que achava que devia escolher, apesar de ser um tipo todo político. Mas ele ficou sempre muito, muito meu amigo. E nós então participávamos, como estava a dizer com quem é que a gente trabalhou, trabalhávamos muito em equipe, completamente em equipe. E isso era muito agradável, a gente além de se sentir muito apoiados nesse aspecto, de não fazer disparates e asneiras, conseguimos em pouco tempo, porque a empresa fundou-se quando eu entrei para a empresa, eu e as primeiras dez pessoas a entrar para a H.E.D.. Em pouco tempo habituamo-nos a um sistema de trabalho, de tal maneira participativo de todos os sectores que nós respeitávamos-nos uns aos outros e em pouco tempo, por aí um ano, eles não resolviam nada sem nos consultar. Isto foi fundamental.

O Zêzere também é muito autocrático, aqui era muito com a Faculdade de Engenharia, e com gente vinda do Zêzere, porque o Zêzere já tinha acabado o grande trabalho e a grande missão. Então essa gente do Zêzere, eles não percebiam os arquitectos, eles encomendava umas coisas aos arquitectos, e eu disse que não queria trabalhar assim de maneira nenhuma, queria trabalhar integrado, participando em todas as decisões, mesmo as mais..

A.M.

Quando começaram a fazer o plano, a Câmara, não sei se já existia, Miranda do Douro, participava nessas reuniões?

J.A.C

Olhe, a Câmara do Douro, nisso foi óptimo, não sei se já lhe disse isto uma vez. Uma lacuna muito grande na minha formação é que eu entrei, tinha acabado de me formar. Eu fiz a tese por aí em Junho, já não me lembro bem - tenho lá em cima na parede por acaso com o último trabalho que eu fiz, que foi um trabalho de Cacia Sarrazola, um plano de urbanização, ali na zona de Aveiro - e eu tinha acabado de me formar, entrei para a empresa, e pronto, disse "eu queria participar em tudo, não sirvo para vir cá compor coisas como nos outros sítios, isso não quero, porque se não vou para a minha profissão liberal, tenho todas as hipóteses de singrar", porque tinha a melhor nota de curso, mas eles disseram "não senhora, você participa em tudo". Acabou por ser assim. Vamos começar do zero, cá de fora e assim foi. Ao fim de um ano, as decisões, eles consultavam-me quase sempre e eu batia o pé às vezes, quer dizer, haviam coisas em que batia. Por exemplo, depois já do Pedro Nunes sair de Chefe do Gabinete de Estudos, entrou outro chamado Gonçalves Henriques, havia um arquitecto, mais velho que você, porque já era arquitecto, trabalhei com ele depois fora da empresa. Era filho desse Gonçalves Henriques, e esse era um tipo também com ideias novas e colaborou conosco mas de fora. (...)

Eu acho que é isto! Porque eu ontem por acaso estive a arrumar umas coisas. Conhece este coiso?

A.M.

Não, mas tenho essas fotografias. Estive com elas na mão no arquivo.

J.A.C

As fotografias tem, então tem o placar! (risos) Isto foi, uma grande exposição que houve, nos serviços da Cadeia. Olhe, isto é Miranda. Isto é Picote. Isto que aqui está, tecnicamente é o que se chama, uma viga da ponte rolante, porque há aqui uma ponte rolante que caminha assim, nesta direcção, que têm uns carris. Isto são cargas brutais. Cada ponte destas pega sei lá, em cem toneladas! ou uma coisa assim desse género. Porque depois, os camiões entram aqui na nave central por uma porta de topo, e é preciso haver um dispositivo que pegue naquilo, que eleve, que corra ao longo da viga de rolamentos da ponte rolante, e que depois se posicione no sítio onde é preciso meter aquilo na turbina, é o que se chama a espiral, são uns canais de pressão da água, que vão à espiral, e que depois faz girar aquilo. Aquilo é uma coisa de um tamanho descomunal! De maneira que aquilo entra na vertical. Estes pilares, por exemplo, os engenheiros como diziam, tinha uma ponte rolante, e tinham uns pilares, a direito.. e eu disse "oh pá, isso fica tão primário, tudo isso, vamos ver se a gente consegue dar um bocado de alegria a isso pá. (risos) Vocês se abrirem em cima os pontos de apoio, os vãos ficam mais pequenos até, então podíamos dividir isto...". aliás, isto não foi uma solução inventada por mim, isto é engenharia! Mas com os engenheiros, resolvemos isto, percebe? A gente participou em tudo. Isto era uma parte nitidamente de engenharia, estrutural, mas que eu pedi para fazer, igualizar digamos, os vãos de apoio das vigas da ponte rolante, reduzindo à transmissão vertical de cargas com os V's. E eles aceitaram isto, assim como aceitaram muitas outras coisas da ordem técnica. E isto foi a melhor coisa que a gente podia ter feito na companhia, foi habituar as pessoas a trabalharem em equipa e a gente a ter voz activa em tudo percebe. Isso mudou muita coisa e as pessoas habituaram-se lá a que tinham sempre a nossa participação.

Mas, portanto já reconhecia estas fotografias todas. Isto é um desenho do Rogério Ramos não é meu. Era um primeiro estudo da inserção na curva do rio. Estava a fazer um edifício circular, mas depois abandonamos porque ficava muito dispendioso.

A.M.

São esse género de desenhos e propostas que tenham feito é que eu quero estudar; o que é que pensaram, o que é que decidiram não fazer, o que é que mudou. Porque encontrei um alçado de um desenho do edifício dos Correios e que não tem nada a ver com o que está feito actualmente, tinha assim umas grades todas desenhadas, ...

J.A.C.

Não sabia desse desenho. Mas dos correios?

A.M.

Sim, do bairro de Picote. Uns desenhos que não têm nada a ver com o que está lá porque agora é tudo muito mais simples..

J.A.C.

É que nós agora tivemos, no desfazer da feira, houve muito esse problema. Uma coisa, que não sei se vem a propósito, que lhe falem ou que você possa falar, é que isso foi mais visível sobretudo no aproveitamento de Bemposta. Miranda também muito, mas a grande mudança foi de Picote para Miranda, e depois de Miranda para Bemposta. O que é que aconteceu: A gente em Picote, era um monte, não havia nada de nada. Havia uma aldeia, que é Picote Velho, que estava a 5km mais ou menos do sítio do Aproveitamento. Lembro-me da primeira ida a Picote, mesmo ao sítio, nunca lá tinha ido. Eu sempre tive a mania da caça e isso, fui muito para Trás-os-montes, a minha família

tinha algumas quintas no Douro, na Régua, e eu estava muito ligado ao Douro, mas nunca tinha ido para Trás-os-montes mesmo, que é muito diferente do Douro, das margens do Douro, muito diferente. É uma paisagem de planície, vem do planalto de Castela, para Portugal, com o rio rasgando a meio, como se fosse uma fachada que ali houve, não é, e toda essa parte de Trás-os-Montes eu não a conhecia. Quando cheguei lá, a primeira vez que fui lá acima, aí 8 dias depois de estar lá, depois de entrar na empresa que era aqui no Porto...

A.M.

Foi super rápido, a entrada na empresa e “temos isto para fazer, e vamos já”...

J.A.C.

Eu tive uma sorte doída nisso! Haviam pessoas que queriam que eu fizesse um atelier, amigos meus, que diziam, “oh pá, é uma pena”. Eu posso lhe dizer uma coisa, hesitei na altura, também eu queria casar e tal, mas resolvi me meter naquilo! Um bocado à aventura! Mas foi o melhor que podia ter feito, porque eu tive nesse aspecto a sorte imensa; primeiro começar do zero, depois trabalhar numa equipe que era ótima, depois terem confiado em mim plenamente, que tive liberdade total - a propósito de me falar da Câmara de Miranda, depois tenho de lhe explicar uma coisa ligada com isso. Disseram-me “você vai para lá agora, esteja lá oito dias em Picote, que era horrível nessa altura, que não existia nada! A gente alugou a casa de uma rapariga que havia lá em Bemposta, que tinha a sua família a sua casa, mas as casas eram perfeitamente primitivas, não tinham casa de banho... Era eu e o Brás de Oliveira, que era o chefe de estaleiro,...

A.M.

Foram só os dois para lá?

J.A.C.

Ele ficou lá sempre! Depois fui várias vezes para casa dele, ficamos muito amigos. A gente tomava banho, na varanda, com um jarro, e o outro cá em baixo na horta.. Era assim!! As janelas não tinham vidro, era aquele sistema com umas portadas de madeira que fechavam e abriam, mas aquilo não isola nada não é! E as temperaturas... apanhei várias vezes, tenho aí fotografias, com nevões enormes! E eles disseram “você vai para lá e olhe, sente-se lá e olhe, olhe para a paisagem! (Riso) Não havia nada, onde é o sítio da barragem, disseram mais ou menos e “comece a pensar em coisas! Porque nós não temos nada, temos de fazer tudo!” E então fizemos de facto, uma pequena cidade. Chegaram a viver lá entre 4mil a 5mil pessoas, era uma coisa muito grande! Portanto fizemos tudo, não havia nada. Começamos por fazer a estrada. Havia até Picote mas depois não havia nada! A gente fez a estrada, desde Picote até ao centro da barragem. E depois era começar a imaginar o que se podia fazer e o que se ia fazer. A estrada foi a primeira coisa, mas na estrada não tive grande participação, a não ser conversar com as pessoas lá. E começamos a pensar o que é que é preciso e o que é que vamos fazer. Dissemos “aqui não há nada de nada! Estamos no desterro completo. O melhor é a gente contar conosco e mais nada.” Então temos de fazer: uma Pousada provisória para se fazer depressa, era preciso, uma pousada de madeira; fazer casas também desmontáveis;...

A.M.

A Pousada de madeira era também para vocês quando lá iam?

J.A.C.

Não era também para nós... A pousada provisória era um bocado, a pousada é para curtas permanências não é... As habitações não, eram para pessoas nossas que tinham de lá ficar.

Arquitectos acho que nunca lá ficou a não ser mais para a frente, que ficou lá, agora não me lembro o nome dele e ele ficou lá. Era digamos o nosso representante lá, ajudava a ler os desenhos, a perceber. E então começamos a engendrar o plano geral daquilo. Claro em colaboração, como lhe disse, com toda a gente; problemas da água, como é iria ser da água? Iríamos ter muita gente e precisávamos de abastecer de água as habitações. Começamos a ver que a água era um problema, teve de vir um engenheiro de Lisboa que era um perito nisso, eu nomes é horrível, a velhice não dá para nomes... Mas daqui a nada lembro-me do nome, desse engenheiro especialista em água de Lisboa! Então estive com ele, a explicar mais ou menos as bases primeiras de todo o planeamento daquilo, e disse desde o princípio uma coisa: o vale do Douro é muito esganado ali, e a cota da barragem é a cota 480 e o bairro está a 700m. E nós pensámos que o giro era ver se havia água por ali por cima e então andamos lá com um tipo que fazia furos! Só me lembro do presidente.. Olhe, estava o Presidente do Conselho de Administração, o Paulo Marques, estava os chefe do Gabinete de Estudos, o Eng. Pedro Nunes, estava eu e o Brás de Oliveira lá do estaleiro. E andaram por ali a ver, e o Eng. Paulo Marques, que era um optimista dizia "Aqui é capaz de haver! Isto tem aqui uma configuração.." e o Pedro Nunes disse-lhe "Não não, isto aí só dá um mijarete, não dá mais nada!". Bem, lá andamos a ver os sítios, viemos para casa, para o Porto, e chegamos à conclusão que dada a previsão de estar lá muita gente que a única maneira de a gente se safar era...

A.M.

Essa previsão era das pessoas que lá iam trabalhar e depois viver ou só para trabalhar?

J.A.C.

Inicialmente a gente pensou, mesmo com o trabalho a começar, mas que para o trabalho seriam os milhares, de facto ultrapassamos os 4mil. Mas viver lá, digamos que na fase da exploração, imaginámos que iriam lá ficar umas 400 pessoas, com os chefes. Simplesmente, depois foi tudo modificado com a evolução dos tempos. Isto passava-se em 1953 e Picote foi inaugurado aí em 1959, e depois para a frente houve sucessivas etapas de modernização que as pessoas foram reduzindo, reduzindo que hoje em dia não sei quantas pessoas estão em Picote, mas talvez umas 40 pessoas. Porque foi automatizado todo o sistema de comando das centrais...

A.M.

Pois agora com o aumento da potência tem lá mais movimento...

J.A.C.

Já acabou! Acho que está a acabar. Miranda já acabou, já está na rede. Depois foi Bemposta, julgo eu. Picote é a última das três mas deve estar no fim. Picote não fiz nada. Miranda fiz o reforço de potência, gostei imenso de fazer, porque é um projecto completamente diferente da central. A central antiga é uma nave com 100metros, 20m de altura e 14m de largura, algo assim, como foram as três primeiras. E esta agora é em poço! É muito giro! Tenho por aí umas fotografias. É completamente diferente...

A.M.

Se aquilo já é alto, imagino em poço!

J.A.C.

Não é só isso. É um esquema muito diferente, completamente diferente.

A.M.

Ainda trabalhou no reforço de Miranda?

J.A.C.

Miranda fui eu, completamente. Com um engenheiro chamado António Cândido de Abreu Aguiar, fizemos uma equipe primorosa. Nós trabalhamos em equipe mas tivemos de mudar de esquema, pois como lhe disse, é uma central em poço. Bemposta já não fiz nada do reforço de potência, foi quando eu saí justamente.

A Central de Miranda é completamente diferente. Tem não sei quantos metros de altura e depois tem uma série de plataformas e a água vai entrando nas laterais.

(...)

Bom, isto vinha a propósito de? Da central em poço... e íamos a falar de?

A.M.

Estávamos a falar da questão da Câmara de Miranda!

J.A.C.

Isso foi uma deficiência grave...

A.M.

Porque não é normal irem sozinhos para lá e fazerem uma cidade...

J.A.C.

E a gente não ligava nenhuma... Não demos declarações de nada a ninguém! (risos) Regulamentos de edificações urbanas! Eu sabia lá o que era isso! (risos) A gente tinha lá o perímetro, nos hectares certos e disseram-nos que estava ligado à construção e pronto. Nem Câmara... Agora já não é nada assim. Em Alqueva, já teve uma data de problemas e de ligações completamente desastrosas.

A.M.

Sim, a falar com o Sr. Jorge ele comentou a situação da aldeia da Luz...

J.A.C.

Nós à entrada fomos muito contestados! Nós tivemos os projectos de Picote chumbados, quase todos...

A.M.

Quais? Consegue se lembrar deles?

J.A.C.

O da Pousada por exemplo, foi chumbado...

A.M.

Porquê?

J.A.C.

Porque, não sei... porque era aquele espírito que havia naquela altura, que aquilo ia reverter Trás-os-Montes, que ia revolucionar a maneira de se viver. Nessa altura, havia o projecto das escolas, que era um projecto centenário, que tinha um projecto tipo para todo o Portugal e era algo desse género. Talvez porque se isolou...

(...)

J.A.C.

Portanto, íamos na fase...

A.M.

Na fase em que ninguém queria saber de nada.

J.A.C.

Nunca tivemos nenhum projecto que não tivesse sido chumbado.

A.M.

E nunca alteraram mesmo depois de serem chumbados?

J.A.C.

Não. Aquilo foi chumbado, nessa altura já tínhamos algum prestígio, já nos conheciam. Depois meteram-se pessoas nisso e apareceu um colega meu, o Arquitecto Leonardo Castro Freire, que era um tipo da Velha Guarda.

A.M.

Também esteve a trabalhar com vocês?

J.A.C.

Não. Era muito mais velho que eu, era um arquitecto elegante de Lisboa, foi o que fez o Hotel Penina no Algarve. Ele conhecia-me a mim e conhecia os meus irmãos e foi junto dos poderes institucionais da altura, não sei se era o Salazar ou se era alguém por ele, que eu julgo que até era, que não fosse ele pessoalmente, e que, não entrava bem em Trás-os-Montes, mas veja lá, uma coisa que hoje em dia é classificada. E que a gente tinha de se meter com processos construtivos da região, que eu consegui reabrir umas minas que estavam lá fechadas, ao pé de Vimioso, porque apliquei imenso e a mina reactivou para fornecer peças em mármore para Picote. Eram materiais da região. E em Bemposta como viu, os esteiros de vinha que tinham sido abandonados e eu apliquei, quer dizer, fartei-me de usar materiais da região! Muita pedra, mas aquilo não obedecia lá aos cânones deles... E então ele foi lá e ripostou "Vocês deixem trabalhar os rapazes porque eles saíram agora, a escola do Porto é muito melhor do que a de Lisboa... deixem-nos andar para a frente porque aquilo é gente de confiança!". E eles disseram ao Castro Freire, porque ele era uma espécie de mentor artístico lá dessa gente, lá do Salazar... "então você responsabiliza-se pelo o que se fizer lá!?" "Responsabilizo sim senhor". Foi um tipo catita. Por causa disso aconteceu uma coisa curiosa. Nós tínhamos montões de projectos para fazer, fizemos tudo quanto há! Desde desenhar cabides a cadeiras, monogramas de garrafas, escolher a baixela da Pousada, tudo! Éramos homens para tudo e tínhamos carradas de trabalho. Quando já estava Picote muito adiantado e assim, apareceu o projecto de Miranda. O chefe do Gabinete de Estudos chamou-me e disse "nós tivemos uma chatice tão grande por causa da Pousada de Picote, nós temos tantas coisas para resolver aqui, temos trabalho pelos olhos, uma maneira de pagar, não é de pagar, de reconhecer o trabalho de Castro Freire, era a empresa entregá-lhe o projecto da Pousada de Miranda" e eu disse "oh senhor engenheiro, isso é uma ideia brilhante!" (risos) "Uma maneira incrível de nos livrarmos novamente das chatices equivalentes à de Picote". Então ele fez a pousada, que é uma coisa engraçada, que é muito mais nova que a nossa, mas que ao mesmo tempo é muito mais antiga.

A.M.

Por acaso não conheço a pousada lá em Miranda.

J.A.C.

Olhe, Miranda tem uma boa situação. Uma das coisas boas que tem é que tem uma parte da sala de jantar toda forrada com uns azulejos desenhados pelo Resende, que era um tipo que estava na berra! (apontando para um azulejo na sala) Aquele pequenino que está ali, é um fragmento dos azulejos da pousada de Miranda feitos pelo Resende. Isto é feito pelo Luis Cunha, aquele é do Siza. Este é da pousada, aquilo é tudo forrado com azulejos dele, e a gente meteu lá uma data de artistas nas coisas

de Picote. Temos o Gustavo Bastos como escultor, Pádua Ramos a desenhar as peças da igreja e isso tudo, o Luiz Cunha também desenhou a cadeira da casa de jantar que agora está muito reproduzida em alguns sítios, que é muito bonita, metemos o Resende, o José Rodrigues.. Isso tudo é que deu de facto, um bocado de autoridade, para a gente trabalhar lá, mas, de facto não demos cavaco de mais nada, a não ser esta chatice de Picote.

A.M.

Também era o primeiro, a partir daí depois já andou bem...

J.A.C.

A partir daí, por acaso, até aconteceu uma coisa curiosa, foi numa visita que foi lá feita por vários Ministros, incluindo o Ministro das Obras Públicas que era o Sanches nessa altura, um tipo muito alto.

A.M.

Eu vi umas fotografias em que apresentavam umas maquetes...

J.A.C.

Era o Sanches, e o Sanches foi pedir à administração se autorizavam a que eu e o Rogério Ramos, fossemos uma espécie de mentores da Câmara de Mirandela, Mogadouro, eram 4 de Trás-os-Montes, para a gente conseguir apanhar um bocadinho aquilo, não deixar fazer as casas dos emigrantes como estavam a ser feitas, ser um bocado mentores daquilo. E a administração autorizou que nós fizessemos isso. O Rogério Ramos ainda lá ficou dois anos e trazia trabalho para casa e eu fui lá a uma reunião na Câmara de Mirandela (risos) e apareceram lá uns projectos inconcebíveis. E eu disse assim "olhe, eu volto cá daqui a dois meses e vocês vejam isso, não se metam a fazer isto..."

A.M.

Propostas para a Pousada também?

J.A.C.

Não, não era nada. Trabalho da câmara! Eles não tinham gente de confiança para vigiar isso, pediu à HED se nos autorizava a tomar conta disso. E na primeira reunião da Câmara de Mirandela, que o edifício da Câmara é em frente àquela ponte que atravessa o rio, e fiz essa proposta. Voltei lá daí a dois meses e os tipos não tinham percebido nada de nada! Era tudo ao contrário. A gente ganhava nessa altura, 2 contos por mês, que era bom nessa altura! Na HED ganhava o mesmo que um engenheiro, ganhava 3 contos por mês! (risos) Era ótimo! Mas eu nunca mais disse nada a ninguém, nunca mais lá voltei... não pedi demissão não disse nada (risos) Só disse ao engenheiro da empresa "não volto lá sr engenheiro, aquilo não vale a pena, eles não percebem nada, a gente não endireita aquilo nem por nada!". Deixamos uma série de propostas para eles mudarem, fizeram tudo ao contrário, voltaram a insistir naquelas burrices, naquelas coisas, nunca mais lá voltei! O Rogério Ramos ainda lá ficou dois anos, coitado... (risos) Como aquilo não resultava, trazia o trabalho todo para fazer em casa, a gente cheio de trabalho, e ele trazia os projectos, para corrigir e tal e tal.. lá consegui sobreviver dois anos, mas depois desisti também. A nossa vida foi muito interessante do ponto de vista profissional. Nós fizemos de tudo, você viu, os desenhos que lá estão... Nunca tive a curiosidade de ver, contar os desenhos,... mas foram milhares de desenhos!

A.M.

Eu bem sei, estive com eles na mão!

J.A.C.

Olhe que a gente até os cabides desenhou, palavra de honra (risos). Eu já te contei a história do

cabide não já? Porque que eu desenhei o cabide?

A.M.

Isso não...

J.A.C.

Embirração minha! (risos) Um dia, numa dessas visitas, dos ministros, que eles pediam-me sempre que haviam essas visitas, para os acompanhar. E foi um dia que foi o Ministro das Obras Públicas, parece-me que era o Ricco, que foi visitar Picote e a mim calhou-me ele. Eu andei a acompanhá-lo, ele fazia perguntas, eu explicava o que podia, o que não podia, pedia a alguém para explicar as coisas que eu não sabia.. E depois a meio da manhã íamos almoçar à pousada e cada um levava as pessoas que acompanhava e eu ia com o Ministro. Pousada provisória! ainda de madeira, a outra ainda não estava pronta. Levei-o ao quarto, "se quiser descansar aí um bocadinho, o almoço é só à uma" tinha meia hora e tal. "Ah, é que a gente veio da obra, estou todo cheio de pó. Sabe que eu gostava era que me arranjasse uma cruzeta, para pendurar o fato, para depois irmos para o almoço". "Com certeza!". Chamei a encarregada e não havia; "oh Henriqueta, arranje-me uma cruzeta!", "não há sr. arquitecto!", "mas não há como?", "já no outro dia se procurou, já pedimos e ainda não mandaram", "mas eu preciso de uma cruzeta, arranje-me uma, vá ao quarto de um engenheiro qualquer e roube uma cruzeta, diga que é a minha responsabilidade". A cruzeta nunca mais vinha, não havia a cruzeta mas lá apareceu a Henriqueta com uma cruzeta.. uma cruzeta daquelas habituais com aquele camarão, e o raio do camarão vinha torto! (risos) e então enquanto eu estava à espera que me abrisse a porta, devia estar na casa de banho, a lavar-se, a escovar-se, o que fosse, resolvi endireitar a carrapeta daquilo! E o raio daquela coisa partiu-me na mão! (risos) E eu disse "raios parta a cruzeta e mais o camarão! Nunca mais quero uma cruzeta com camarão!". E quando chegamos à pousada de Picote que a gente, desenhou o mobiliário todo, chegamos ao guarda-fato e eu disse "no guarda fatos não há camarões pá! tenham paciência". E então arranjamos um sistema que era, a cruzeta tinha um encaixe.. (procura um papel para desenhar) Não quero estragar-lhe o seu caderno..

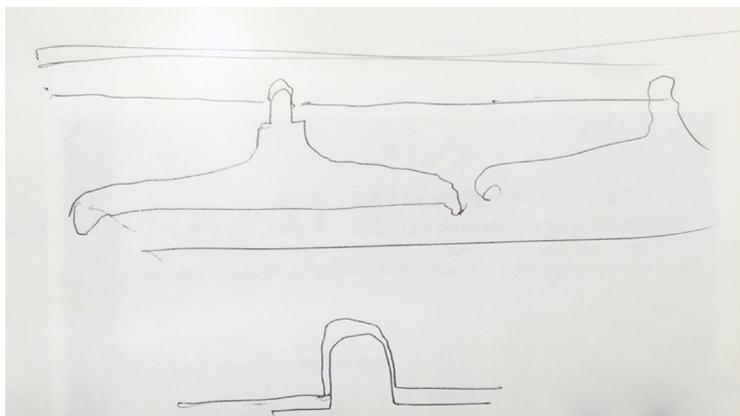
A.M.

Desenhe à vontade!!

J.A.C.

Desenhámos a cruzeta assim, depois com uma régua que tem uns encaixes. As cruzetas entram de gaveta! Isto só para dizer que a gente metia-se em tudo, tudo tudo! (risos) Foi um trabalho extremamente interessante nesse aspecto! Depois prolongou-se... Depois de Picote a gente fez Miranda, mas Miranda vai de encontro com aquilo que há pouco queria dizer. Em Miranda tivemos uma intervenção muito menor, fizemos um plano geral de facto, foi mais ou menos a respeitar, mas depois começámos a verificar que havia possibilidade de meter muita gente em casas existentes. Entretanto fizeram lá casas, porque se devem ter apercebido disto, como viram começar em Picote, vamos fazer casas "aqui" e depois alugamos. E aí a empresa fez muito menos casas, quase que não fez, fizemos uma pousada provisória também de madeira, foi feita pelo arquitecto Luis de Miranda, que era cá do Porto, nosso conhecido, tínhamos tanto trabalho... e portanto não fizemos bem isso. Depois quando foi Bemposta, a povoação era muito pobre, não era como Miranda, Miranda era cidade, Bemposta era muito primitiva, foi cede de bispado mas depois houve uma traição, sabe como foi?

A.M.



005] Desenho:

Encaixe do cabide no suporte. Desenho de pormenor realizado pelo Arq. João Archer de Carvalho durante a entrevista.

[retirado do caderno pessoal de Andreia Martins]

Não, não conheço a história...

J.A.C.

A história foi engraçada. Aquilo foi cede bispado e foi cede militar, porque um dos pontos da entrada em Portugal era por ali. Simplesmente fizeram uma traição qualquer em benefício dos espanhóis e destruíram um paiol que havia no castelo, aquilo foi tudo pelos ares. Como castigo tiraram a guarnição militar e o bispado. Então isto passou-se, salvo erro, em 1600... A partir daí Miranda perdeu imensa importância. Nem havia militares, nem havia bispo, não havia nada. E depois só começou a reabilitar-se quando a gente.. porque há uma coisa que as pessoas não sabem e que são muito injustas, às vezes: dizem que as empresas eléctricas que não sei quê, olhe, li um artigo no jornal sobre isso, que me irritou imenso. A povoação de Sendim desenvolveu-se loucamente com aquilo! Não havia nada de nada lá, e passou a precisar de correios, serralheiros,... tudo isso se fixou lá, e Sendim deu um pulo enorme! E Miranda também! Mas depois a perspectiva foi diferente; a gente em Miranda não fez pousada, porque a ideia era apoiarmo-nos um bocadinho na pousada de Picote, que fica a 10km, coisa assim. E portanto, pensamos que não íamos fazer outra pousada ali. Fizemos foi muitas casas, digamos do nível do pessoal especializado, como o bairro de Picote, o bairro branco cá de baixo, fizemos muitas! mesmo muitas. Eu cheguei a ter uma apalavrada para comprar lá, porque depois vendemos tudo, e esta conversa toda veio apoiada naquilo que você disse, porque a gente em Picote vendeu muita coisa também... Vendemos a parte de baixo, as casas estão todas vendidas, essas casas que foram a minha tese. Venderam-se todas!

A.M.

A sua tese é sobre isso?

J.A.C.

A minha tese foi sobre isso, sim. A parte de urbanismo foi ali sobre Cacia Sarrazola, na parte de arquitectura foi, de facto, as estruturas sociais. Esse trabalho, na altura trabalhava com o Andresen, e eu peguei nesse trabalho e fiz a tese. E depois aproveitei da tese, pus o estudo que tinha feito no início, fiz o projecto de Picote muito parecido com as casas que eu tinha feito para a tese. E venderam-se todas, vendeu-se também o Centro Comercial, só ficaram as cinco casas em cima, que estão a estragar-se, a pousada está muito bem porque foi reabilitada, a pousada, a piscina e tudo, a capela está bem...

A.M.

Pois, na capela ainda celebram missa...

J.A.C.

Mas as casas do pessoal especializado, pronto... Na altura, havia uma segregação racial muito grande, nessa época de Portugal, estamos a falar de 1953. Havia uma carta que era pessoal da génese, que eram os engenheiros, os arquitectos,... depois havia pessoal especializado, que a gente tinha muito pessoal especializado, que eram sobretudo construção civil, muita gente a trabalhar na construção civil...

A.M.

Eram cá do Porto ou eram da zona de Miranda do Douro?

J.A.C.

Não, eram autenticamente forasteiros. Aparecia lá de tudo, desde gajos fugidos da justiça,... havia havia! Houve lá um ano que houve uma guerra lá!! Quase com a Guarda Republicana. Gajos que se

tinham ausentado das cidades, pediam trabalho e a gente estava sempre a precisar de gente para trabalhar... Havia construção civil, partes da electricidade e mecânica que também tínhamos muitos; há um trabalho de mecânica importante por exemplo nas virolas, que são os anéis que depois são soldados, por parte de determinados percursos que são de metálicos, ou revestidos a metal. Portanto, tínhamos muito trabalho lá. Depois tudo isso mudou! Deixou de haver essas castas, por exemplo, o pessoal menor, digamos assim, pela ordem desse conceito, não tinha direito a ir para a pousada e ninguém forçava isso. O bairro de cima, era das castas privilegiadas. Depois da revolução tudo isso mudou, felizmente.

A.M.

Há um senhor, já deve ter uns 30, 40 anos, que trabalha actualmente na barragem, que quando visitei a central por causa do trabalho, nós falámos com ele, e ele tinha nascido no bairro e disse que só a partir do 25 de Abril é que começou a ir à piscina.

J.A.C.

E é verdade... é verdade... (sorriso) Nós até louvamos isso! Agora o mal é que depois a Câmara de Miranda assassinou completamente o Centro Comercial, completamente. Aquilo tinha um sistema estrutural curioso, tinha uma contrapartida de consolas que se equilibravam, isso foi bem estudado... E eles resolveram mexer naquela porcaria toda. Puseram paredes a sustentar braços de consola e coisas assim. Pá, fizeram uma série de cavalgadas lá, que deram cabo daquilo e já não era nosso porque tínhamos vendido aquilo.

A.M.

Agora já nem é Centro Comercial, é um alojamento.

J.A.C.

Nem sei o que é. Nós tínhamos uma espécie de um supermercado pequenino, uma barbearia, uma padaria, um talho, desenhamos o cepo para partir a carne no talho! Não sei se viu lá o desenho! (Risos) Está lá o desenho do cepo! E da cruzeta! (risos)

A.M.

Da cruzeta vou encontrar. Há um livro só sobre a pousada que tem lá os móveis todos e tem lá a cruzeta! (risos)

J.A.C.

E aquilo agora está classificado, foi classificado como intocável. Foi uma vida extremamente interessante do ponto de vista profissional, que eu talvez não teria essa oportunidade cá fora.

A.M.

Quando o Rogério Ramos e o Nunes de Almeida entraram...

J.A.C.

O Nunes de Almeida já morreu, aí há 5 meses ou 6...

A.M.

É verdade, é uma pena... Quando se juntaram, em que fase do plano é que ia?

J.A.C.

O Rogério foi o primeiro, não chegava um ano depois de eu ter entrado. Eles trabalharam sempre mais na parte habitacional, pousada, capela, tudo isso. Eu era o responsável, tinha hierarquicamente a chefia do gabinete, mas a gente não interferia muito. Trabalhávamos muito em equipa, ajudávamos muito, eu comentava os deles e eles o meu, e discutimos, mas eu fiquei mais com a parte toda

digamos do plano geral, da parte industrial, central, circuitos hidráulicos, todos esses equipamentos, toda a superfície, as praças, as ruas, os largos, as guardas, iluminação, tudo isso. A parte habitacional, o Nunes de Almeida ficou muito com as casas, o Rogério ficou muito com a capela, com o Nunes de Almeida, embora eu também tivesse, mas estava mais debaixo da alçada deles. Foi, portanto, mais nesse ramo que eles se meteram. Aliás, o Ramos ficou muito ligado ainda a outra obra que a gente fez, muito bonita! Não sei como é que aquilo está, eu não vou lá há mais de vinte anos. Que é a povoação da Faia. Nunca ouviu falar disso?

A.M.

Já ouvi falar da Faia, mas não conheço.

J.A.C.

A Faia fica no sistema do aproveitamento do Távora, fica, portanto, perto de Moimenta da Beira e Tabuaço.

A.M.

Já estive no Tabuaço, fizemos um projecto na ermida lá em baixo junto ao rio, em S. Pedro das Águias.

J.A.C.

Há uma povoação lá perto, que se chama Faia, que substituiu uma povoação que ficou debaixo de água. É uma coisa muito pequenina, mas que tem o que nós podemos transportar da povoação antiga: o cruzeiro, a igreja e depois fizemos, então, umas casas tipo, muito mais simpáticas que as casas da povoação antiga e tem, digamos, a ideia de construir uma povoação antiga agora, ficou muito bem resolvido. O Michael Cannattá gosta muito dessa povoação. O Rogério também se ocupou disso. Digamos, eles estiveram sempre mais ligados, digamos, menos à parte industrial, depois numa fase mais última da actividade do Nunes de Almeida, porque depois a HED acabou e depois foi fundada a EDP, em 1965 por aí, isto politicamente é assim: eles acharam que deviam fazer uma reestruturação completa da produção de energia, e fizeram-na. Então fizeram uma associação das 5 principais empresas, que estavam ligadas à produção e transporte de energia. Então fizeram, Zézere, Cávado, Douro Companhia Nacional de Electricidade, que tratava principalmente da distribuição e Termoelétrica da Barragem do Outeiro, foi a primeira produção de energia térmica que apareceu cá. Fizeram então uma empresa que se chamava Fusão, fundia estas 5 empresas e passou-se a chamar EDP, Electricidade de Portugal. Como havia o Douro que era de longe o que tinha mais potencialidade, para planos futuros, porque tinha toda a bacia para fazer, o Samouro, o Tua, e o Douro Nacional; o Zézere tinha feito já tudo, que era Castelo de Bode, Bouçã e isso; a Termoelétrica já tinha a Tapada do Outeiro; e a CNE continuava.. De maneira que fizeram essas cinco e acabaram com o resto todo, introduziram também umas lá, havia a Hidroelétrica das Beiras, uma data de empresas pequenas... Então, com o Douro era o que tinha maior potencialidade, maior plano de futuro, acharam que tinham de por a sede da CPE (Companhia Portuguesa de Electricidade), no Porto. Foi só para inglês ver! Mania da centralização das coisas em Lisboa, passado um ano, a sede da CPE passou para Lisboa, contra tudo e contra todos! Então os centros de decisão passaram para Lisboa. Passado 5 anos, ou sei lá que dia foi a revolução, fizeram a nacionalização da electricidade. A HED éramos uns 400, fizemos um trabalho magnífico! Picote, Bemposta, Miranda, acabámos Vilar Tabuaço, fizemos tudo em 10 anos! Veja agora o tempo do Alqueva! Em 10 anos fizemos quatro aproveitamentos! E tínhamos trabalho que não acabava mais! Então, passamos de 400 para 1500/2000 aquando da CPE, e quando foi a nacionalização chegamos a ser 25mil! Estas coisas são muito complicadas... Agora já

não, já somos 11 ou 14mil! Eu cheguei a fazer obra no Algarve! Fiz no Alentejo, fiz em Beja. Tenho lá uma obra bem gira!

A.M.

Quase que não há referência às obras que fez!

J.A.C.

Eu estava metido na empresa, estávamos desligados do mundo. Nós éramos desconhecidos é claro, daí este título do Moderno Escondido! Trabalhamos bem, comecei com o Andresen, bastante novo. Por acaso, só começaram depois...

A.M.

... a dar valor...

J.A.C.

Quando for a Beja, é ao pé do bairro dos Alemães, aquilo houve uma grande fixação de alemães lá, por causa do aeroporto, não sei se agora foi reactivado. Eu ainda me lembro de ver daqueles grandes que faziam o transporte para a Guerra em África, uns monstros. Eu fiz lá uma coisa para o circuito de electricidade, foi um arranjo mas ficou bem. Depois entraram mais arquitectos.. Ultimamente há o António Dias, que é irmão do Adalberto Dias que é muito falado, trabalha agora na EDP. O Jorge Ribeiro é que trabalhou muito comigo! Ele era um dos que estava mais afecto. Eu entrei para lá em 1953! Veja lá ao tempo que foi! Bolas! Foram mais do que 50 anos! Depois antes de me reformar ainda estive ligado àquilo. Ainda agora recebi um convite para um convite para uma coisa que ia haver na ordem, para uns tipos que iam ser anunciados com a categoria de Arquitectos Honorius Causa!

(...)

| Deu-se por terminada a entrevista às 17:15h |

II. ARQUIVO EDP

4. DESENHOS

4.1. Planos Gerais

006| Plano Geral 1953-1954 [ESQUEMA 1 - FIG.3.10.]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote

Planta do Conjunto | N° 82 | Escala: 1/2000

Data: 24 de Novembro de 1953 | Fonte: Arquivo EDP

LEGENDA:

1. Casas para Pessoal Dirigente - PD
2. Casas para Pessoal Auxiliar - PA
3. Pousada
4. Ténis, Piscina, Ringue de Patinagem, Parque
5. Escola
6. Capela
7. Instalações de interesse comum: Centro comercial, cinema, etc.
8. Casas para Pessoal Especializado - PE (44+36)
9. Clube e Messe do Pessoal Especializado
10. Camaratas do P. Especializado Solteiro - PES (unidades de 40 indivíduos)
11. Casões para trabalhadores - PT (unidades para 80 indivíduos)
12. Balneário e Lavandaria para os trabalhadores
13. Messe dos Trabalhadores
14. Posto da Guarda Republicana
15. Zona industrial: oficinas, garagens gerais, etc.
16. Paiol
17. Pedreira

Notas:

Observam-se nesta primeira planta a distinção entre construções de carácter definitivo e temporário. Em simultâneo, as zonas verdes na cota mais alta do bairro. O desenho é de entendimento e estudar do bairro, não se definindo a continuação da estrada nem quaisquer desenho nas margens (barragem ou edifícios de produção hidroeléctrica).

Existem as seguintes habitações temporárias:

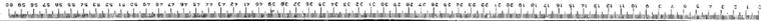
PA - 13 casas

PE - 11 blocos com 4 casas cada

PES - 4 camaratas

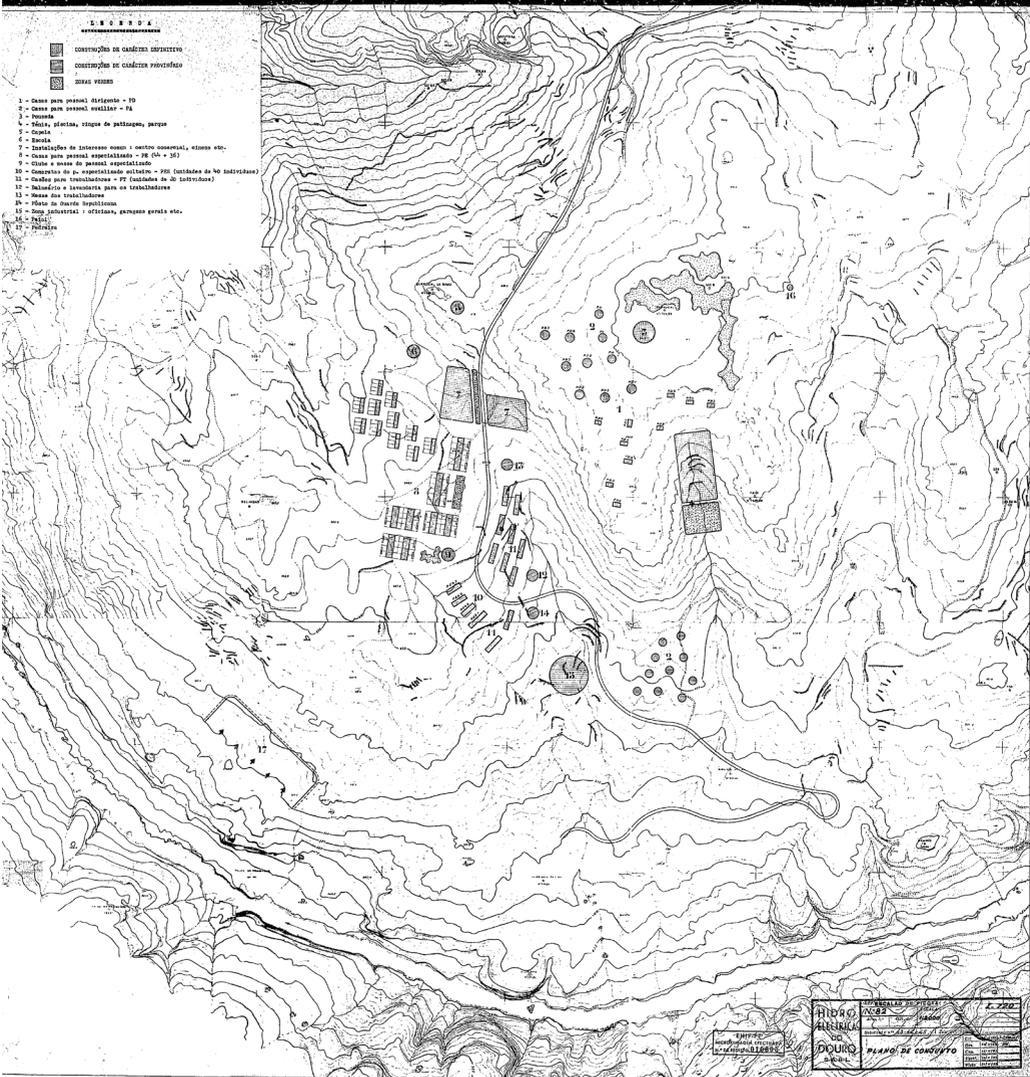
PD - 7 casas

PT - 10 casões



1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17.
- COBERTURAS DE COADJUNTO SUBSTRATIVO**
 COBERTURAS DE COADJUNTO PROIBIDAS
 ZONAS VERDES

- 1 - Casas para pessoal dirigente - 10
- 2 - Casas para pessoal auxiliar - 14
- 3 - Promenades
- 4 - Pátios, oficinas, lojas de pastagens, parques
- 5 - Capelas
- 6 - Banheiros
- 7 - Instalações de interesse social: centro comunitário, cinema etc.
- 8 - Casas para pessoal especializado - 10 (10 x 30)
- 9 - Clube e áreas de recreio especializado
- 10 - Complexos de habitação coletiva - PHS (unidades de 40 indivíduos)
- 11 - Quadras para recreio - PP (incluindo de 40 indivíduos)
- 12 - Banheiros e lavandeiros para os trabalhadores
- 13 - Mesas dos trabalhadores
- 14 - Horta de caráter hortícola
- 15 - Hosp. (ambulatoriais) : oficinas, garagens gerais etc.
- 16 - Estágio
- 17 - Fubricar



INSTITUTO BRASILEIRO DE RECONSTRUÇÃO URBANA
 PROJETO DE RECONSTRUÇÃO URBANA DO DOURADO
 PLANO DE CONJUNTO

L. J. J. JUNIOR
 ARQUITETO
 1955

ESCALA: 1:5000
 DATA: 1955

007| Plano Geral 1954-1955 [ESQUEMA 2 - FIG.3.11.]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote
Bairro - Planta Geral | N° 153 | Escala: 1/2000
Data: 30 de Julho de 1954 | Fonte: Arquivo EDP

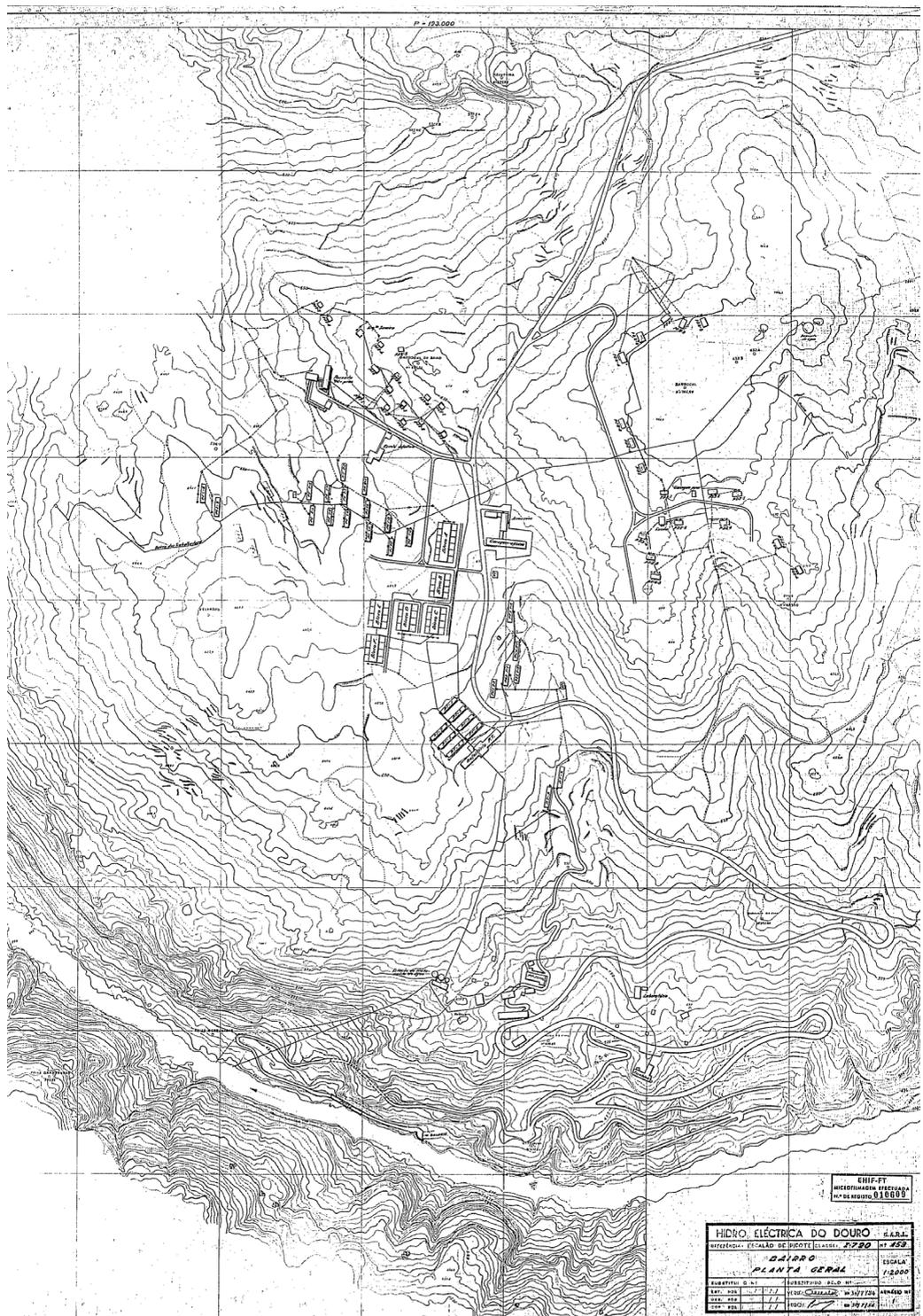
Notas:

Nesta planta apenas se observam as Casas Definitivas do Pessoal Especializado, no centro no bairro. As habitações temporárias aumentaram substancialmente relativamente ao desenho anterior (006). As Casas do Pessoal Auxiliar (PA) mudaram de localização, para junto da pousada temporária, num segundo nível de cotas mais alta, relativamente à zona do Pessoal Dirigente.

Quanto à estrada de acesso à barragem, continuam por definir os edifícios e elementos que fecham o projecto a Sul, junto às margens.

Existem as seguintes habitações temporárias:

- PA - 16 casas
- PE - 19 blocos
- PES - 5 camaratas
- PD - 18 casas
- PT - 9 casões



ENH-P7
 ENCENHAMENTO PROVISÓRIO
 Nº DE AGUAS 010008

| | | | |
|--|---------|----------------------|----------|
| HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO S.A.R.L. | | | |
| Integrada no Plano de Investimentos 5780 de 78 | | | |
| ADURO | | PLANTA GERAL | |
| ESCALA: | 1:5000 | PROJ.: | 1980/80 |
| ELABORADO POR: | ENH-P7 | REVISÃO: | 1 |
| DATA: | 1977 | FECHA DE ELABORAÇÃO: | 10/07/78 |
| PROJ. Nº: | 1980/80 | PROJ. Nº: | 1980/80 |



008| Plano Geral 1955-1956 [ESQUEMA 3 FIG.3.12.]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote
Bairro - Plano do Conjunto | N° 725 | Escala: 1/2000 e 1/500000
Data: Actualizado em 31 de Janeiro de 1955 | Fonte: Arquivo EDP

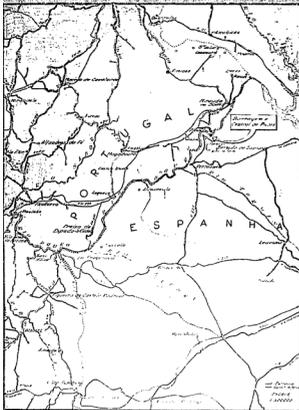
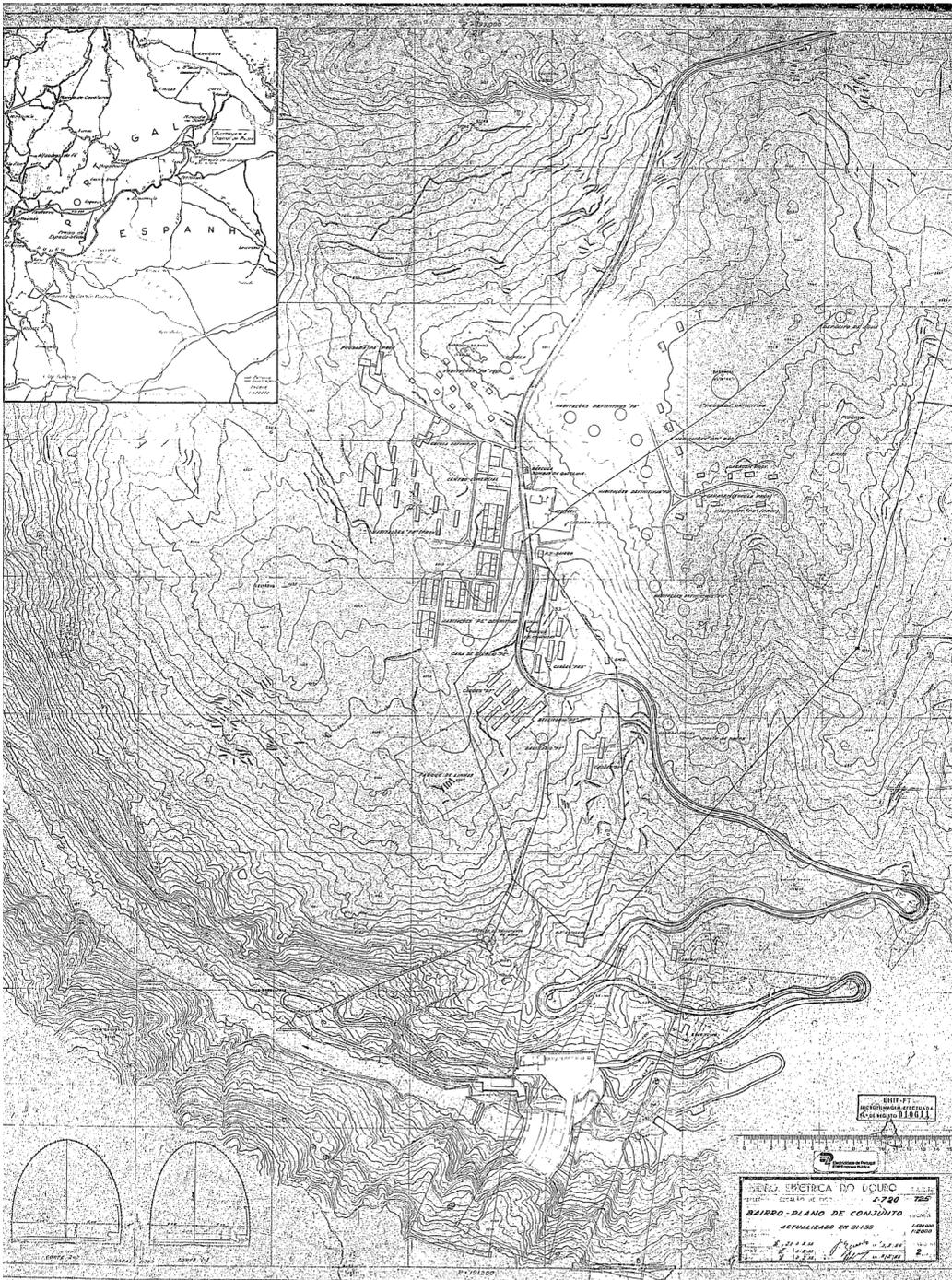
Notas:

Nesta planta há maior definição das construções definitivas, quer na forma do edifício como se observa a escola e o centro comercial no centro no bairro, quer na localização da Capela, das Casas dos Engenheiros, da Pousada, Campo de Ténis e Piscina. As habitações temporárias reduziram relativamente ao desenho anterior (007).

O desenho considera-se completo em termos de vias de circulação, quer a nível do bairro definindo quarteirões, quer do ponto de vista da construção e acesso à barragem, estando o paredão da barragem assim como os edifícios de produção energética implantados.

Existem as seguintes habitações temporárias:

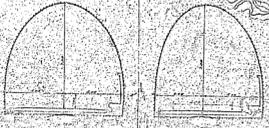
- PA - 11 casas
- PE - 13 blocos
- PES - 5 camaratas
- PD - 12 casas
- PT - 9 casões



EMP. 87
 INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA
 C/Alfonso XII, 101



SERVICIO DE INGENIERIA Y OBRAS
 ESCALA DE PLANOS: 1:750
BAIRRO - PLANO DE CONJUNTO
 ACTUALIZADO EN 1958
 N.º 21.124
 1958



1:750

009| Plano Geral de 1956-1957 [Planta Geral FIG.3.13.]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote
Bairro Planta Geral - Implantação | N° 488 | Escala: 1/2000

Data: 30/05 /1954 | Fonte: Arquivo EDP

Obs.: 1. Actualizado em 11/8/55
 2. Actualizado em 10/12/55
 3. Actualizado em 1/8/56

Notas:

Considerou-se esta planta para definição deste período uma vez que todos os edifícios definitivos adquiriram forma e implantação. O desenho considera-se completo, incluindo-se ainda o Parque de Linhas e por consequência, todo o sistema de transformação e distribuição de energia.

Existem as seguintes habitações temporárias:

- PA - 14 casas
- PE - 20 blocos
- PES - 11 camaratas
- PD - 18 casas
- PT - 9 casões



ESTR. PT.
MICROFILMADA E FOTOGRAFADA
EM 1985 POR I.P.E.S.

| | | |
|-----------------------------------|----------------------|--------------|
| HIDRO - ELÉCTRICA DO DOURO | | S.A.B.L. |
| CLASSE | 1954 | EM 2000/2002 |
| TITULO | PROJECTO DO G.C.D.F. | |
| CONTEUDO | IMPLANTACAO | |
| ESCALA | 1:2000 | |
| PROFESSOR | DEPARTAMENTO | DATA |
| ASSISTENTE | ARBOREAL | 20 |

195420

Arquivo EDP

4.2. Habitações Definitivas

010| Casa para Pessoal Dirigente

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote

Casas Definitivas Tipo PD11 - Planta | N° 1030 | Escala: 1/50

Estudo: Manuel Nunes de Almeida | Verificação: J.Archer

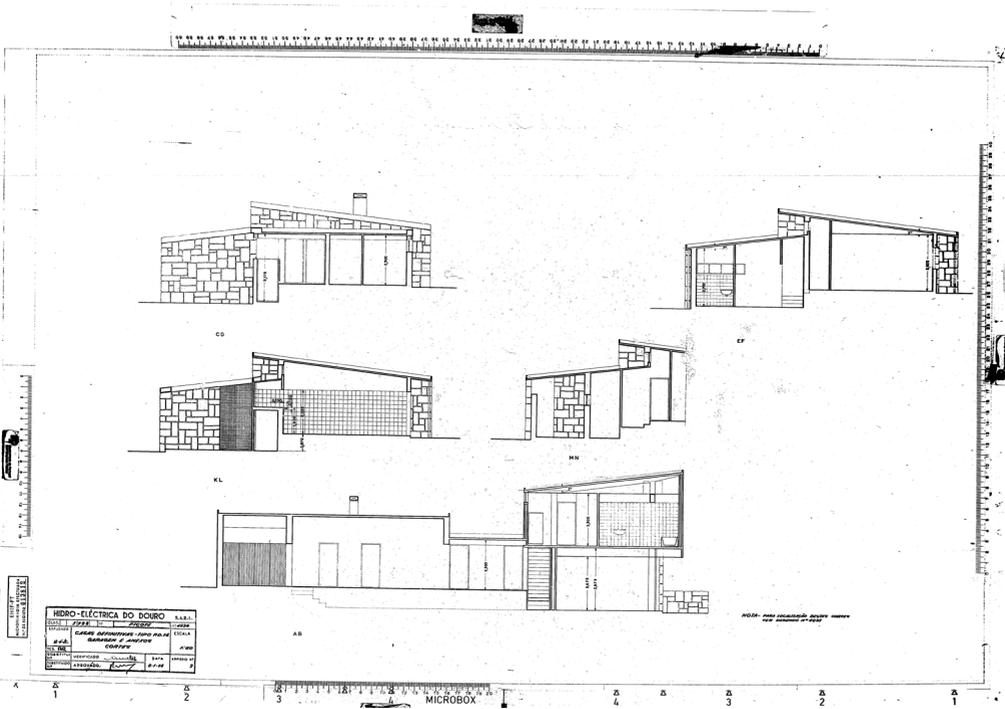
Data: 20/07 /1955 | Fonte: Arquivo EDP

Obs.: 1. Revisão Geral em 11/8/55
 2. Alteração nas cotas e prolongamento da parede dupla junto à escada 05/09/55
 3. Na planta do 1º andar - aumentado o número de rasgamentos da fachada norte
 23/11/55

Notas:

Considerou-se analisar esta planta para compreender a organização espacial interior e a hierarquia do programa de acordo com a categoria que a habita, conforme a página 089, Fig.4.4.

011| Casa para Pessoal Dirigente - Cortes
HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote
Casas Definitivas Tipo PD15 - Garagem e Anexos - Cortes | N° 4234 | Escala: 1/50
Estudo: Manuel Nunes de Almeida | Verificação: Rogério Ramos | Aprovação: João Archer
Data: 08/01/1958 | Fonte: Arquivo EDP



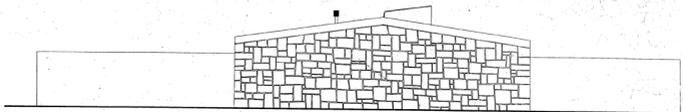
| | | | |
|---------------------------------|---------|------------|--|
| HIDRO-ELECTRICA DO BOURO | | | |
| PROJ. 2222-11 | 2222-11 | 2222-11 | |
| ESTR. ARQUITECTONICA - 1959 | | ESTR. 1959 | |
| S.A. S.A. | | S.A. | |

PROJ. ARQ. DO BOURGO DO BOURO

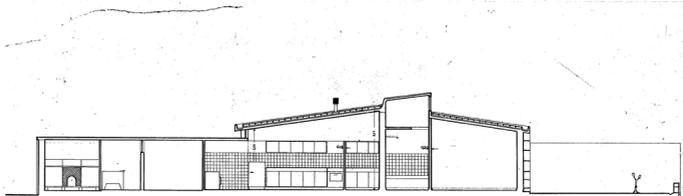
MICROBOX

012| Casa para Pessoal Especializado
HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote
P.E. Definitivos - Planta de duas unidades - Ampliação da zona de serviço (estudo) | N° 15269 | Escala:
1/50
Estudo: João Archer | Verificação: Rogério Ramos
Data: 06/09/1969 | Fonte: Arquivo EDP

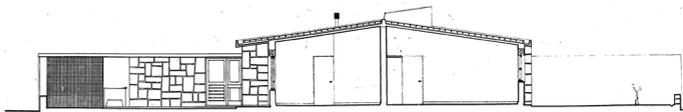
013| Casa para Pessoal Especializado
HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote
P.E. Definitivos - Alçados de topo e cortes transversais - Ampliação da zona de serviço (estudo) | N°
15282 | Escala: 1/50
Estudo: João Archer | Verificação: Rogério Ramos
Data: 13/10/1969 | Fonte: Arquivo EDP



alcado



corte CD

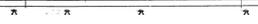


corte AB



ENF. 21
REGISTRO Nº 813667

| | |
|----------------------------------|--------------|
| MORO-ELECTRICA DO DOURO S.A.R.L. | |
| 2 700 | PIÇOTE 15602 |
| R. C. DEPARTIVO | |
| LUGAR DO FOLGO E | |
| LARANJEIROS DO ALENQUER | |
| 1180 | |
| CANTO | |
| APROVADO 10/10/82 | |



4.3. Habitações Temporárias

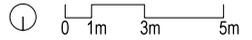
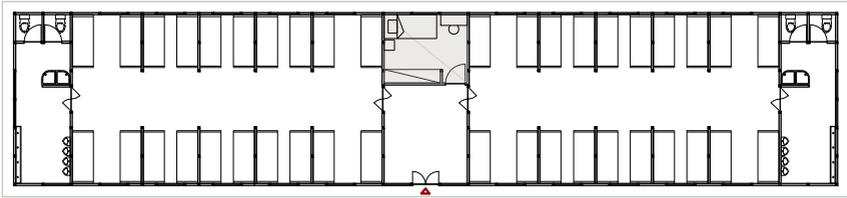
014| Habitação Temporária para Pessoal Trabalhador [PT]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote

Casas Desmontáveis - PT | Nº 88 | Escala: 1/50

- substituído pelo nº 136 - ao qual não houve acesso

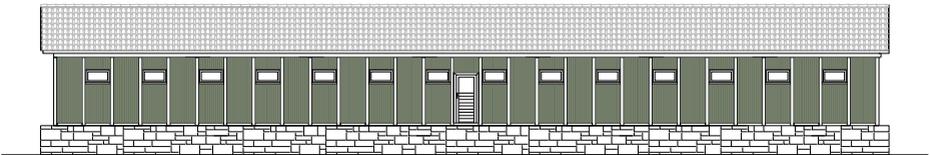
Data: 02 de Dezembro de 1953 | Fonte: Arquivo EDP

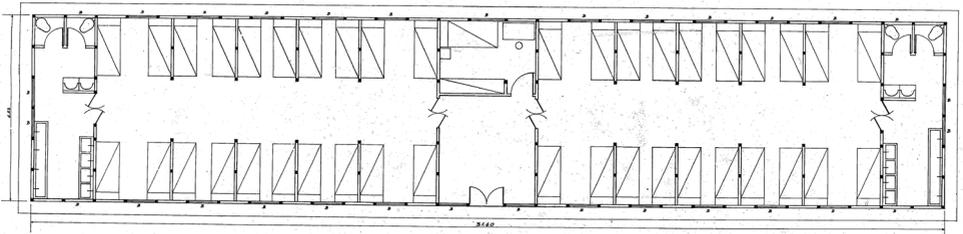


TRABALHADORES X 80



1 X PORTEIRO





8111-PT
 MICROEMPRESA REGISTRADA
 N° 148090-012181

| | | |
|--------------------|------------------------|------------------------------|
| HIDRO
ELECTRICA | REP. REGALADO DE FICHA | 01/01/2011 |
| | N° 88 | 1/80 |
| DCUROS | PROY. N° 2788 | 1 Distribución para p.e. 555 |
| | CASAS DESMONTABLES | |
| S. A. S. | DT | |

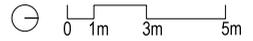
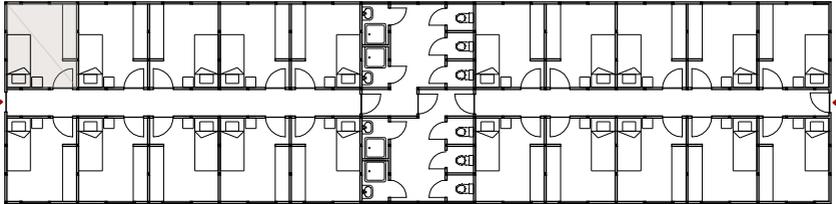
015| Habitação Temporária para Pessoal Especializado Solteiro - tipo 1 [PES1]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote

Casas Desmontáveis - PES1 | N° 29 | Escala: 1/50

- substituído para o n° 134 - ao qual não houve acesso

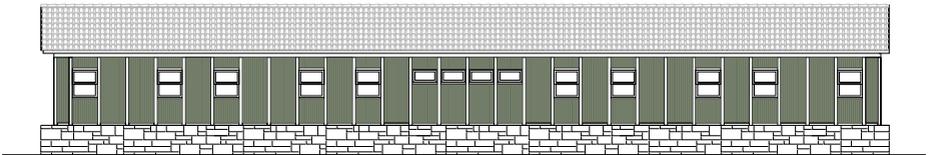
Data: sem informação | Fonte: Arquivo EDP

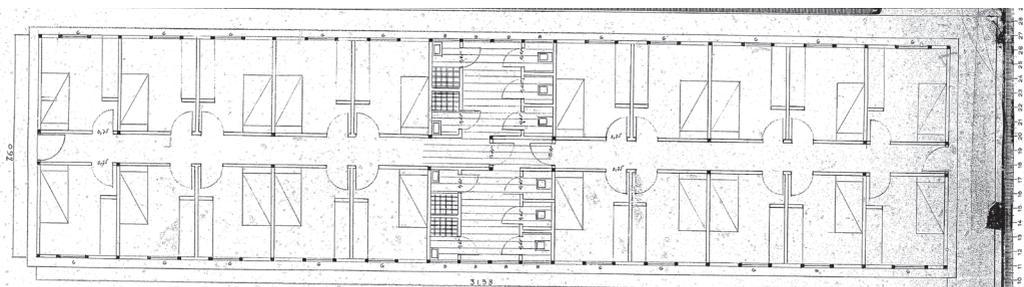


TRABALHADORES X 20

+

20 X TRABALHADORES





ENFP-PT
 INFORMACAO ESTRUTURAL
 Nº DEVIDO 013187

| | | | |
|--|---|--------------------------------|--|
| HIDRO
 ELECTRICA
 DO
 DOURO
CASAS. DESMONTAVES
S. R. L. | Nº 29
Dim. m ² 1750
Edific. n.º 28 | Escala
1:50
1:50
1:50 | Data
17/05/2011
17/05/2011
17/05/2011 |
| | Autor
J. J. S. | Escala
1:50
1:50
1:50 | Data
17/05/2011
17/05/2011
17/05/2011 |
| | Autor
J. J. S. | Escala
1:50
1:50
1:50 | Data
17/05/2011
17/05/2011
17/05/2011 |
| | Autor
J. J. S. | Escala
1:50
1:50
1:50 | Data
17/05/2011
17/05/2011
17/05/2011 |

PES1

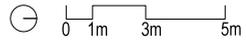
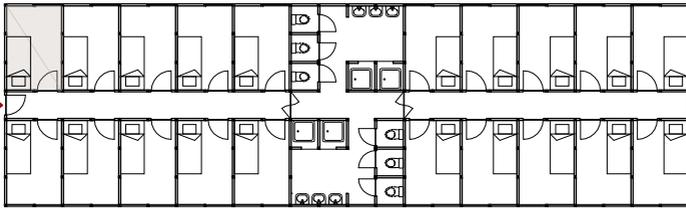
016| Habitação Temporária para Pessoal Especializado Solteiro - tipo 2 [PES2]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote

Casas Desmontáveis - PE2 | Nº 135 | Escala: 1/50

Estudo: R.Ramos | Verificação: J.Archer

Data: 22 de Janeiro de 1954 | Fonte: Arquivo EDP

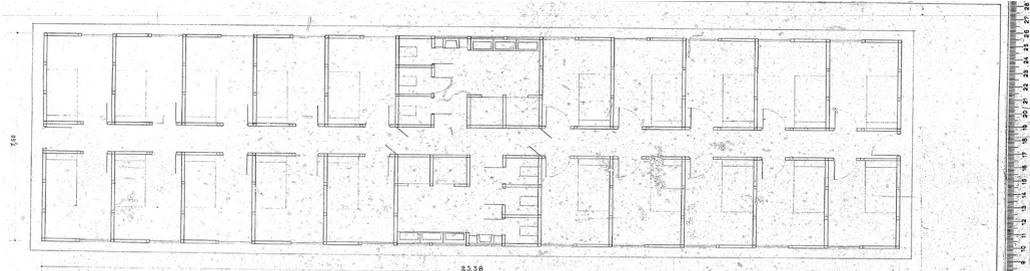


TRABALHADORES X 20

+

20 X TRABALHADORES





22.58

ENP-F-T
 MICROFILM-SEM. DESTRUÍDA
 N.º DE REGISTRO: 013100

| | | |
|--|-----------------------------|-----|
| HIDRO
 ELÉTRICA
 DO
 DOURO
S. A. S. L. | REPARAÇÃO DE FIDUJES | 011 |
| | 2V-155 | 155 |
| | 155 | 150 |
| | 155 | 150 |
| CASAS DESMONTÁVEIS
P. E. S. S. | 155 | 150 |

017| Habitação Temporária para Pessoal Especializado - tipo 1 [PE1]

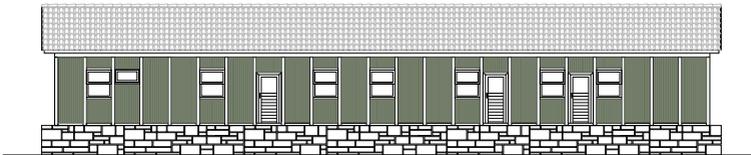
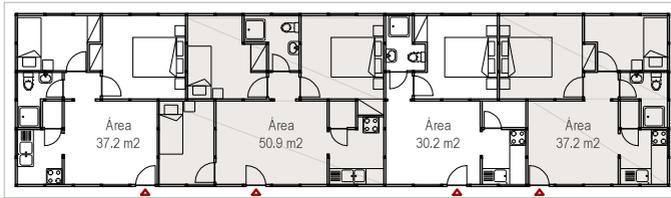
HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote

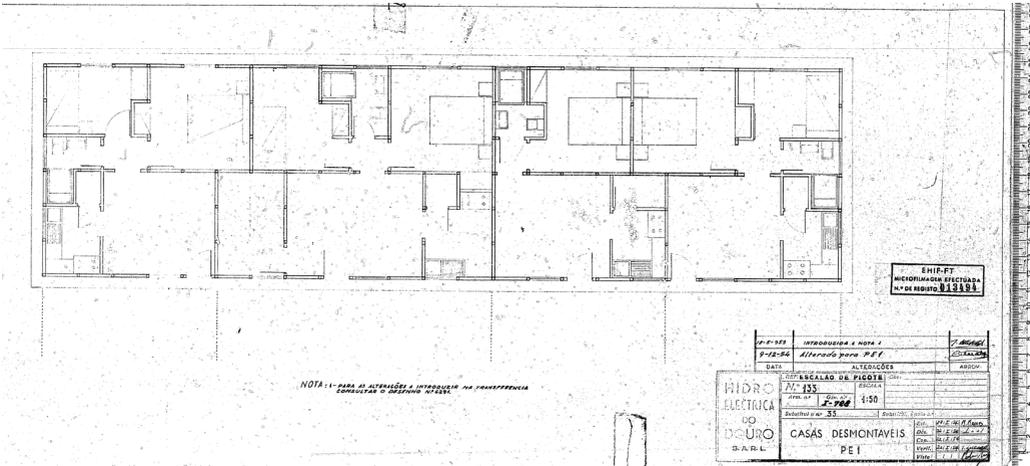
Casas Desmontáveis - PE1 | Nº 133 | Escala: 1/50

Obs.: 9/12/1954 Alterado para PE1

Estudo: R.Ramos | Verificação: J.Archer

Data: 22 de Janeiro de 1954 | Fonte: Arquivo EDP





NOTA: PARA EL ALTAZADO E INTERIORES NO PRESENCIA CONECTAR O DESMONTAR ALIQUÍ.

SHI-FT
MICROFILMACIÓN RECTADA
N.º DE REGISTRO: 911188

| | | |
|--|-----------------------|------------------|
| 19-1-73 | INTRODUCCIÓN A NOTA 1 | ✓ <i>Alvarez</i> |
| 9-12-84 | Alterado para P.E.I | ✓ <i>Alvarez</i> |
| DATA: | ALTERACIONES: | APROB: |
| ESCALA DE PLANO: 1:50 | | |
| HIDRO
ELECTRICA
DO
DORURO
D.A.B.L. | | |
| CASAS DESMONTAVES
PEI | | |



4. Desenhos

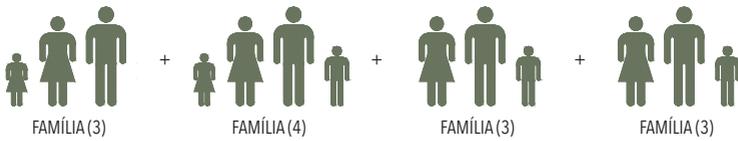
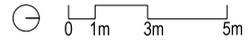
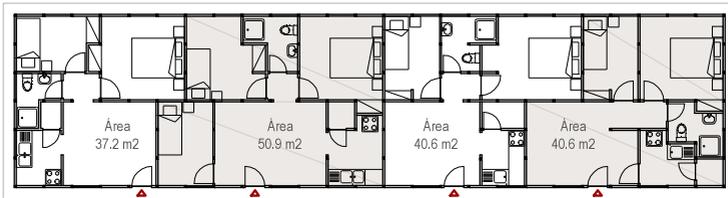
018| Habitação Temporária para Pessoal Especializado - tipo 2 [PE2]

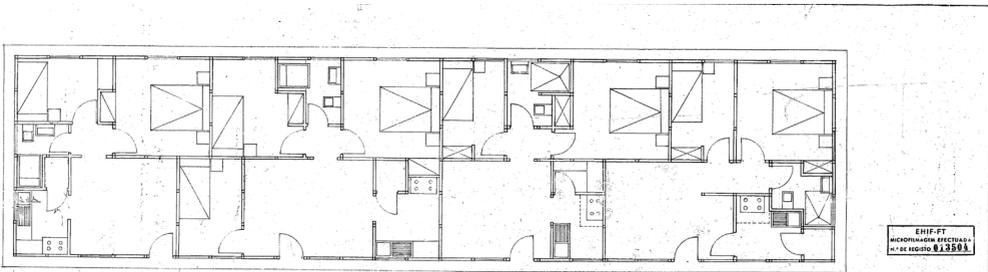
HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote

Casas Desmontáveis - PE2 | N° 638 | Escala: 1/50

Verificação: J.Archer

Data: 15 de Novembro de 1954 | Fonte: Arquivo EDP





EHIF-FT
MICROMASSA EFECTIVA
n.º de modelo: 8.3581

NOTA(1) - PARA ALTERNAR A INTENSIDADE DE TRANSFERENCIA
ENERGETICA O BARRIL DE COZINHA

| | | |
|---|-------------------------|------------------|
| AL. PLEN | INTERVENÇÃO A PARTIR DE | 2.000.000 |
| DEP. | INTERIORES | 1.000.000 |
| HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO | | S.A.R.L. |
| REFERÊNCIA: ESCALÃO DE PROTECÇÃO Nº 728 | | HT 63 B |
| CASAS DESMONTÁVEIS
PE 2 | | ESCALA
1:50 |
| ARQUITECTO S. DI. | ENGENHEIRO S. DI. | ARMANDO M. |
| REV. DES. | REV. P. 19/10/88 | REV. P. 19/10/88 |
| BAL. DES. | 8.3. 19/10/88 | 19/10/88 |
| TEC. DES. | 11 | 19/10/88 |



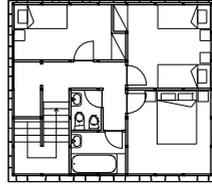
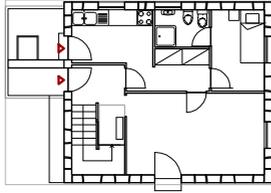
019| Habitação Temporária para Pessoal Auxiliar - tipo 1 [PA1]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote

Casas Desmontáveis - PA1 | Nº 131 | Escala: 1/50

Estudo: R.Ramos | Verificação: J.Archer

Data: 22 de Janeiro de 1954 | Fonte: Arquivo EDP

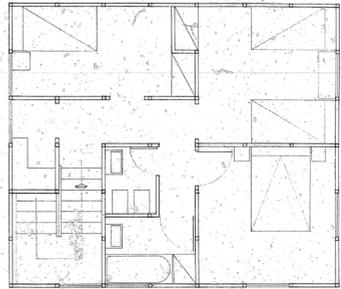
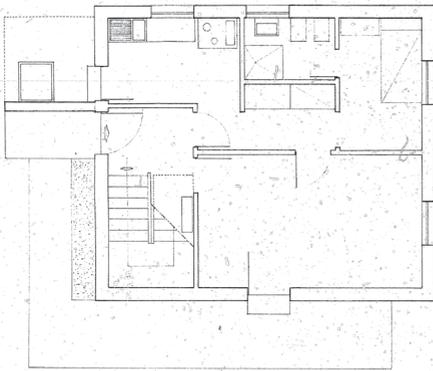


TRABALHADORES X 5



1 X CRIADA





EHIF-PT
 MICROMEDIDA EFECTUADA
 N.º DE REGISTO 013418.

| | | |
|---|---------------------------|---|
| HIDRO
 ELECTRICA
 DO
 DOURO
S. A. R. L. | Nº ESCALÃO DE PICOTE 0001 | |
| | Nº 431 | Escala 1:50 |
| | Prop. nº 1-728 | Substituído por nº |
| | Substituído n.º 27 | Data 20.1.04
Des. 24.12.05
Cop. 22.1.04
Verif. 24.12.05
Vise. 22.1.04 |
| CASAS DESMONTAVEIS
P A 1 | | Ass. 20.1.04
Ass. 24.12.05
Ass. 22.1.04
Ass. 24.12.05 |

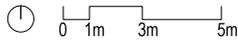
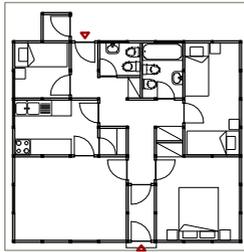
020| Habitação Temporária para Pessoal Auxiliar - tipo 2 [PA2]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote
Casas Desmontáveis - PA2 | Nº 146 | Escala: 1/50

Obs.: Redução da área do quarto da criada e abertura de uma porta para os anexos.

Estudo: J.Archer | Verificação: R.Ramos

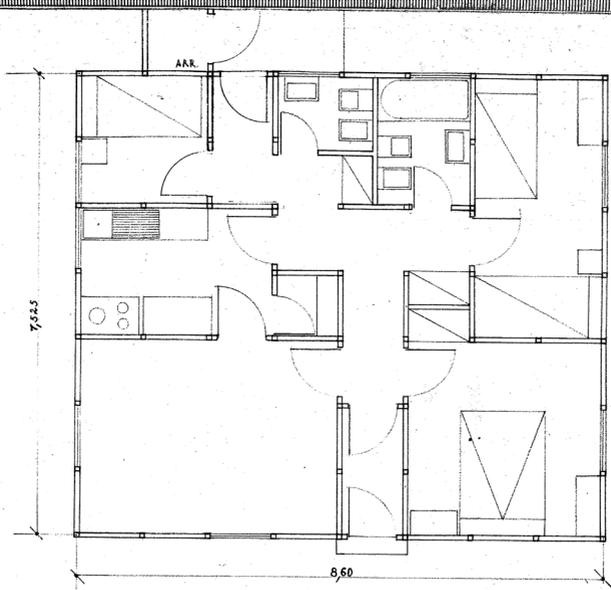
Data: 03 de Janeiro de 1954 | Fonte: Arquivo EDP



TRABALHADORES X 4



1 X CRIADA



EHIF-FT
 MICROFILMAGEM EFECTUADA
 N.º DE REGISTO. **013379**

19-4-77 DATA REDUÇÃO DA ÁREA DO QUARTO DA CRIADA E ABERTURA DE UMA PORTA PARA OS ANEXOS. ALTERAÇÕES 7-1-66/68 ADOPV

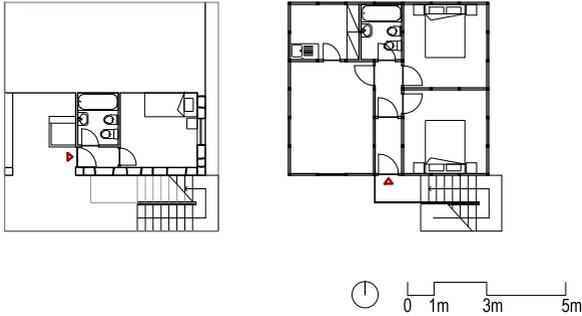
| | | | |
|--|------------------------------|----------------------|-------------|
| HIDRO
ELECTRICA
OO
OLURO
S. A. L. | REFRESCALÃO DE PIGOTE | | Obs: |
| | N.º 146 | ESCALA: | |
| | Arm. n.º 2-726 | 1:50 | |
| | Substituído n.º | Substituído pelo n.º | |
| CASAS DESMONTAVEIS | | Est. 3-1-54 | Des. 3-1-54 |
| PA 2 | | Cap. / / | Verif. / / |
| | | Visto / / | |

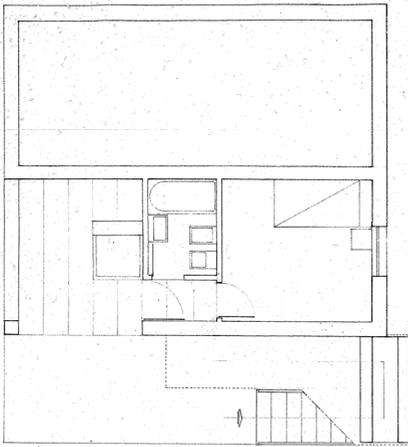
021| Habitação Temporária para Pessoal Auxiliar - tipo 3 e 4 [PA3 e PA4]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote
Casas Desmontáveis - PA3 e PA4 | Nº 132 | Escala: 1/50

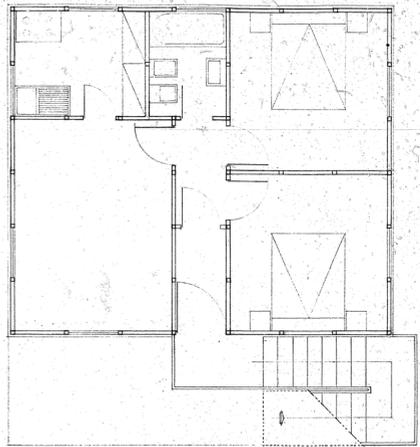
Obs.: O PA3 é constituído por dois pisos e o PA4 apenas por um
Estudo: R.Ramos | Verificação: J.Archer

Data: 27 de Janeiro de 1954 | Fonte: Arquivo EDP





CAVE DO PA3



PISO UNICO DO PA4 E PISO SUPERIOR DO PA3

EHIF-FT
MICROFILMAGEM EFECTUADA
N.º DE REGISTO. 013377

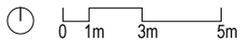
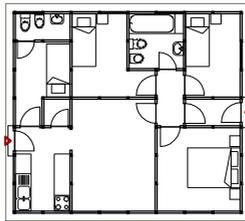
| | | | |
|---|------------------------|-------------------------|--|
| HIDRO
ELECTRICA
DO
DOURO
S.A.R.L. | AREA ESCALAO DE PICOTE | | Obs: O PA3 e COMPOSTO |
| | N.º 132 | | PARA O PISO 3.º DO PA4 |
| | Area. m² | Escala | APENAS POR E |
| | 7.780 | 1:50 | |
| Substitui o n.º 27 | | Substituido em 10/11/84 | |
| CASAS DESMONTAVEIS | | | PA3 PA4 |
| S.A.R.L. | | | Esc. 18/11/84 A. Nemo
Des. 18/11/84 J. A. S.
Cop. 18/11/84
Verif. 18/11/84
Aprov. 18/11/84 |

022| Habitação Temporária para Pessoal Auxiliar - tipo 5 [PA5]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote
Casas Desmontáveis - PA5 | Nº 267 | Escala: 1/50

Estudo: J.Archer

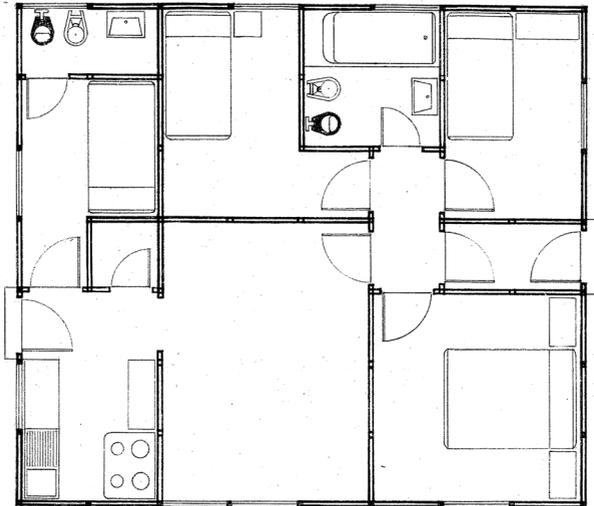
Data: 31 de Abril de 1954 | Fonte: Arquivo EDP



TRABALHADORES X 4



1 X CRIADA



EHIP-PT
MICROFILMAGEM EFECTUADA
N.º DE REGISTO 013381

| | | | |
|---------------------------------|----------------------|----------------------|----------------|
| HIDRO ELECTRICA DO DOURO | | S.A.R.L. | |
| REFERENCIA: | ESCALÃO DE PICOTE | CLASSE: I-728 | N.º 267 |
| CASAS DESMONTÁVEIS | | | ESCALA |
| PA5 | | | 1:50 |
| PROJETADO Nº: | SUBSTITUÍDO PELO Nº: | | |
| POR FRANCO ALVES | VERIF. EM / / | ARMÁRIO Nº | |
| DE Leal | 13.9.58 | 1 | |
| | ADOT. 13.9.58 | | |



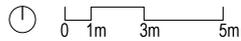
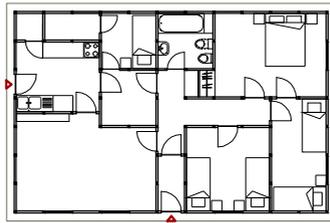
4. Desenhos

023| Habitação Temporária para Pessoal Auxiliar - tipo 6 [PA6]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote
Casas Desmontáveis - PA6 | Nº 268 | Escala: 1/50

Estudo: J.Archer

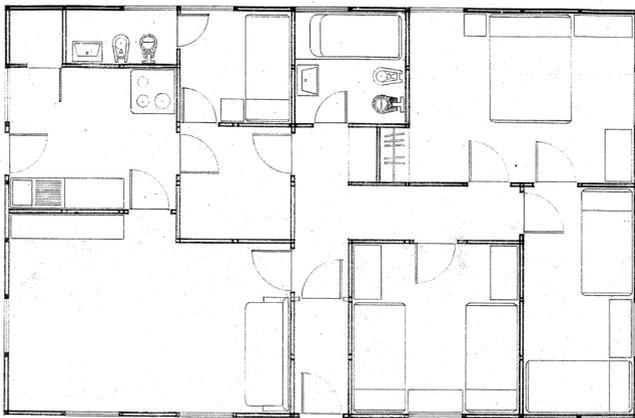
Data: 27 de Maio de 1954 | Fonte: Arquivo EDP



TRABALHADORES X 6



1 X CRIADA



EHIF-FT
 MICROFILMAGEM EFECTUADA
 N.º DE REGISTO 013882

| HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO | | 2.2.1 | |
|-------------------------------|----------------------|----------------------|----------------|
| DESCRICÇÃO: ESCALÃO DE PICOTE | | CLASSE: J-720 | N.º 268 |
| CASAS DESMONTÁVEIS
PA 6 | | | ESCALA
1:50 |
| SUBSTITUIÇÃO N.º | SUBSTITUÍDO PELO N.º | | ARMÁRIO N.º |
| EST. POR: <i>ARQUIV</i> | 12/05/52 | VEDIF: <i>ARQUIV</i> | 02/5/54 |
| DES. POR: <i>Leal</i> | 18/08/54 | APROV: <i>Leal</i> | 02/5/54 |
| REP. POR: | 1/1 | | |

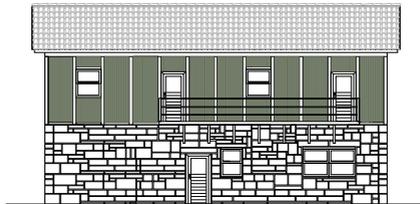
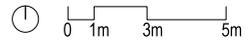
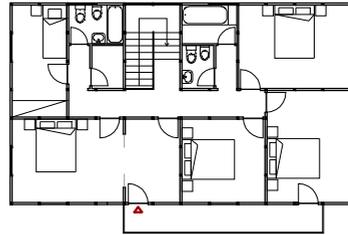
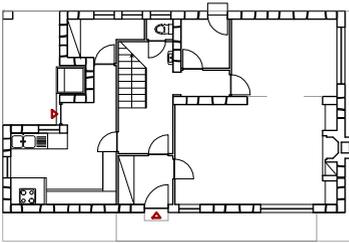
024| Habitação Temporária para Pessoal Dirigente - tipo 1 [PD1]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote

Casas Desmontáveis - PD1 | Nº 128 | Escala: 1/50

Estudo: R.Ramos | Verificação: J.Archer

Data: 27 de Janeiro de 1954 | Fonte: Arquivo EDP



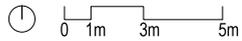
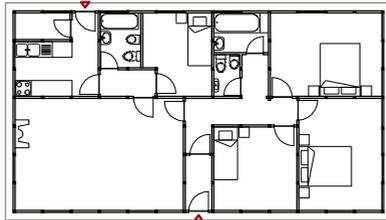
025| Habitação Temporária para Pessoal Dirigente - tipo 2 [PD2]

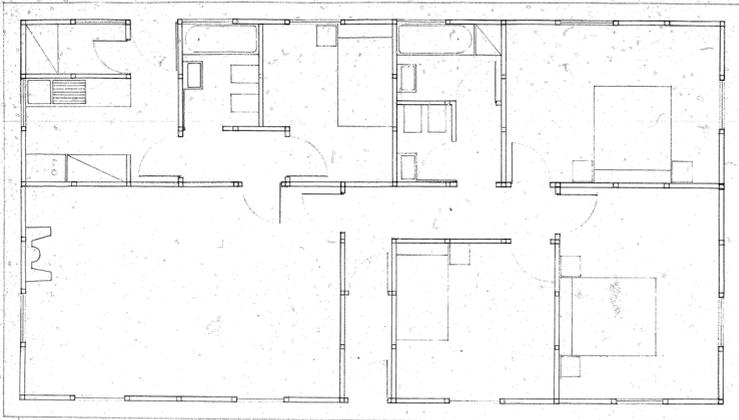
HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote

Casas Desmontáveis - PD2 | N° 129 | Escala: 1/50

Estudo: R.Ramos | Verificação: J.Archer

Data: 22 de Janeiro de 1954 | Fonte: Arquivo EDP





44,05

7,60

EHIF-ET
MICROFILMAGEM EFECTUADA
N.º DE REGISTO 013375

| | | | |
|---|---------------------------|----------------------|------|
| HIDRO
ELECTRICA
DO
BOURO
S.A.R.L. | REFECAÇÃO DE PIQUETS | | G211 |
| | N.º 129 | 4:50 | |
| | Arm. n.º 2-728 | | |
| | Substitui o n.º 23 | Substituido esta n.º | |
| CASAS DESMONTAVEIS | | | |
| PD2 | | | |
| Dist. | 18/12/194 | Assin. | |
| Des. | 18/12/194 | | |
| Con. | 18/12/194 | | |
| Verif. | 18/12/194 | | |
| Visto | 18/12/194 | | |

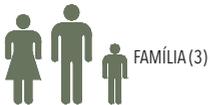
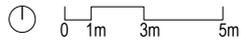
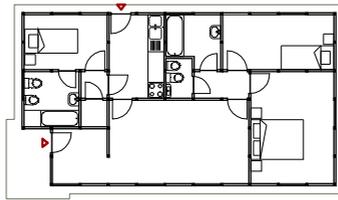
026| Habitação Temporária para Pessoal Dirigente - tipo 3 [PD3]

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO - S.A.R.L. | Ref.: Escalão de Picote

Casas Desmontáveis - PD3 | Nº 25 | Escala: 1/50

- substituído pelo nº130 - ao qual não houve acesso

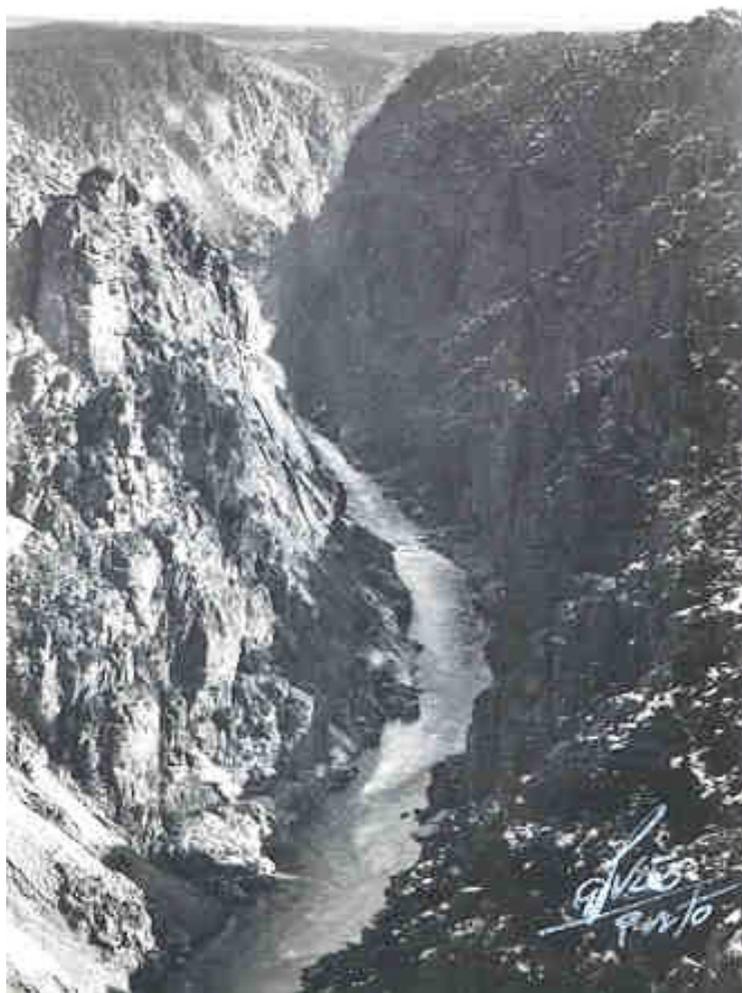
Data: sem informação | Fonte: Arquivo EDP



5. FOTOGRAFIAS

5.1. A construção da barragem.

5. Fotografias

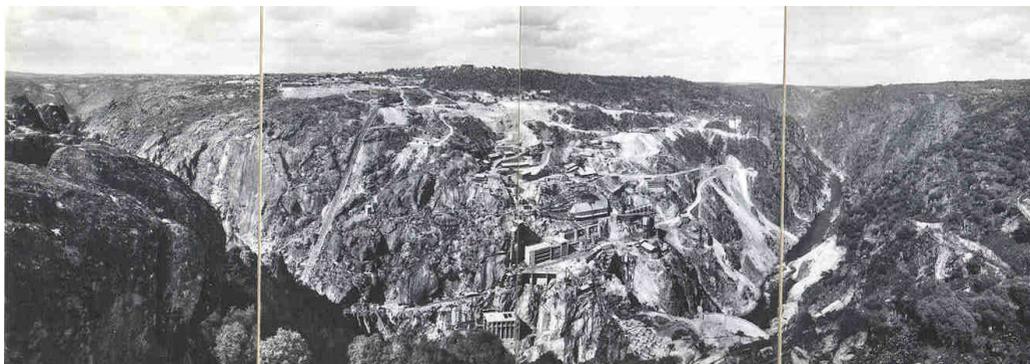


027| As margens estreitas e abruptas do rio Douro Internacional.
1953



028| As margens estreitas e abruptas do rio Douro Internacional e o planalto Transmontano.
1953

5. Fotografias



029| Margem esquerda do rio Douro. Vista sobre o estaleiro da barragem.
1955



030 | Plano inclinado com 4 vias para elevação dos produtos de escavação.
22 Fevereiro 1956

5. Fotografias

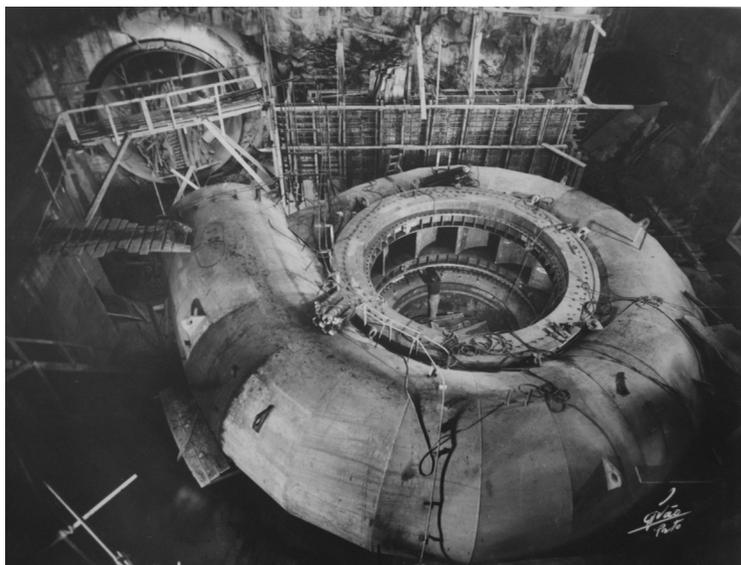


031 | Os trabalhadores dentro do trampolim da barragem.
1956



032 | Construção da abóboda da Central de Turbinas.
Dezembro 1956

5. Fotografias



033 | Montagem de uma turbina (Grupo II)
Maio 1957



034 | Galeria de descarga - boca de entrada, pórtico de suspensão da comporta.
Julho 1957

5. Fotografias



035 | Trampolim do descarregador de cheias - saída das águas turbinadas
Outubro 1957



036 | Galerias de aspiração - entrada de água nas turbinas.
Novembro 1957

5. Fotografias



037 | Edifício do comando - vista exterior da entrada. À esquerda, túnel de acesso rodoviário à central.
1959



038 | Edifício do comando -- zona interior de acessos
1959

5. Fotografias



039 | Central de turbinas - 3 grupos geradores.
1959



040 | Poço das barras. Acesso entre o Edifício do Comando e a Central.
1959

III. PROCESSO DE ANÁLISE

6. REGISTO

6.1. As Habitações Temporárias na actualidade

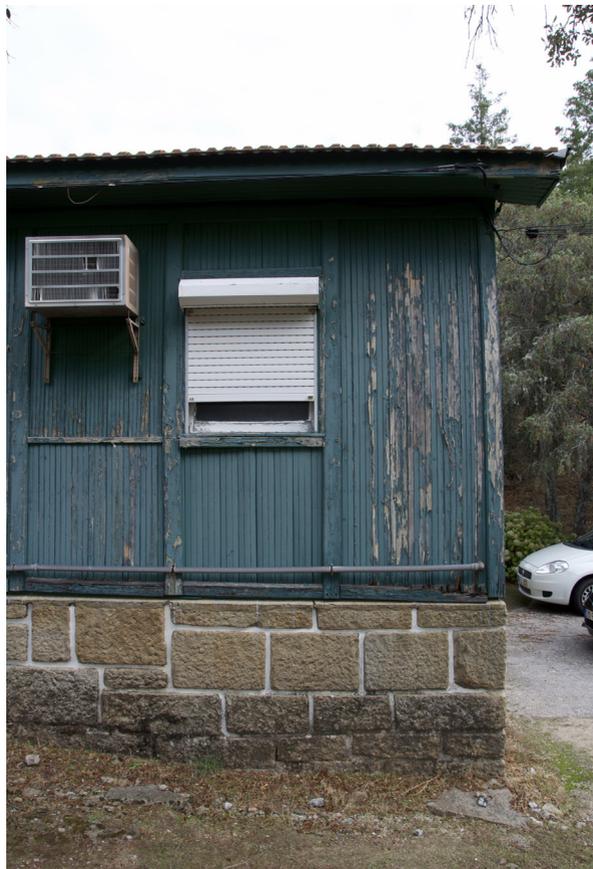
6. Registo



041 | Casa para Pessoal Auxliar. Actualmente habitação para o Pessoal da EDP.
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins



042 | Casa para Pessoal Auxiliar. Actualmente habitação para o Pessoal da EDP.
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins



043 | Casa para Pessoal Auxliar. Janela de guilhotina.
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins



044 | Casa para Pessoal Auxiliar. Porta de entrada.
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins

6. Registo



045 | Casa para Pessoal Auxliar. Pormenor.
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins



046 | Casas para Pessoal Especializado. Anexos dos quintais.
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins

6. Registo



047 | Casas para Pessoal Especializado com anexo no quintal.
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins



048 | Casas para Pessoal Especializado. Embasamento que permaneceu após o desmonte da casa.
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins

6. Registo



049 | Casas para Pessoal Especializado.
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins





051 | Casas para Pessoal Especializado.
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins



6. Registo



053 | Casas para Pessoal Especializado.
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins



054 | Casas para Pessoal Especializado. Quintal com galinhas e anexo.
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins



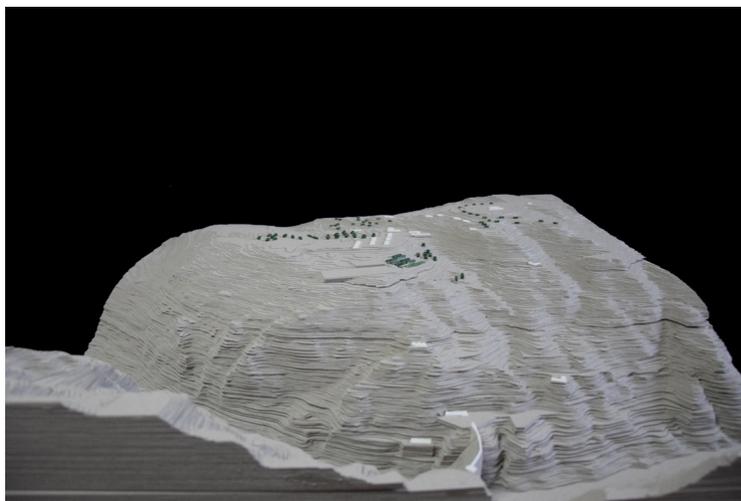
055 | Garagens
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins



056 | Garagens
Outubro 2016 | Autor: Andreia Martins

6.2. Maquete Territorial

6. Registo



057 | Vista margem Espanha (Sul)

Verde: construções temporárias | Branco: construções definitivas

Escala 1:2000 | Cartão prensado 1mm | 11.Julho.2018 | Autor: Andreia Martins



058 | Vista do bairro (Sul)

Verde: construções temporárias | Branco: construções definitivas

Escala 1:2000 | Cartão prensado 1mm | 11.Julho.2018 | Autor: Andreia Martins

6. Registo



059 | Vista do bairro, a jusante da barragem (Este)

Verde: construções temporárias | Branco: construções definitivas

Escala 1:2000 | Cartão prensado 1mm | 11.Julho.2018 | Autor: Andreia Martins



060 | Vista aérea do bairro (Este)

Verde: construções temporárias | Branco: construções definitivas

Escala 1:2000 | Cartão prensado 1mm | 11.Julho.2018 | Autor: Andreia Martins

6. Registo



061 | Vista do bairro, a montante da barragem (Oeste)
Verde: construções temporárias | Branco: construções definitivas
Escala 1:2000 | Cartão prensado 1mm | 11.Julho.2018 | Autor: Andreia Martins



062 | Vista do bairro (Oeste)

Verde: construções temporárias | Branco: construções definitivas

Escala 1:2000 | Cartão prensado 1mm | 11.Julho.2018 | Autor: Andreia Martins

7. ANÁLISE DOS RELATÓRIOS DE OBRA

7.1. Categorias Profissionais

063 | TABELA

Listagem de todas as categorias profissionais e contagem dos trabalhadores mínimos e máximos contabilizados em cada categoria.

O dados que permitiram realizar esta tabela foram retirados dos seguintes relatórios:

- Relatório de Obra: 16 Novembro - 22 Novembro de 1953
- Relatório de Obra: 30 Novembro - 6 Dezembro de 1953
- Relatório de Obra: 7 Dezembro - 13 Dezembro de 1953
- Relatório de Obra: 14 Dezembro de 1953 - 10 Janeiro de 1954
- Relatório de Obra: 11 Janeiro - 17 Janeiro de 1954
- Relatório de Obra: 18 Janeiro - 24 Janeiro de 1954
- Relatório de Obra: 25 Janeiro - 31 Janeiro de 1954
- Relatório de Obra: 1 Fevereiro - 7 Fevereiro de 1954
- Relatório de Obra: 8 Fevereiro - 14 Fevereiro de 1954
- Relatório de Obra: 15 Fevereiro - 21 Fevereiro de 1954
- Relatório de Obra: 25 Fevereiro - 7 Março de 1954
- Relatório de Obra: 8 Março - 14 Março de 1954
- Relatório de Obra: 15 Março - 21 Março de 1954
- Relatório de Obra: 21 Março - 3 Abril de 1954
- Relatório de Obra: 3 Maio - 23 Maio de 1954
- Relatório de Obra: Julho 1954 (Relatório Mensal)

| mínimo ao serviço | CATEGORIAS PROFISSIONAIS | máximo ao serviço |
|-------------------|--------------------------|-------------------|
| - | Betoneiras | 1 |
| 2 | Britadores | 16 |
| 2 | Bulldozers | 3 |
| 2 | Camionetas | 3 |
| - | Canalizador | 3 |
| 2 | Capatazes | 15 |
| 6 | Carpinteiro | 85 |
| - | Ajudante Carpinteiro | 1 |
| 3 | Compressores | 7 |
| - | Electricista | 1 |
| 1 | Encarregados | 9 |
| 1 | Ferramenteiro | 6 |
| 1 | Ferreiro | 9 |
| - | Ajudante Ferreiro | 1 |
| 2 | Fiscais | 11 |
| 6 | Marteleiro | 26 |
| 6 | Ajudante Marteleiro | 27 |
| 4 | Martelos | 19 |
| 4 | Mecânico | 4 |
| - | Mineiros | 4 |
| - | Moldador de Ferro | 1 |
| 11 | Montantes | 52 |
| 6 | Motoristas | 16 |
| 1 | Ajudante Motorista | 3 |
| 1 | Paquete | 2 |
| 15 | Pedreiros | 236 |
| 1 | Pincheleiro | 17 |
| - | Ajudante Pincheleiro | 1 |
| - | Pintor | 16 |
| - | Plantão | 1 |
| 1 | Rapazes | 24 |
| - | Saneadores | 2 |
| - | Serralheiro | 1 |
| 53 | Trabalhadores | 477 |
| - | Tratores | 1 |
| 3 | Trolha | 47 |
| 2 | Vagonetas | 10 |

6.1. Evolução das Construções Temporárias

064 | TABELA

NOTAS:

Os 4 tons de cinzento correspondem, respectivamente, aos anos de 1953, 1954, 1955, 1956.

Os números que preenchem a grelha são relativos ao Mês. (Ex. Iniciaram os levantamentos das zonas a edificar um PT em Outubro de 1953)

O dados que permitiram realizar esta tabela foram retirados dos seguintes relatórios:

Relatório de Obra: 30 Agosto - 5 Setembro de 1953
Relatório de Obra: 7 Setembro - 13 Setembro de 1953
Relatório de Obra: 14 Setembro - 19 Setembro de 1953
Relatório de Obra: 21 Setembro - 26 Setembro de 1953
Relatório de Obra: 28 Setembro - 3 Outubro de 1953
Relatório de Obra: 5 Outubro - 10 Outubro de 1953
Relatório de Obra: 11 Outubro - 17 Outubro de 1953
Relatório de Obra: 18 Outubro - 24 Outubro de 1953
Relatório de Obra: 25 Outubro - 31 Outubro de 1953
Relatório de Obra: 2 Novembro - 7 Novembro de 1953
Relatório de Obra: 8 Novembro - 15 Novembro de 1953
Relatório de Obra: 16 Novembro - 22 Novembro de 1953
Relatório de Obra: 23 Novembro - 29 Novembro de 1953
Relatório de Obra: 30 Novembro - 6 Dezembro de 1953
Relatório de Obra: 7 Dezembro - 13 Dezembro de 1953
Relatório de Obra: 14 Dezembro de 1953 - 10 Janeiro de 1954
Relatório de Obra: 11 Janeiro - 17 Janeiro de 1954
Relatório de Obra: 18 Janeiro - 24 Janeiro de 1954
Relatório de Obra: 25 Janeiro - 31 Janeiro de 1954
Relatório de Obra: 1 Fevereiro - 7 Fevereiro de 1954
Relatório de Obra: 8 Fevereiro - 14 Fevereiro de 1954
Relatório de Obra: 15 Fevereiro - 21 Fevereiro de 1954
Relatório de Obra: 25 Fevereiro - 7 Março de 1954
Relatório de Obra: 8 Março - 14 Março de 1954
Relatório de Obra: 15 Março - 21 Março de 1954
Relatório de Obra: 21 Março - 3 Abril de 1954
Relatório de Obra: 3 Maio - 23 Maio de 1954
Relatório de Obra: Junho 1954 (Relatório Mensal)
Relatório de Obra: Julho 1954 (Relatório Mensal)
Relatório de Obra: Outubro 1954 (Relatório Mensal)
Relatório de Obra: Novembro 1954 (Relatório Mensal)
Relatório de Obra: Junho 1955 (Relatório Mensal)
Relatório de Obra: Julho 1955 (Relatório Mensal)

A Habitação Temporária no Barrocal do Douro - Picote, 1953-1957. ANEXOS

| | Pessoal Trabalhador | | | | | | | | | Pessoal | | | |
|----------------------------|---------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|---------|--------|--------|--------|
| | PT 1 | PT 2 | PT3 | PT4 | PT5 | PT6 | PT7 | PT8 | PT9 | PES1-1 | PES1-2 | PES2-1 | PES2-2 |
| levantamento zona | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 11 | 11 | 11 | 11 |
| escavações fundação | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | | | | |
| fundações | 2 | 2 | 2 | 2 | 3 | 2 | 2 | 2 | 2 | 1 | 2 | 4 | 4 |
| alvenaria fundação | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. |
| montagem | 3 | 4 | 5 | 5 | 5 | | | | | 4 | 3 | | |
| cobertura | 4 | | | | | | | | | | | | |
| pedreiro | | | | | | | | | | | | | |
| pavimentos | | | | | | | | | 11 | | | | |
| saneamento | | 5 | | | | | | | | | | | |
| pintura exterior | | | | | | | | | | | | | |
| acabamentos | 5 | | | | | 11 | 11 | 11 | | 5 | | | 5 |
| terminado | 9 | 7 | 7 | 9 | 8 | | | | | 6 | | 8 | 6 |

Utilizadores por tipologia 80 +1 80 +1 80 +1 80 +1 80 +1 80 +1 80 +1 80 +1 80 +1 80 +1 40 40 40 40

Evolução da população:

| | | | | | | | | | | | | | |
|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
| 81 | 81 | 81 | 81 | 81 | 81 | 81 | 81 | 81 | 81 | 40 | 40 | 40 | 40 |
| 81 | 81 | 81 | 81 | 81 | 81 | 81 | 81 | 81 | 81 | 40 | 40 | 40 | 40 |

Meses 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

Anos

| | | | | | | | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|-----|-----|------|-----|--|--|--|
| 1953 | | | | | | | | | | | | | |
| 1954 | | | | | | | 162 | 388 | 203 | 248 | | | |
| 1955 | | | | | | | | | 1169 | | | | |
| 1956 | | | | | | | | | | | | | |

7. Análise dos Relatórios de Obra

| Especializado Solteiro | | | | | | | Pessoal Especiali: | | | | | | | | | | |
|------------------------|--------|--------|------|------|------|------|--------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| PES2-3 | PES2-4 | PES2-5 | PES | PES | PES | PES | PE1-1 | PE1-2 | PE1-3 | PE1-4 | PE1-5 | PE1-6 | PE1-7 | PE1-8 | PE1-9 | PE2-1 | PE2-2 |
| 11 | 11 | 11 | 11 | 11 | 11 | 11 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 |
| | | | | | | | 1 | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | 1 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | | |
| n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. |
| | | | | | | | | 3 | | | | | 11 | 11 | 11 | | |
| | | | | | | | 3 | 3 | 4 | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | 3 | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | 7 | 7 | 7 | 8 | 9 | 9 | | | | | |
| 40 | 40 | 40 | 40 | 40 | 40 | 40 | 12 | 12 | 12 | 12 | 12 | 12 | 12 | 12 | 12 | 13 | 13 |
| | | | | | | | 12 | 12 | 12 | 12 | 12 | 12 | | | | | |
| 40 | 40 | 40 | 40 | 40 | 40 | 40 | 12 | 12 | 12 | 12 | 12 | 12 | 11 | 11 | 11 | 13 | 13 |

12

- 1009
- 1213
- 1603

A Habitação Temporária no Barrocal do Douro - Picote, 1953-1957. ANEXOS

| ado | | | | | | | | | | Pessoal Au | | | | | | | |
|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|--------|-------|------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--|
| PE2-3 | PE2-4 | PE2-5 | PE2-6 | PE2-7 | PE2-8 | PE2-9 | PE2-10 | PE2-11 | PA1-1 | PA1-2 | PA2-1 | PA2-2 | PA2-3 | PA2-4 | PA2-5 | PA2-6 | |
| 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | 1 | 3 | 3 | 3 | | 4 | | | |
| n.a. | n.a. | 3 | 3 | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | |
| | 6 | 6 | 6 | 6 | | | | | | | | | | 5 | | | |
| | | | | | | | | | 4 | | | | | 8 | 8 | 8 | |
| | | | | | | | | | | 4 | | | | | | | |
| | | | | | | | | | 5 | | | | | 8 | 6 | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | 5 | 5 | 5 | | | | | | |
| | | | | | | | | | 5 | 5 | 5 | | | | | | |
| | | 8 | 8 | | | | | | 7 | 7 | 8 | 6 | 8 | | | | |

13 13 13 13 13 13 13 13 13 5+1 5+1 4+1 4+1 4+1 4+1 4+1 4+1

| | | | | | | | | | | | | | | | | |
|----|----|----|----|----|----|----|----|----|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | 6 | 6 | 5 | 5 | 5 | | | |
| 13 | 13 | 13 | 13 | 13 | 13 | 13 | 13 | 13 | 6 | 6 | 5 | 5 | 5 | 5 | 5 | 5 |

7. Análise dos Relatórios de Obra

| xiliar | | | | | | | Pessoal Dirigente | | | | | | | | | |
|--------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| PA2-7 | PA3-1 | PA3-2 | PA3-3 | PA5-1 | PA5-2 | PA6-1 | PD1-1 | PD2-1 | PD2-2 | PD2-3 | PD2-4 | PD2-5 | PD2-6 | PD2-7 | PD2-8 | PD2-9 |
| | | | | | | | 11 | 11 | 11 | 11 | 11 | 11 | 11 | 11 | 11 | 11 |
| | | | | | | | 12 | 11 | 11 | 12 | 12 | | 2 | | | |
| | 3 | 4 | 5 | | | | 1 | 12 | 12 | 1 | 1 | 1 | 3 | | | |
| n.a. | | | | n.a. | n.a. | n.a. | | n.a. |
| 11 | | 5 | | | | | | 1 | 1 | 1 | | 3 | | | | |
| | | | | | | | 2 | 1 | 2 | 2 | 1 | 4 | | 7 | 7 | 7 |
| | 4 | | | | | | 1 | | | | | | | | | |
| | | | | | | | 3 | 1 | | | 2 | | 5 | | | |
| | | | | | | | | 2 | 2 | 2 | 2 | | | | | |
| | | | | | | | | | | | 3 | | | | | |
| | 5 | | | | | | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | | | | | |
| 8 | 8 | 6 | 6 | 8 | | 8 | 6 | 6 | 6 | 6 | 7 | 7 | 7 | 8 | 8 | 8 |

ETELI OPCA

4+1 4+1 4+1 4+1 4+1 4+1 6+1 8+1 5+1 5+1 5+1 5+1 5+1 5+1 5+1 5+1 5+1

| | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 5 | 5 | 5 | 5 | 5 | 7 | 9 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 |
| 5 | 5 | 5 | 5 | 5 | 5 | 7 | 9 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 |

A Habitação Temporária no Barrocal do Douro - Picote, 1953-1957. ANEXOS

| PD3-1 | PD3-2 | PD3-3 | PD3-4 | PD4-1 | PD4-2 | PD4-3 | PD4-4 |
|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 11 | 11 | 11 | 11 | 11 | 11 | 11 | 11 |
| 11 | | | | | | | |
| 1 | 1 | 1 | | | | | |
| n.a. |
| | | | | | | | |
| 3 | 3 | 3 | 6 | | | | 8 |
| | | | | | | | |
| 5 | 4 | 4 | 6 | | | | 6 |
| 2 | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| 8 | 9 | 7 | | | | 8 | |

| 3+1 | 3+1 | 3+1 | 3+1 | 6+1 | 6+1 | 6+1 | 6+1 | Total Anual | Ano |
|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-------------|------|
| | | | | | | | | 0 | 1953 |
| 4 | 4 | 4 | | | | | | 1072 | 1954 |
| 4 | 4 | 4 | 4 | 7 | 7 | 7 | 7 | 1603 | 1955 |
| | | | | | | | | | 1956 |
| | | | | | | | | | 1957 |

sem dados

IV. OUTROS DOCUMENTOS

8. Habitação Temporária em Picote: arquitectura moderna e social?

- AUTORES: Andreia Martins¹
 Sofia Aleixo²
- ÂMBITO: X Congresso
 El Fundamento Social de la Arquitectura; De Lo Vernáculo y lo Moderno,
 una síntesis cargada de oportunidades
- ORGANIZAÇÃO: Fundação do_co,mo.mo_ibérico e COADE
DATA: 18, 19 e 20 de Abril. Badajoz 2018
- TEMA DE PARTICIPAÇÃO: Do Vernáculo e do Moderno
TIPO: Comunicação
- VALIDAÇÃO: Aprovada (não apresentada durante o Congresso)
 Irá incluir-se no Livro Das Actas do Congresso (à data desta Dissertação,
 não se encontra ainda publicado).
- ¹ Depto. de Arquitectura, Escola das Artes, Universidade de Évora, Évora, Portugal
² Investigadora associada do CHAIA e do IHC.-pólo CEHFCl, Depto. de Arquitectura, Escola das Artes,
Universidade de Évora, Évora, Portugal



065] Cartaz:

X Congreso (Badajoz, 2018), organizado pelo do_co,mo,mo_ibérico

"El fundamento social de la arquitectura; de lo Vernáculo y lo Moderno, una síntesis cargada de oportunidades

Habitação temporária em Picote: arquitetura moderna e social?

Andreia Martins¹, Sofia Aleixo²

¹Depto de Arquitetura, Escola das Artes, Universidade de Évora, Évora, Portugal | andreijomartins@gmail.com

²Investigadora associada do CHAIA e do IHC-pólo CEHFCI, Depto de Arquitetura, Escola das Artes, Universidade de Évora, Évora, Portugal | saleixo@uevora.pt

RESUMO

Na década de 50 do séc. XX, surgiram em Portugal políticas de desenvolvimento no âmbito da produção de eletricidade, originando a construção de três barragens no rio Douro no período de dez anos. O "Empreendimento Hidroelétrico do Douro Internacional/ Picote" ergueu-se no sítio do Barrocal do Douro, na freguesia que lhe dá nome, Picote (Bragança). De modo a alojar os cerca de 5.000 trabalhadores necessários para o erguer, foi delineado um plano urbano de equipamentos e habitações a dois tempos: a fase de construção, onde se incluíam equipamentos e casas temporárias com caráter desmontável para serem reutilizadas na construção das seguintes barragens, e a fase de pós-construção, de manutenção, onde se previa a construção de estruturas permanentes.

O projeto urbano e desenho arquitetónico das infraestruturas, técnicas e residenciais, é da autoria de três arquitetos formados pela E.S.B.A.P., o que conferiu a estas estruturas uma linguagem Moderna resultado das influências internacionais e de um ensino com enquadramento social.

Classificado como Conjunto de Interesse Público (Portaria n.º 623/2011), pelos valores patrimoniais que são reconhecidos às estruturas permanentes do bairro e da barragem, no local, algumas habitações temporárias permanecem, habitadas, o que confere a este tipo um valor social de enquadramento social.

Procura-se entender a arquitetura das habitações permanentes em Picote como moderna e com preocupações sociais, complementando uma leitura meramente formal e de fácil reconhecimento que a expressão arquitetónica proporciona. Ao se reconhecer nesta expressão arquitetónica os ideais do Movimento Moderno - princípios humanistas, funcionais e racionais reconhecidos no planeamento urbano e nas habitações - argumenta-se que a valorização patrimonial da dimensão social está presente em todas as construções reconhecidas como de conceção moderna, incluindo as temporárias.

PICOTE

No âmbito das políticas de desenvolvimento nacional para a produção de eletricidade, definiu-se a construção de três aproveitamentos hidroelétricos: Picote (1953-59), Miranda (1956-60) e Bemposta (1960-1964), projetadas no Gabinete de Arquitetura da Hidroelétrica do Douro (H.E.D.). O primeiro, distinguiu-se “por encarar todas as construções, quer as de âmbito produtivo, quer as de vocação social, com o mesmo potencial formal, representando, no seu conjunto, um expoente de referência para a indústria neotécnica nacional e para os protótipos internacionais” (Folgado, 2012, p.102).

O “Empreendimento Hidroelétrico do Douro Internacional/ Picote” ergueu-se no sítio do Barrocal do Douro, freguesia de Picote (concelho de Miranda do Douro, Bragança), e está classificado como Conjunto de Interesse Público (CIP) pelos seus valores patrimoniais e qualidades arquitetónicas de vários edifícios definitivos (Portaria n.º 623/2011), numa “pequena cidade ideal moderna”.

Além das estruturas referidas, indicadoras de integração social, o plano do Bairro contemplava valores sociais inerentes ao habitar moderno, patentes em habitações desenhadas para vários profissionais e por categorias, numa organização social a nível urbano. Porém, ressalta no bairro a relação desses princípios sociais no planeamento faseado da implantação e no desenho das construções, originando, em paralelo com a construção de estruturas permanentes, a construção de habitações temporárias para trabalhadores, para uma co-existência planeada durante 5 anos. Com o objectivo de valorizar estas construções temporárias, utilizar-se-ão como casos de estudo dois tipos de habitação que coexistiram, tendo na sua génese uma o intuito de permanecer e outra o de ser temporária.

As habitações temporárias foram concebidas num sistema de construção desmontável para serem reutilizadas na construção das seguintes barragens, tendo sido fundamentais no planeamento destes empreendimentos para alojar os milhares de trabalhadores deslocados necessários, e das que permaneceram no local resistindo ao tempo, são ainda algumas habitadas.

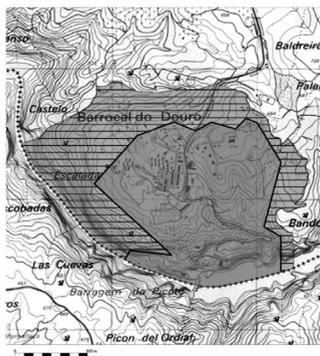


FIG. 1
Planta de delimitação da Zona
de Protecção e da Zona Especial
de Protecção (ZEP) anexa ao
documento CIP.

Escala 1:12.500 adapt. Carta
miliar 1:25000 (1996)
Fonte: Portaria n.º 623/2011

ARQUITETOS MODERNOS

João Archer de Carvalho (1928-), Rogério Ramos (1927-1976) e Manuel Nunes de Almeida (1924-2014), ingressaram na H.E.D. após terminarem o curso de Arquitetura. Alunos desde 1944 na Escola Superior de Belas Artes do Porto (E.S.B.A.P.), terá sido fundamental para a ética social a formação académica com o Mestre Carlos Ramos (1897-1969), orientada pelo programa da Bauhaus e em contacto com as novas linguagens internacionais modernas, incentivando a participação dos estudantes na ODAM e nos atelier-escola dos CIAM (Fernandes, 2016, p.20), as arquiteturas de Le Corbusier, Walter Gropius, (Milheiro, s.d.) Frank Lloyd Wright (Carvalho, 2013), de Adolf Loos (Almeida, 2013) e também de Lúcio Costa (Fátima, 2016), são influências reconhecidas por pelos autores do Bairro de Picote.

Segundo J. Figueira, é com Távora (1923-2005) que a Escola do Porto afirma o humanismo e "o homem como medida da arquitetura" (2007, p.35). A par dos anos do Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960), as arquiteturas do Douro Internacional afirmaram-se, considerando A. A. Costa, "a mais radical manifestação de Modernidade portuguesa", "moderna, civilizada, urbana, hierarquizada, de operários" (1998, p.10). E serão esses operários que motivarão o sentimento de que "o desenvolvimento industrial devia estender-se aos programas sociais, inseridos nas preocupações da primeira indústria, oferecendo um programa habitacional e organizacional da vida dos operários em torno da ideia de família industrial" (Folgado, p.303). Estes recém-formados arquitetos irão revelar não só as influências estéticas, mas também as preocupações sociais enquanto arquitetos que conhecem "as coisas, e os homens, e o mundo, e a vida" (Filgueiras, 1985, p.16).

Esta consciência social surge desde logo na definição do local de implantação do Bairro. Terá sido por imposição dos arquitetos, e contra a opinião dos engenheiros, que se implantou na zona de planalto, argumentando sobre a qualidade das vivências proporcionadas por aquele local (Cannatà & Fernandes, 1997, p.65).

FIG. 2
O arquiteto João Archer de Carvalho em visita ao local a implantar Picote.
Data: 1953
Fonte: FERNANDES, 2015, Anexos



Habitação Temporária em Picote: moderna e social?

No desenho urbano, temas como a orientação solar dos volumes, a distância entre eles e a relação entre conjuntos de diferentes categorias profissionais são considerados, resultando na utilização da topografia para implantar hierarquicamente o pessoal. O desenho contemplava quer construções definitivas, quer temporárias, agrupando as categorias de Pessoal temporariamente contratado em: Auxiliar (PA), Especializado (PE), Especializado Solteiro (PES), Dirigente (PD) e Trabalhador (PT). Os princípios tradicionalistas do Estado Novo encontram em Picote um novo lugar do habitar moderno, oferecendo instalações qualificadas, durante e após a obra, num sítio ermo, onde os valores sociais estabeleceram hierarquias e níveis de conforto diferenciados numa arquitetura social que dá resposta a um desígnio nacional.

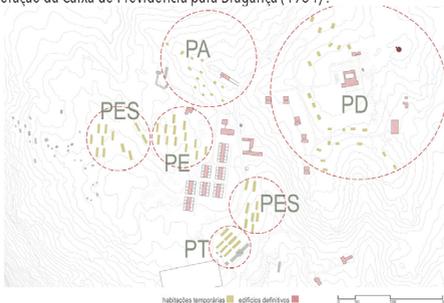
O DESENHAR DAS CASAS

Embora A. V. Milheiro considere que os projectos elaborados para Picote “resultam de um «verdadeiro espírito de equipa» e não de uma abordagem individualizada numa perspectiva de autor” (Milheiro, 2009), os próprios arquitetos, distinguem a autoria. João Archer de Carvalho refere em entrevista: “eu fiz as casas que foram a minha tese (...) fiquei com a parte do plano geral, da parte industrial, central, circuitos hidráulicos, todos esses equipamentos, toda a superfície, as praças, as ruas, os largos, as guardas, a iluminação. A parte habitacional ficou com o Nunes de Almeida” (Carvalho, 2013). Também a capela será assinada por Nunes de Almeida (Carvalho, s.d.), enquanto que a Pousada é da autoria de Rogério Ramos (Fernandes & Cannatà, 2011, p.12). Tal não invalida a partilha dos mesmos princípios estéticos e sociais apreendidos enquanto alunos da E.S.B.A.P., que se revelam no plano pensado em conjunto e enquanto equipa de arquitetos da H.E.D.

O HABITAR DAS HABITAÇÕES PERMANENTES

As Casas Definitivas do Pessoal Especializado (PE), projecto de João Archer de Carvalho, resultaram da adaptação da proposta apresentada no Concurso de Obtenção do Diploma de Arquitecto (C.O.D.A.): “Habitações Económicas da Federação da Caixa de Previdência para Bragança (1954)”.

FIG. 3
Planta Geral do Bairro:
organização de habitações
temporárias por categorias
profissionais (PA, PE, PES, PD
e PT) [verdes] em co-existência
com as estruturas definitivas,
habitações e equipamentos
[vermelhos].
Data: 1957
Fonte: CANNATÀ & FERNANDES,
1997, p.33



Habitação Temporária em Picote: moderna e social?

Estas Casas temporárias para o Pessoal Auxiliar (PA) alojam trabalhadores qualificados, como capatazes e encarregados, e uma criada, permitindo o acesso directo ao quarto, sem utilizar a zona comum, revelando a possibilidade de resguardar a intimidade. Neste tipo de casa o mobiliário é utilizado como elemento de compartimentação, como por exemplo entre quartos, os roupeiros desenham o acesso ao segundo quarto e ocultam a porta do wc. Construído com painéis pré-fabricados de madeira, os espaços são múltiplos do módulo base definido pelos painéis, com proporções relacionadas com as funções inerentes ao habitar moderno: os espaços internos não são resultado apenas da compartimentação mas de uma articulação de espaços hierarquicamente dimensionados e implantações que definem limites entre espaço privado do habitar e o espaço público reflectindo o estatuto social e a relação da categoria com o lugar.

CONCLUSÃO

No sentido de valorizar as habitações permanentes em Picote, enquadrou-se a arquitetura e urbanismo do Plano do Bairro no contexto político e educacional em que três arquitetos recém-formados delinearam o que seria conhecido por "Moderno escondido" português (Cannatà & Fernandes, 1997). Ao se reconhecerem ideais do Movimento Moderno nas habitações e no plano urbano, nomeadamente ao se constatar as preocupações sociais que estiveram subjacentes nos projetos de estruturas permanentes, possibilita-se a construção da hipótese de que a conceção arquitetónica das estruturas residenciais temporárias desenhadas para Picote refletirá uma arquitetura tão moderna quanto social. E se assim for, de idêntico valor patrimonial que as casas permanentes.

E será a aparente indiferença detetada na Portaria de classificação, a falta de reconhecimento por parte de plataformas como a Momove (Docomomo Virtual Exhibition) que em Picote apenas indicam a Capela e a Pousada como expressão do Movimento Moderno português, e a ausência de estudos sobre as habitações temporárias, que permitem a degradação e adulteração das habitações temporárias ainda existentes no bairro.



FIG. 5
Vista exterior de uma Casa
Temporária do Pessoal Auxiliar
(PA) de dois pisos, construída
por painéis pré-fabricados de
madeira no piso superior e
alvenaria no piso térreo.
Data: 17.08.1955
Fonte: Arquivo EDP

Habitação Temporária em Picote: moderna e social?

É a indiferença, reforçada pelo não reconhecimento do valor social como um valor patrimonial deste empreendimento, que motiva esta comunicação e a prossecução do estudo deste valor no âmbito da dissertação de M.I. em Arquitetura, na Universidade de Évora, no sentido de dar resposta holística à questão: "Habitação temporária em Picote: arquitetura moderna e social?".



FIG 6
Vista do bairro para a capela.
A Casa Temporária tipo PA com
marcas do uso e da permanência
de habitantes.
Data: 2012
Foto disponibilizada por: Adelino
Carvalho, antigo morador.

BIBLIOGRAFIA:

- ALMEIDA, Manuel Nunes de (2013). Testemunho em entrevista (audio). Porto, 5/Jun/2013
- CANNATÁ, Michele, FERNANDES, Fátima (1997). *Moderno Escondido - Arquitetura das Centrais Hidroelétricas do Douro 1953-1964*, Picote - Miranda - Bemposta, Porto: FAUP Publicações
- CARVALHO, João Archer de (2013). Testemunho em entrevista (audio). Porto, 5/Jun/2013
- CARVALHO, Jorge (s.d.). *Capela de Picote*. <http://www.docomomoiberico.com/>
- COSTA, Alexandre Alves. *A Modernidade como Valor Absoluto* (1997), in CANNATÁ, Michele, FERNANDES, Fátima, *Moderno Escondido - Arquitetura das Centrais Hidroelétricas do Douro 1953-1964*, Picote - Miranda - Bemposta (p.9-11) Porto: FAUP Publicações
- FERNANDES, Fátima (2015). *La arquitectura en la construcción del Paisaje. Herramientas y principios de los proyectos del Duero Internacional (1953-1964) en su relación con la Escuela de Oporto*. Madrid: E.T.S. Arquitectura
- FERNANDES, Fátima, CANNATÁ, Michele (2011) *Reabilitação da Pousada de Picote*. Lisboa: Caleidoscópio.
- FIGUEIRA, Jorge (2002). *Escola do Porto: Um Mapa Crítico*. Coimbra: e | d | arq, DAFCTUC
- FIGUEIREDO, Paula (2005). *Conjunto Habitacional da Central Hidroelétrica de Picote* <http://www.monumentos.gov.pt/>
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa (1985). *Da Função Social do Arquiteto*, Porto: E. S. B. A. P.
- FOLGADO, Deolinda (2012). *A Nova Ordem Industrial no Estado Novo (1933-1968) Da fábrica ao território de Lisboa*. Livros Horizonte
- MILHEIRO, Ana Vaz (2009). João Archer & Manuel Nunes de Almeida, os arquitectos do segundo modernismo. *Jornal Arquitectos*, Ser Português, 237, p. 18-23
- PEQUITO, Lurdes (2015). *Hidroeletricidade e identidade social. A técnica como memória barista (Picote, Trás-os-Montes)*. Lisboa: ISCTE, IUL
- PORTARIA nº623/2011, DR: 29/06/2011